

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA
NÍVEL MESTRADO

SOBRE O PROCESSO DE INTERPELAÇÃO DA CRIANÇA E O
DISCURSO DA LITERATURA INFANTIL:
ANÁLISE DO CONTO “O PATINHO FEIO”

Daniela Botti da Rosa

Orientadora: Dra. Maria Virgínia Borges Amaral

Maceió

2010

Daniela Botti da Rosa

**SOBRE O PROCESSO DE INTERPELAÇÃO DA CRIANÇA E O
DISCURSO DA LITERATURA INFANTIL:
ANÁLISE DO CONTO “O PATINHO FEIO”**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob orientação da prof^a. Dr^a. Maria Virgínia Borges Amaral

Maceió

2010

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Dilma Maria dos Santos Cunha

R788s Rosa, Daniela Botti da.
Sobre o processo de interpelação da criança e o discurso da literatura infantil
:análise do conto “ o patinho feio” / Daniela Botti da Rosa. – Maceió, 2010.
169 f.

Orientador: Maria Virgínia Borges Amaral.
Dissertação (mestrado em Letras e Linguística: Estudos Literários) –
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação
em Letras e Linguística. Maceió, 2010.

Bibliografia: f. 130-134.
Anexos: f.135-169.

1. Literatura infantil. 2. Análise do discurso. 3. Socialização. 4. Interpelação
I.Título.

CDU: 801.542


TERMO DE APROVAÇÃO

DANIELA BOTTI DA ROSA

Título do trabalho: "SOBRE O PROCESSO EDUCACIONAL DA CRIANÇA E A LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE DO CONTO 'O PATINHO FEIO'"

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de **MESTRE** em ESTUDOS LITERÁRIOS, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

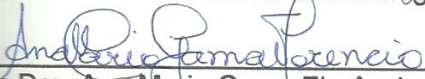


Profa. Dra. Maria Virginia Borges Amaral (PPGLL/UFAL)

Examinadores:



Profa. Dra. Belmira Rita da Costa Magalhães (PPGLL/UFAL)



Profa. Dra. Ana Maria Gama Florêncio (CEDU/UFAL)

Maceió, 08 de fevereiro de 2010.

AGRADECIMENTOS

- À Maria Virgínia Borges Amaral, orientadora e amiga, exemplo de mulher-profissional-pesquisadora, que me acolheu desde o primeiro instante nessa jornada, e que continua a caminhar comigo, obrigada por assumir o risco de plantar em novos canteiros.
- Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, em especial à Belmira Magalhães e Ana Maria Gama Florêncio, pela leitura crítica e atenta, instigando o melhor em mim.
- À FAPEAL, pelo apoio financeiro, sem o qual esta pesquisa não teria sido concluída a tempo.
- Aos funcionários da FALE, especialmente à Inês e ao Judson, pela paciência e estímulo.
- Aos colegas do mestrado, pelas conversas deliciosas e apoio contínuo. Especialmente à Ahiranie e Lisiane, amigas queridas de agora para sempre.
- À querida amiga Carla Letuza, por guiar meus primeiros passos na AD. Distante, mas não ausente.
- À minha família e amigos, pelo apoio emocional e logístico que envolveram a tessitura desta dissertação, ao mesmo tempo em que precisava dar conta de “educar” uma criança.
- À LAURA, luz da minha vida, por compreender, nos seus longos quatro anos, que estudar é “coisa séria”, que “gente grande” também vai à “escolinha” e também tem “tarefinhas” a cumprir. Obrigada por escutar minhas histórias. Obrigada por me contar as suas, pontilhando de graça e ludicidade o meu mundo. Obrigada por preencher os espaços vazios. Obrigada por existir.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado busca analisar o conto “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, através do dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), na perspectiva pechetiana, com o objetivo de verificar a construção de sentidos sobre a criança e sobre o adulto, dentro do processo de socialização que implica a transmissão das regras e valores da sociedade para a criança. Esta pesquisa vê a literatura infantil, como parte de um movimento, com o objetivo de produzir a identificação da criança com os lugares sociais predefinidos, que produz uma idealização de comportamentos aceitáveis. Assim sendo, convida a criança a reproduzir os sentidos da sociedade em que vive, funcionando pela manutenção e conservação dessa sociedade. No entanto, como não existe identificação plenamente bem sucedida, há constantemente a possibilidade de o sujeito falar de outro lugar (desidentificação), bem como a necessidade constante de manter o sujeito no seu lugar, através da inculcação. O discurso literário, fazendo parte do discurso artístico, funciona tanto como representação da sociedade, como pela sua constante transformação. Da mesma forma, o sujeito (do ponto de vista da AD) é constantemente interpelado pela sociedade em que vive, bem como age e transforma essa sociedade.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Análise do Discurso. Socialização. Sujeito. Identificação. Interpelação.

ABSTRACT

This work looking analyze the story The Ugly Duck, of Hans Christian Andersen, through of device theoretical-methodological of Speech Analyze french line (AD), in pechetiana's perspective, with the objective to verify the construction of senses about the child and the adult, in to the educational process, involving transmission of rules and values of society to child. A children's literature, as part of a big moviment of produce to identification of child, identification with the defined social places, together with the family and the school, produces an idealization of acceptable behaviors and the punishment of the unacceptable ones. Like this being, it invites the child to reproduce the senses of the society in that he/she lives, working for the maintenance and conservation of that society. However, as identification it doesn't complete, there is constantly the subject's possibility to speak of another place (no identification), as well as the constant need to maintain it, to keep the subject in his place, through the inculcação. The literary speech, being a part of artistic speech, works as representing the society, as producing its constant transformation. In the same form, the subject (in poin of view of AD) is constantly questioned (interpelado) to society, as well works and transforms this society.

Key-words: Children's Literature. Speech Analyze. Educational Process. Subject. Identification. Interpelação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	15
1.1 Discurso: Espessura ou Linearidade?	15
1.1.1 Ideologia, Formações Ideológicas.....	17
1.1.2 Sentido, Sujeito, Formações Discursivas.....	22
1.1.3 Interdiscurso, Preconstruído.....	28
1.2 A Metodologia da Pesquisa em AD: uma Leitura nas Entrelinhas	30
2 DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO	35
2.1 A Construção da Infância – do Anonimato à Individualidade	35
2.2 A Constituição da Literatura	48
2.2.1 A Memória das Histórias – Construção da Literatura Infantil.....	51
2.3 O Discurso da Literatura Infantil	57
3 DAS ANÁLISES	65
3.1 Assim são as Coisas no Mundo	69
3.2 A Voz da Sabedoria	91
3.3 O Estranho no Ninho	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	130
ANEXOS	135

INTRODUÇÃO

Tudo é misterioso, nesse reino que o homem começa a desconhecer desde que o começa a abandonar. (...) Quem pudesse crescer sem perder a memória da infância, sem esquecer a sensibilidade que teve, a claridade que cintilava dentro da sua *ignorância*¹, e os seus embarques por essas auroras de aventuras que se abriam nas páginas dos livros! (MEIRELES, 1979, p.27)

Era uma vez... em um tempo não tão distante, procurávamos reunir duas paixões teóricas em nossa prática de trabalho: a Psicanálise e a Literatura. Através de experiência clínica com crianças conseguimos trabalhar com o inconsciente atravessado pelas narrativas literárias, ou o contrário, as histórias atravessadas pelo inconsciente. Quando decidimos articular essas questões no desenvolvimento de uma pesquisa de Mestrado, encontramos um novo objeto de estudo – a Análise do Discurso. Diferentemente do que ocorre nas relações humanas, onde uma nova paixão faz esquecer ou suplantam os amores antigos, no terreno das teorias depende-se dos fundamentos filosóficos que as acompanham para saber se é possível fazê-las interagir, unir conceitualizações de terrenos diferentes para compreender um objeto de estudo.

Parte-se da ideia de que todo objeto de estudo é multifacetado, sendo necessário que o pesquisador esteja atento para se envolver nas buscas teóricas a que ele leva – caminhos que por vezes surpreendem. A Análise do Discurso, por sua peculiaridade de permitir a seleção de *corpus* de trabalho extremamente diversificados, relacionados às muitas áreas de conhecimento, exige esse envolvimento e essa busca. Para além de um dispositivo teórico (a teoria do Discurso, a Linguística e o Materialismo Histórico, bem como o atravessamento pela teoria psicanalítica²), cada pesquisa desenvolve seu próprio dispositivo analítico³. No caso de uma análise de obra literária, esse dispositivo trata da própria teoria da literatura, que traz as especificidades de um discurso literário, bem como as características da literatura infantil.

A Análise do Discurso surgiu e se desenvolveu sobremaneira em uma tradição de leitura de textos políticos. Geralmente, os sentidos atribuídos aos textos infantis, ao infantil em geral, são tomados preconcebidamente como algo desligado da prática política, ou apolítico. Esta pesquisa questiona esse divórcio, pensando que a aproximação entre Análise do Discurso e Literatura Infantil pode ser um terreno fértil para discussões acerca do sujeito e do sentido.

¹ Grifo nosso.

² Conforme articulado por Pêcheux (1990)

³ Conforme definição de Orlandi (2007)

Quando se fala em literatura infantil, é comum que se pense tratar de algo leve, delicioso de estudar, fácil, ingênuo, ou como diz o prefácio de uma das versões do conto “O Patinho Feio”: “... essas formosas e doces histórias que cantam em nossos ouvidos como suave melodia.”(ANDERSEN, s.d.). Mas ao tomar a literatura infantil como discurso, e tentar analisar sua produção de sentidos e seu comprometimento com a manutenção/reprodução/transformação das relações sociais, depara-se com uma substância de trabalho bem diferente, e a sua construção como ingenuidade (gostosuras e bobices⁴), só faz questionar a força de sua implicação. Pois, já adiantamos, a ideologia funciona em grande parte de forma inconsciente, e seu funcionamento se dá pela ocultação de sua natureza (PÊCHEUX, 1997).

A Psicanálise já tem sua ligação assegurada, desde o princípio, tanto com a Literatura quanto com a Análise do Discurso. Freud, no momento mesmo de fundação da Psicanálise, recorreu à literatura para desenvolver seu conceito crucial – o Complexo de Édipo, baseado na tragédia grega de Sófocles: “Édipo-Rei”, bem como em uma releitura de “Hamlet”, de Shakespeare (FREUD, 1996, Vol VII), e desde então muitas análises psicanalíticas de obras literárias – inclusive infantis – têm sido realizadas.

Para Freud, os escritores conseguem colocar em palavras elementos da experiência do inconsciente, a literatura (assim como a arte em geral) representa uma projeção do inconsciente, dos desejos humanos que este abriga e dá forma, sendo portanto uma materialização do inconsciente, permitindo que se analise obras artísticas a partir da lógica própria do inconsciente. Em “O Estranho”, Freud (1996, Vol XVII) também utiliza uma obra literária, “O Homem da Areia”, de Hoffmann, para falar desse sentimento familiarmente estranho, disso que é tão familiar, tão do sujeito, e que lhe aparece como estranho, como vindo de outro lugar, como um duplo, e que é a experiência da linguagem e do inconsciente. Aparece, por exemplo, em um lapso de linguagem, algo que escapa e soa estranho, em um ato que falha, em um sonho, em um sintoma. Embora tenha se produzido no sujeito, se apresenta como vindo de outro lugar. É esse sujeito excêntrico – situado fora de seu centro - que a Análise do Discurso ressignifica da Psicanálise.

O psicanalista Jacques Lacan também utiliza referências da literatura como forma de se fazer entender, de explicar algumas questões que ele coloca, em sua releitura de Freud. Como exemplo o seminário sobre “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe (LACAN, 1998), onde ele expõe a sua teorização acerca do significante, do significado que desliza sob a cadeia

⁴ Referência ao livro de Fanny Abramovich (1989): “Literatura infantil: Gostosuras e bobices.”

significante, das posições em que se colocam os sujeitos a partir da posse ou não da carta, do saber possuir, achar que possui e saber que o outro possui ou não, no percurso sob o significante que é a carta (a letra).

Michel Pêcheux, por sua vez, trouxe para dentro de sua argumentação, de uma teoria do discurso, conceitos psicanalíticos, muito embora os tenha reformulado para falar de um sujeito do discurso, diferente, mas não contraditório, ao sujeito psicanalítico. A noção de reformulação ou ressignificação que invocamos aqui, diz respeito ao que fala Henry (1990) sobre a relação entre teoria e instrumentos. Os instrumentos deixam de ser técnicos e passam a fazer parte de um corpo teórico quando reformulados à luz da teoria, a qual são chamados a fazer parte. Não apenas a noção de sujeito da AD está atravessada pelos conceitos psicanalíticos, mas também o conceito de esquecimento (nº1 e nº2) que tem uma relação tanto com os sistemas nos quais Freud divide o dinamismo psíquico (inconsciente/pré-consciente, consciente) quanto com a questão que instaura essa mesma divisão – o processo de recalçamento⁵.

Por outro lado, a teoria do discurso também tem uma grande contribuição a dar para a teoria psicanalítica e mesmo para a prática da psicanálise. A primeira dessas contribuições seria o aspecto histórico que falta à psicanálise, já que esta trabalha com o indivíduo em particular, com sua cadeia de significantes única, que produz sentidos singulares. No entanto, qualquer indivíduo se encontra inscrito, para se tornar sujeito falante, desejante, em relações sociais que não são indiferentes ao momento histórico, às articulações sociais dos sujeitos enquanto posições determinadas: a mãe, a mulher, o pai, o filho mais velho, a filha mulher, a criança deficiente, etc.

Existem muitos estudos acerca das relações da psicanálise com o social, com o que se pode chamar de “sintomas sociais”, já que não se referem a cada indivíduo, mas à forma como o laço social se organiza, e como essa organização produz efeitos nos indivíduos. É o caso dos questionamentos de Lebrun (2004) sobre o sujeito da contemporaneidade. No entanto, faltam às análises psicanalíticas do social o entendimento das relações de classe, do movimento incessante de luta histórica que em cada época traz seus contornos, bem como produz seus efeitos.

Além disso, Lacan (1998) definiu o inconsciente estruturado como linguagem, do que se depreende que a materialidade sobre a qual trabalha o analista é a linguagem, o relato do sonho (FREUD, 1999), o dizer sobre o sintoma, enfim, as escolhas que o sujeito faz no mar

⁵ Essas relações serão trabalhadas no primeiro capítulo.

da linguagem para designar seus sofrimentos e designar a si mesmo. Sendo assim, a teoria do discurso, ao analisar o funcionamento discursivo das estruturas sintáticas, ao questionar a existência do sentido literal, permite a escuta da pontuação, da referência, do silêncio, da fala do outro no discurso, da sobredeterminação dos sintomas, sonhos, atos falhos e fantasias, enfim, uma escuta mais atenta a esse relato, dando à questão do sentido um novo estatuto, da produção dos sentidos e das posições que o sujeito ocupa ao falar.

Unindo então estas três referências (Literatura, Psicanálise e Análise do Discurso) – a Literatura sendo, a princípio, um sopro de ar fresco entre duas teorias tão “ardidas” quanto a Psicanálise e a Análise do Discurso – passamos a interrogar sobre o discurso da literatura infantil. O que ele teria a dizer sobre a constituição do sujeito (a interpelação ideológica), sobre a construção de sentidos (no interior das formações discursivas), sobre a memória (recortada do interdiscurso)? A leitura atenta dizia que existia, nas fábulas e contos de fadas, algo mais do que a simples ingenuidade de um texto para fazer dormir as crianças ou acordar os homens⁶, talvez algo para adormecer sentimentos e entorpecer intenções. Um discurso dirigido às crianças para lhes apresentar “o mundo como ele é”, ou “as coisas como elas são”, ocultando o quê ou como elas poderiam ser (GRANTHAN, 1999).

É possível fazer um questionamento sobre a própria criança, enquanto posição. O que o discurso literário, da literatura infantil, teria a dizer sobre ela? Quem é a criança da literatura infantil, como ela se constrói enquanto efeito de sentido, e como se constrói o sujeito adulto nos contos. A quem se dirigiria o discurso da literatura infantil, qual o seu destinatário? A própria criança? Ou falaria a elas, em sua linguagem, para fazer falar aos adultos que elas deverão se tornar ao se desenvolverem?⁷ O que essa análise mostra é que a literatura infantil fala tanto às crianças (para lhes apresentar as regras do mundo) quanto aos leitores adultos, mantendo-os na certeza de que “o mundo é assim mesmo”.

A “escolha” do conto “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen, surgiu de um caso clínico que atendemos, e foi ganhando força em nossos pensamentos, ao mesmo tempo em que trabalhávamos com crianças marginalizadas ou estigmatizadas, que nos lembravam, continuamente, a narrativa sobre o patinho. O conto relata a história de um filhote de cisne que é chocado, por engano, em um ninho de patos. Ao nascer nesse lugar ele é continuamente rejeitado e agredido. Foge e segue encontrando incompreensão e rejeição ainda em outros

⁶ Referência ao trabalho de Freyre (2001): “A fantástica história dos contadores de histórias no reino do tudo é possível: Histórias para acordar os homens”.

⁷ Andersen dizia, segundo Ash e Higton (1995), que escrevia para as crianças sabendo que os pais estariam lendo os livros sobre os ombros delas.

lugares, passando por dificuldades que quase o fazem sucumbir. Desde o nascimento, o patinho busca aceitação e amor, e recebe conselhos de várias vozes para que se acomode à forma-de-ser dos lugares onde procura abrigo, um convite a falar a mesma voz e reproduzir os sentidos. Apenas quando a maturação do corpo o transforma em cisne adulto é que ele encontra “seu” lugar e a aceitação entre os da mesma espécie.

A literatura infantil, em especial os contos de fadas e as fábulas (os clássicos da literatura infantil), têm sido assunto constante de relevantes trabalhos em diversas áreas: existem trabalhos na área da psicologia/psicanálise acerca de como os contos de fadas (e outras histórias infantis) auxiliam no desenvolvimento do pensamento e das emoções infantis, por representarem os conflitos inconscientes por que passa a criança em seu desenvolvimento normal. Nesses trabalhos, a narrativa sobre “O patinho feio” é ora escamoteada, pelo conteúdo de sofrimento que traz à tona, por não apresentar uma estrutura clássica, com um retorno no final e punição do mal (BETTELHEIM, 1980); ora resgatada, ao saber que o sofrimento também faz parte do mundo infantil, e de que são necessárias saídas para lidar com esse mal-estar, e que nem sempre as situações são justas (CORSO; CORSO, 2006).

Também podem ser encontrados, no Brasil, trabalhos atuais na área de letras e linguística, na qual a presente proposta se insere, como o de Menin (1999)⁸, que trata do processo de abasileiramento da história “O patinho feio”, através das diferentes e sucessivas traduções feitas por autores brasileiros, como Monteiro Lobato, encontrando nelas o traço da brasilidade, as referências ao nosso clima, vegetação, geografia, fauna, às nossas relações sociais. As linhas de pesquisa em literatura dos diversos centros do país, volta e meia produzem trabalhos acerca da literatura infantil, especialmente em literatura comparada, sobretudo acerca da obra de Monteiro Lobato.

O que marca a distância desta pesquisa, apesar do solo comum com outros trabalhos, é a passagem da significação (qual o sentido do texto), da utilização (psicológica) do conto para a criança, ou do entendimento das características de um autor ou de um tipo de escritura, para a questão de como o texto produz sentidos específicos ao mesmo tempo em que silencia outros. Deixando o campo da utilização das narrativas, entramos no âmbito da análise da narratividade. Em lugar de perguntar o que o texto realmente diz, qual o seu sentido oculto, escondido sob um véu de disfarces, questiona-se como esse texto (que, pelo gesto de leitura,

⁸ Pesquisadora da UNESP, atualmente em Pós-Doutorado no Centro Hans Christian Andersen, em Odense, na Dinamarca.

passa a ter espessura discursiva) produz efeitos de sentido. Não apenas quais os sentidos que ele produz, mas como as marcas do discurso permitem que esses sentidos funcionem no texto, pois é apenas através da materialidade discursiva, que podemos encontrar as pistas para compreender como o discurso produz efeitos de sentido.

Questiona-se ainda, como esses sentidos produzidos funcionam na dialética de transformação/manutenção/reprodução das relações produtivas da sociedade, visto que a AD, além da Linguística e da Psicanálise – que já foram referidas acima – está comprometida teoricamente com o materialismo histórico, com a produção de efeitos de sentido no interior da luta de classes. “Do lugar de uma teoria social marxista compreendemos que cada homem existe numa determinada situação de classe relativa às condições históricas da sociedade e do tempo ao qual pertence.” (AMARAL, 2007, p.22). Sendo o discurso um objeto complexo que reúne língua e história, e essa história entendida, conforme fala Pêcheux (1997), não como historiografia, mas precisamente a história da luta de classes, uma análise realizada pela perspectiva teórico-metodológica da AD não pode deixar de compreender como as relações de classes se colocam no discurso.

Sobre o discurso literário, no campo da AD de linha francesa pechetiana, alguns trabalhos tomam o texto das narrativas em suas variadas versões, procurando analisar os processos de produção de sentidos, desde a paráfrase até a polissemia, conforme fala Orlandi, “É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia.” (2007, p.37). Citam-se, nessa linha, o trabalho de Grantham (1999) a respeito do discurso fabular e a moral das histórias e o trabalho de Bonotto (1999) sobre a narrativa de Chapeuzinho Vermelho, ambas pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Apesar desta pesquisa também trabalhar com diferentes versões da história, não se detém apenas na compreensão do movimento entre elas, nas diferentes formas de contar uma mesma história. O que se questiona, a princípio, é como a literatura infantil, enquanto discurso, participa do processo, anterior e exterior ao sujeito, de “colocar” cada agente do sistema de produção em seu lugar (processo de interpelação); do exercício constante de um movimento educacional que busca manter o *status quo* (processo de inculcação); bem como da impossibilidade de uma identificação plena (processo constante de movimentação, ressignificação, deslizamento dos sentidos). Como o conto “O Patinho Feio” produz sentidos a partir da constituição imaginária do sujeito do discurso, ou seja, de que forma o processo de identificação/desidentificação do sujeito às formações discursivas o permite falar a partir de

um lugar e não de outro qualquer? Ou que o permite falar, em determinado momento, de um lugar diferente do que falava antes?

Essa conformidade do sujeito com os sentidos possíveis, que toma a forma de um sujeito identificado e unificado (a forma-sujeito), resultante da operação de interpelação do indivíduo em sujeito pela Ideologia, determina o lugar de onde se pode falar, sendo “recalcadas” outras possibilidades (o contradiscurso, a contraidentificação) que, volta e meia, reaparecem, como retorno do recalcado (FREUD, 1996, Vol XIV)⁹. Procura-se, assim, investigar como o discurso da literatura infantil, em especial o conto “O Patinho Feio” se reconstrói continuamente como instrumento a colocar “cada macaco no seu galho”, ou seja, tentando garantir que cada sujeito mantenha a sua relação com os sentidos preestabelecidos e não venha a “falar outra língua”.

Este trabalho trouxe, como hipótese a investigar, que o discurso da literatura infantil sustenta efeitos de evidência de sentido para determinar os lugares ou posições do sujeito-criança e do sujeito-adulto, ou do sujeito-criança chamado a se tornar adulto. Os sentidos produzidos no conto “O Patinho Feio” se relacionam ao processo de socialização da criança para a aceitação da sociedade, das suas regras implícitas de funcionamento.

É necessário definir, de saída, o que essa pesquisa entende por processo de socialização. Diferentemente de um discurso pedagógico ou educacional, relativo à formação escolar, a socialização remete ao processo contínuo de educação das crianças, que tem na família e na escola seus principais elementos, mas que é acompanhado e produzido também pela religião, pela mídia, pela literatura, pelo Estado, entre outros. É o processo que insere, gradativamente, a criança no entendimento da sociedade, nas regras de convivência, nas diferenças entre as pessoas e suas posições, procurando fazer com que ela reproduza e mantenha as “coisas do mundo” como elas são¹⁰.

Esta dissertação está dividida em três capítulos, sendo o primeiro uma discussão teórica sobre os principais conceitos da AD envolvidos nas análises (ideologia, formação ideológica, formação discursiva, sujeito, sentido, interdiscurso, preconstruído), ainda as características específicas do discurso literário, bem como o caminho metodológico traçado na busca de compreensão do objeto. O segundo capítulo trata das condições de produção do discurso, onde se entremeiam as relações entre a formação da sociedade capitalista, com a

⁹ Uma breve explanação sobre a teoria do recalçamento será realizada no primeiro capítulo, quando se falar sobre a teoria dos esquecimentos em Pêcheux (1997).

¹⁰ Fazem parte desse processo as explicações que os pais vão dando para a criança sobre o mundo, como se vê nas “tirinhas” da Mafalda (Quino) colocadas como epígrafe do trabalho.

construção do que hoje se entende por infância e literatura (uma história que traz deslocamentos de sentidos), já que essas noções são necessárias à análise do conto O Patinho Feio.

No terceiro capítulo apresentam-se os recortes discursivos, as sequências discursivas de referência, com as análises envolvendo as conceitualizações trabalhadas nos capítulos precedentes. Salienta-se que essa separação em capítulos é um esforço de organização das questões, que, na formação de sentidos que se busca analisar, estão profundamente implicadas umas nas outras, como fios que se trançam, e que, ao destranchá-los para analisar, ficam as marcas de seu contato.

A proposta que segue busca, então, um entrelaçamento entre 5 fios que são inseparáveis na análise do discurso da literatura infantil: 1) a própria literatura infantil, com suas obras e características; 2) o processo de socialização da criança, de formação e desenvolvimento dentro de uma sociabilidade considerada; 3) a teoria do discurso (AD) como base da interpretação; 4) a teoria psicanalítica como leitura do sujeito; 5) o materialismo histórico como leitura da realidade.

1 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

1.1 Discurso: Espessura ou Linearidade?

Quando se trabalha com Análise do Discurso de linha francesa pechetiana, refere-se a uma metodologia muito peculiar, que não está dada de princípio, é preciso construí-la a cada movimento de análise, a cada gesto de leitura (ORLANDI, 1997). Tendo a teoria do discurso como base, o olhar do analista enxerga uma dilatação na linearidade do texto, vendo-o como discurso (objeto de estudo que reúne língua e história). Enquanto o texto apresenta uma superfície que se pode percorrer partindo de diversas perspectivas, traçando relações entre seus elementos, o discurso, como o pensa Michel Pêcheux (1997), é o atravessamento dessa superfície discursiva (o intradiscurso) pelo eixo vertical de vários outros dizeres (o interdiscurso). É no encontro desses dois eixos (que lembram o encontro matemático entre abscissas e coordenadas) que se formam os sentidos.

Para além das relações sintáticas e morfológicas que compõem um texto - uma superfície linguística - o que compõe o discurso é a forma como estas relações se colocam na produção de sentidos, relacionando língua, história e ideologia, com o atravessamento de um sujeito de natureza psicanalítica, descentrado de si. Para compreender as relações que formam esse objeto é preciso partir da superfície linguística, ou da materialidade linguística, pois o discurso não se constrói “nas nuvens”, mas naquilo que a língua permite, e que Paul Henry (1992) chama de autonomia relativa da língua. Pêcheux (1997) fala a respeito dessa autonomia (suas ligações sintáticas e morfológicas, já que não se pode dizer as coisas de qualquer forma, mas na forma que a língua permite), se articulando aos processos discursivos, que são contraditórios, na medida que uma mesma palavra ou expressão pode produzir sentidos diferentes.

Por mais que a AD trabalhe nas fronteiras da linguística com outras áreas (o materialismo histórico e a psicanálise) e que a interpretação dos discursos implique a desconstrução do linguístico para entender a produção dos sentidos, “... o discursivo só pode ser concebido como um processo social cuja especificidade reside no tipo de materialidade de sua base, a saber, a materialidade linguística.” (PÊCHEUX, 1990, p.179). Ou ainda, conforme definição de Orlandi (2007) parte-se do objeto linguístico para o objeto discursivo, enquanto inscrito nas formações discursivas, e depois para o processo discursivo, o processo de constituição, formulação e circulação dos sentidos, pela relação entre as formações

discursivas e as formações ideológicas.

O essencial é dizer que se parte da língua, da descrição dos enunciados, de suas montagens, suas relações, até compreender (interpretar) seus arranjos sócio-históricos. Falando das aproximações da Análise do Discurso com os diversos saberes que lhe são pertinentes, e do movimento de descrição/interpretação, Pêcheux (2006) salienta:

A primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas. Uma descrição, nesta perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual *descrever* se torna indiscernível de *interpretar*: essa concepção da descrição supõe ao contrário o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela se instala: o real da língua (cf. J. Milner, especialmente em *L'Amour de la Langue*). Eu disse bem: a língua. Isto é, nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos lingüistas como a condição de existência (de princípio), sob a forma da existência do simbólico, no sentido de Jakobson e de Lacan. (p.50)

O referencial teórico da Análise do Discurso parte de uma concepção de discurso em que “... a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento.” (ORLANDI, 2007, p.15), ou seja, o discurso não é um texto estático, mas o mesmo enunciado, em diferentes momentos históricos ou em diferentes contextos, pode produzir sentidos diferentes. Além disso, há um movimento constante em todo discurso, de manutenção dos sentidos, bem como para a sua transformação. Então, a idéia de discurso implica que não se trata da língua, ou mesmo da fala de um indivíduo, mas do processo de discursos em movimento e em relação uns com os outros.

Isto supõe que é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção... (PÊCHEUX, 1990, p.79)

Refletindo sobre estas questões, quando se realiza uma pesquisa em Análise do Discurso, parte-se da língua, mas não se fica nela... Todo o trabalho de análise se inicia na materialidade discursiva, para perceber as marcas ou pistas que demonstram as filiações dos sentidos e o funcionamento do discurso. Parte da linearidade do discurso para depois enxergar e analisar sua espessura (em um movimento contínuo de ida e volta), sua inscrição nas formações discursivas, e dessas, por sua vez, às formações ideológicas.

Para a AD, o sentido literal é uma ficção. Os sentidos são construídos nas formações discursivas, ou seja, as palavras mudam de sentido de acordo com as formações discursivas em que são veiculadas, de acordo com a posição que o discurso sustenta. O que ocorre é que as formações discursivas dissimulam sua dependência das formações ideológicas, propondo

ao sujeito os sentidos como transparentes, óbvios, literais. O sujeito, ao falar, tem a ilusão de que os sentidos são unívocos, e que ele os domina (sujeito como fonte dos sentidos). A inscrição do discurso em formações discursivas mascara a materialidade do sentido, pois o discurso apresenta as palavras “coladas” ao sentido específico que a FD produz, não levando em conta a realidade de que os sentidos podem sempre deslizar e se tornarem outros.

1.1.1 Ideologia, Formação Ideológica

A ideologia é, talvez, a categoria principal para os estudos da AD, já que todos os outros conceitos se relacionam com este. A forma como a ideologia é chamada à teoria da AD é pela via do sujeito. Baseado na tese althusseriana (ALTHUSSER, 1985): “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos”, Pêcheux (1997) vai dizer que todo sujeito é ideológico, logo todo sentido é ideológico (já que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, e pela ideologia). O processo ideológico produz a evidência do sujeito e do sentido, ou seja, na sua função social, a ideologia produz como natural que o indivíduo é sempre-já-sujeito, e que o sentido é unívoco.

Em *Semântica e Discurso* (1997), Pêcheux traz a concepção de ideologia de Althusser, da forma como este trabalha a diferença entre Ideologia em geral e ideologias. A Ideologia em geral seria a forma de dizer que toda formação social se constitui e funciona a partir da ideologia, ou seja, que as relações entre os homens se dão através da ideologia, que os constitui. Essa Ideologia não é histórica (no sentido de história como definida pelas diferentes formações sociais que se organizam), não é situada historicamente, é eterna, atemporal, pois não existe sujeito e não existe sociabilidade sem Ideologia.

A Ideologia interpela o indivíduo em sujeito, segundo a tese de Althusser (1985), o indivíduo é chamado a existir como sujeito pela Ideologia, mas isso se dá de forma diferente em cada formação social considerada. Em uma formação social escravista, por exemplo, o sujeito podia ser interpelado como homem livre ou como escravo, suas práticas sociais e sua forma de pensar a si mesmo dependia dessa interpelação. A ideologia nessa sociabilidade, através das práticas sociais, coloca como natural que existem homens livres, considerados seres humanos, e outros homens que são pouco mais do que animais, portanto podem ser escravizados e utilizados como ferramentas, “peças” de trabalho. A Ideologia seria, então, um processo eterno e atemporal de interpelação dos indivíduos em sujeitos, enquanto que a ideologia seria a forma como cada formação social interpela os indivíduos em sujeitos.

As formações ideológicas são as formas que a ideologia toma em cada formação social. Na formação social capitalista, encontram-se duas grandes formações ideológicas: uma que fundamenta o capitalismo (Formação Ideológica do Capital), que faz com que os sujeitos tenham como naturalizada a divisão de classes, a exploração do trabalho, o lucro, o consumo, a propriedade privada (elementos fundamentais da sociedade capitalista); e uma outra que contradiz o capitalismo, fundamentando a possibilidade de uma prática social para além do capital (Formação Ideológica do Trabalho). As formações ideológicas são expressões da conjuntura ideológica de uma formação social. Como a formação social está em constante processo de mudança (processo contínuo de manutenção/reprodução/transformação das relações de produção), também as formações ideológicas vão se modificando. A forma de materialização das formações ideológicas é o discurso, seu representante enquanto prática efetiva. Logo, é no discurso que se dá constantemente a dialética da manutenção e da transformação. No entanto, há sempre uma formação ideológica dominante que funciona mais para a manutenção, e na formação social capitalista, essa dominante é a Formação Ideológica do Capital.

A divisão social de classes cria uma ideologia peculiar, que é a ideologia capitalista, com a dominância de uma classe sobre outra, se reproduzindo pela exploração do trabalho da classe dominada, gerando o lucro pela divisão, cada vez mais desigual, das riquezas. Como falam Engels e Marx (1998), a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante da época.

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder *material* dominante numa determinada sociedade é também o poder *espiritual* dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes; eles são essas relações materiais dominantes consideradas sob forma de idéias, portanto a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; em outras palavras, são as idéias de sua dominação. (ENGELS & MARX, 1998, p.47)

Como a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante, para manter essa dominância ela oculta a realidade, ocultando justamente o que a mantém nesse lugar de dominação, no caso da formação social capitalista, tenta apagar a exploração do trabalho, a relação entre as forças produtivas e as relações de produção. Nesse movimento de naturalização da realidade (as coisas são assim porque são, não há outra forma), não se pode

dizer que a ideologia produz mentiras, mas sim que silencia, deixa de dizer certas coisas ou então coloca outras como naturais, evidentes. O que a ideologia dominante tenta apagar é o conflito, a luta de classes, enquanto que a ideologia dominada (do ponto de vista do trabalho) tenta mostrar, desvelar justamente a luta de classes e a exploração do homem pelo homem, tenta desnaturalizar as relações de exploração e exclusão.

Com efeito, cada nova classe que toma o lugar daquela que dominava antes dela é obrigada, mesmo que seja apenas para atingir seus fins, a representar o seu interesse como sendo o interesse comum de todos os membros da sociedade ou, para exprimir as coisas no plano das idéias: essa classe é obrigada a dar aos seus pensamentos a forma de universalidade e representá-los como sendo os únicos razoáveis, os únicos universalmente válidos. Pelo simples fato de defrontar com uma *classe*, a classe revolucionária se apresenta, de início, não como classe, mas sim como representando a sociedade em geral; aparece como sendo toda a massa da sociedade diante da única classe dominante. (ENGELS; MARX, 1998, p.48)

A forma-sujeito da sociedade capitalista (a forma como a ideologia interpela o indivíduos em sujeitos nessa sociedade) é a forma-sujeito cidadão, o sujeito de direito. O sujeito ideal dessa sociedade é aquele que vai à escola, tem família, casa, trabalho, o sujeito que não corresponde a essa forma fica marginalizado. Sendo assim, a sociedade constrói mecanismos para silenciar as diferenças entre os sujeitos, como exemplo dos chamados “movimentos de inclusão” em que o diferente é submergido em uma massa de aparente homogeneidade, negando a diferença pela construção de um sentido de igualdade. Dizemos “aparente homogeneidade” porque essas práticas não acolhem, mas silenciam as diferenças, já que não se constróem mecanismos para que os diferentes possam desenvolver-se na plenitude de suas possibilidades (no caso da inclusão escolar dos deficientes, por exemplo). A diferença é marginalizada ou negada. Nesse sentido pode-se analisar o discurso da literatura infantil em relação à forma-sujeito.

Na literatura infantil clássica (os contos de fadas), o diferente, estranho, feio, representava o monstruoso, o mal, logo, era destruído no final. Este tratamento das personagens estava de acordo com o imaginário da época em que esses contos eram veiculados¹¹, onde se acreditava que a feiura e estranheza eram marcas no corpo de uma debilidade moral, marcas da maldade. Nesta categoria se enquadram as bruxas e os ogros, que eram destruídos no final das narrativas. Umberto Eco (2007) fala que no seio do movimento romântico da literatura, bem como no movimento mais amplo, social, de formação do que hoje se conhece como “direitos humanos”, ou “direitos universais do homem”, é que as

¹¹ Ver o capítulo seguinte, que trata das condições de produção do discurso, onde se faz um percorrido histórico da literatura infantil.

personagens feias ou estranhas passaram a contar com a solidariedade e a simpatia dos leitores. Assim ocorre com o corcunda Quasímodo, de “Notre Dame de Paris”, com “Frankenstein”, bem como com o pobre Patinho Feio. Embora se construa, pela identificação, o sentimento de pena no leitor, as personagens da literatura infantil são integradas à sociedade e à normalidade no final, formando para a criança o sentido de que a diferença precisa ser apagada, precisa desaparecer, que existe um caminho para a aceitação social que deve ser seguido.

Para que esse moldamento seja eficaz é preciso produzir nos sujeitos, desde o início do estar-no-mundo, marcas que estarão para sempre em sua estrutura psíquica. Desta forma agem as práticas ideológicas sobre a estrutura psíquica do sujeito em formação... (FLORENCIO; MAGALHÃES; SILVA SOBRINHO; CAVALCANTE, 2009, p.57)

A ideologia dominante, funcionando de forma inconsciente, reproduz a formação social, ao mesmo tempo em que produz, constantemente, os sujeitos necessários a essa manutenção, através da atuação de suas instituições¹², em especial a Escola e a Família. É o que chamamos, nesta pesquisa, de processo de socialização da criança, ou seja, o processo de inculcação dos valores, normas, regras da sociedade, para que a criança as apreenda e reproduza. “Penetração que se opera 'por si só', e, ao mesmo tempo, *inculcação* que trabalha conscienciosamente sobre o resultado dessa penetração para 'se acrescentar a ela', de modo que, no total, cada 'sujeito' saiba e veja que as coisas são realmente assim.” (PÊCHEUX, 1997, p.224).

Salienta-se que essa inculcação não ocorre apenas de forma consciente, mas que a maior parte é inconsciente, e se dá através de práticas sociais, entre elas o discurso, enquanto materialização da formação ideológica dominante. A criança vai sendo confrontada cotidianamente com o funcionamento do mundo e apreendendo esse funcionamento, mas isso não se dá apenas conscientemente – pela transmissão das regras e normas sociais – mas inconscientemente por práticas (discursivas ou não) em que esse funcionamento aparece como naturalizado, como se não pudesse ser de outra forma. Como a criança tem um psiquismo em formação, essas práticas participam da estruturação desse psiquismo, formando as imagens que o sujeito irá ter acerca do mundo.

Pêcheux (1997) fala que os aparelhos ideológicos de Estado são o lugar e o meio de realização da ideologia dominante, mas também são o lugar e as condições da transformação das relações de produção. São o lugar tanto da manutenção, quanto da transformação da

¹² O que Althusser (1985) chamou Aparelhos Ideológicos de Estado.

sociedade. É o que o discurso da literatura infantil produz na criança. Através da sua ligação com outros discursos (como o discurso pedagógico e o familiar), a Literatura Infantil coloca para a criança os valores e regras sociais, de forma inconsciente, produzindo pela inculcação o sujeito necessário da formação social capitalista. O que não impede que, tanto sujeitos quanto sentidos, escapem e signifiquem de um outro lugar, produzindo a constante transformação. Essa transformação é possível porque o ritual da interpelação ideológica é sempre falho: tentando funcionar sempre pela manutenção, é atravessado pela contradição inerente de toda prática humana, que não se deixa congelar em um funcionamento estático.

Então, retomando, através da ideologia se coloca como natural (como se não pudesse ser diferente) a imagem que a sociedade tem de si mesma e dos sujeitos.

Desse modo, é a ideologia que, através do “hábito” e do “uso”, está designando, ao mesmo tempo, *o que é e o que deve ser*; e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que chamaremos *o caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1997, p.159)

O que é ocultado pela ideologia é que os sentidos são construídos historicamente, e que refletem posições ideológicas, ou seja, o sentido de uma palavra ou expressão pode variar de acordo com a posição ideológica do sujeito do discurso. No discurso da literatura infantil, que se forma no seio da sociedade capitalista¹³, o sujeito do discurso é um conservador da sociedade. Como a literatura faz parte do conjunto de práticas sociais que formam o processo de socialização da criança, o sujeito do discurso busca formar o sujeito necessário da formação social considerada apresentando a ele as “coisas do mundo” como definidas anteriormente, como “coisas” que o sujeito não poderia modificar, e das quais seria receptor passivo. No entanto, como veremos nas análises, o patinho faz escolhas constantemente, mostrando que o sujeito, em sua trajetória no mundo, tanto encontra determinações quanto age sobre elas e as transforma. O ritual da interpelação ideológica é sempre falho porque o sujeito e os sentidos são palco constante da contradição entre o velho, o conservador, e o novo, o transformador.

¹³ Como se verá adiante no capítulo 2, sobre as condições de produção.

1.1.2 Sujeito, Sentido, Formação Discursiva

Quando eu te encarei frente a frente; Não vi o meu rosto; Chamei de mau gosto; O que vi de mau gosto, mau gosto; É que narciso acha feio; O que não é espelho; E a mente apavora; O que ainda não é mesmo velho; Nada do que não era antes; Quando não somos mutantes; E foste um difícil começo; Afasto o que não conheço; E quem vem de outro sonho feliz de cidade; Aprende depressa a chamar-te de realidade; Porque és o avesso do avesso; Do avesso do avesso; (Caetano Veloso, Sampa)

Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux (1997) traz para o entendimento do sujeito da AD, do sujeito do discurso, uma anedota atribuída à figura histórico-lendária do Barão de Münchhausen. Segundo o relato do próprio Barão, ao tentar passar por um charco com seu cavalo, deu um impulso em uma margem e, no meio do caminho, percebeu que o impulso tinha sido insuficiente, então girou sobre seu próprio eixo e retornou à margem. Na segunda tentativa, quase alcançou o outro lado, mas acabou caindo e teria submergido se não tivesse tido a “presença de espírito” de puxar a si mesmo pelos cabelos para sair do atoleiro. “As aventuras do Barão de Münchhausen” (s.d.) entraram para a história da literatura como uma grande obra de ficção, de fantasia, figurando conjuntamente a outros títulos fantásticos como “O mágico de Oz”, “Pinóquio” e “Peter Pan”¹⁴, bem como tornando o seu “autor” célebre como um dos maiores mentirosos da história.

Pêcheux utiliza essa narrativa para falar do sujeito de cunho idealista, que se coloca como fonte de si mesmo e dos sentidos que produz. Esse efeito que Pêcheux chama *feito Münchhausen* é ponto de partida de toda concepção do sujeito fonte de si mesmo. Sempre fazendo referência a Althusser (1985), Pêcheux analisa a evidência primordial – a identificação do sujeito consigo mesmo, “eu, Fulano de Tal” – como uma evidência suspeita:

No momento, basta-nos enfatizar que a identificação do sujeito, sua capacidade para dizer “eu, Fulano de Tal”, é aqui fornecida como uma evidência primordial: é “evidente” que somente *eu* poderia dizer “*eu*” ao falar de mim mesmo. Mas o que essa evidência, simultânea à identificação da coisa, estaria ocultando? (PÊCHEUX, 1997, p.101)

Ao falar de *identificação*, remete-se, no pensamento do autor, à releitura lacaniana do conceito de identificação em Freud. Já na introdução do artigo “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego”, de 1921, Freud (1996, Vol XVIII) fala da questão do grupo (o social) como inseparável da psicologia individual (os caminhos que o sujeito humano toma para buscar a satisfação).

¹⁴ Fazendo parte da coleção “Fantasia & Aventura” da Editora Hemus.

Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia grupal. (FREUD, 1996, Vol XVIII, p.81)

Para Freud, a identificação tem suas raízes nas primeiras relações familiares¹⁵, ampliando-se para as identificações grupais de raça, nação, casta, profissão, instituição, religião, etc. “... a identificação constitui a forma mais primitiva e original do laço emocional (...) o ego assume as características do objeto.” (FREUD, 1996, Vol XVIII, p.116). A partir dessa concepção, Lacan retoma em “O estádio do espelho” (1998), a noção de que a transposição do indivíduo, constituído por suas pulsões, em sujeito (do inconsciente) somente se dá mediante a existência do Outro, de um olhar (desejante), de um falar (desejante) do Outro sobre esse já-sujeito, pois no momento em que há olhar e falar, também já há sujeito (há uma antecipação de sujeito no olhar do Outro).

Não se trata, em AD e Psicanálise, do mesmo conceito, mas sim de uma ressignificação do mesmo. Para Pêcheux, o processo identificatório está na raiz da relação do sujeito com aquilo que o representa, e que o produz, em relação às formações discursivas, “... diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (PÊCHEUX, 1997, p.161). De forma análoga a Freud e Lacan, para Pêcheux, o que determina a posição de sujeito e a posição de onde esse sujeito fala é está no campo de um espelhamento: as figuras parentais (para Freud), o Outro (para Lacan), as formações discursivas (para Pêcheux).

O processo de identificação, que produz o sujeito como “eu, Fulano de Tal”, de tal forma que se torna óbvio que só eu posso dizer eu a respeito de mim mesmo, joga com o próprio título do trabalho de Pêcheux (1997), tanto em sua versão original – *Lês vérités de la Palice*¹⁶ – quanto na tradução em português – *uma crítica á afirmação do óbvio*. Ambas remetem às noções de obviedade, verdade e evidência, e é desse sujeito e desse sentido tomados como evidentes que Pêcheux vem fazer a crítica.

Pode-se dizer que a noção de sujeito está profunda e indissolavelmente ligada à noção de ideologia, já que “A Ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos” (ALTHUSSER,

¹⁵ A partir do Complexo de Édipo (FREUD, 1996, Vol. VII) o menino se identificaria com o pai, assumindo seus traços de masculinidade, e o mesmo aconteceria com a menina e a mãe, e os traços de feminilidade, constituindo a identidade sexual a partir de um espelhamento.

¹⁶ Jogando com a obviedade, a canção de La Palice diz: “Foi por um triste destino/Ferido por mão cruel./Acredita-se, já que ele morreu disso./Que a ferida era mortal./Morreu na sexta-feira/O último dia de sua vida./Se tivesse morrido no sábado,/Teria vivido um pouco mais.” (PÊCHEUX, 1997, p.36)

1985, p.93), sendo este um processo não-subjetivo no qual o sujeito se constitui. Não-subjetivo porque não toma o sujeito como ponto de partida, mas como efeito – efeito ideológico. Segundo Pêcheux (1997), uma teoria materialista dos processos discursivos – diferentemente do idealismo das filosofias da linguagem – não pode se contentar em reproduzir o sujeito ideológico, é preciso se recorrer a uma teoria não subjetivista da subjetividade, ou seja, uma teoria do sujeito que não o coloque como fonte, como efeito Münchhausen.

Ora, como acabamos de ver, essas interpretações e acobertamentos idealistas encontravam seu fundamento num terceiro ponto, a saber, o efeito ideológico “sujeito”, pelo qual a subjetividade aparece como fonte, origem, ponto de partida ou ponto de aplicação. Podemos então, de agora em diante, afirmar que uma teoria materialista dos processos discursivos não pode, para se constituir, contentar-se em reproduzir, como um de seus objetos teóricos, o “sujeito” ideológico como “sempre-já dado”... (PÊCHEUX, 1997, p.131)

De forma análoga à AD¹⁷, também Freud (1999) descentra o sujeito, pois demonstra – a partir dos sonhos, atos falhos, fantasias e sintomas (as formações do inconsciente) – que o domínio da consciência plena é uma ilusão¹⁸, que o ser humano é constantemente levado a falar, produzir, escolher, sofrer e sonhar sob determinação inconsciente. Este movimento de descentramento do sujeito, de destituição de seu suposto-poder e suposto-saber, podem ser tomados como a base da possibilidade de se pensar uma teoria não subjetivista do sujeito.

Pêcheux (1997) apresenta, então, para tratar dessa teoria, as figuras da interpelação e do esquecimento (ressignificado do conceito freudiano de inconsciente). Quando Althusser (1985) fala que a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos, não está dizendo que existia um sujeito anterior a ser interpelado, onde a operação da interpelação agiria, mas que o sujeito é chamado a existir pela ideologia.

Enfim, o último mérito – mas não o de menor importância – desse “pequeno teatro teórico” da interpelação, concebido como uma crítica ilustrada do teatro da consciência, é o de designar, pela discrepância da formulação “indivíduo”/“sujeito”, o paradoxo pelo qual *o sujeito é chamado à existência*: na verdade, essa formulação evita cuidadosamente a pressuposição da existência do sujeito sobre o qual se efetuará a operação e interpelação – daí não se dizer: “O sujeito é interpelado pela Ideologia”. (PÊCHEUX, 1997, p.154)

O sujeito, na definição de Althusser, é chamado a existir pela Ideologia (constitutiva), bem como para Lacan, o “vivo” é chamado à subjetividade (chamado a funcionar, a falar)

¹⁷ E é por isso que as duas teorias podem dialogar.

¹⁸ Esse descentramento é poeticamente expresso na canção *Fora de si*, de Arnaldo Antunes: “eu fico louco/ eu fico fora de si/ eu fica assim/ eu fica fora de mim/ eu fico um pouco/ depois eu saio daqui/ eu vai embora/ eu fica fora de si/ eu fico oco/ eu fica bem assim/ eu fico sem ninguém em mim”

pelo campo do Outro, “... a dialética do advento do sujeito a seu próprio ser em relação ao Outro” (LACAN, 1988, p.194).

Existe uma diferença primordial – tanto na Psicanálise como na Análise do Discurso – entre os conceitos de “indivíduo” e “sujeito”. Para a Psicanálise (conforme a releitura lacaniana), o indivíduo (o “vivo”) se refere a um momento mítico em que a criança seria puro Real, apenas pulsões não organizadas, sem uma finalidade, o natural, aquele não inscrito em uma ordem social e simbólica. O sujeito é aquele que ocupa um lugar, um espaço definido no desejo do Outro. Como esse espaço se constrói antes do nascimento de qualquer criancinha humana - ainda que possa ser um espaço de rejeição, mas um espaço de qualquer forma - todo indivíduo, ao nascer, já é sempre-já-sujeito¹⁹. A noção de sujeito da AD é atravessada pelo sujeito psicanalítico, mas já não se fala do mesmo conceito. O lugar do sujeito da AD - sujeito do discurso - é justamente aquele em que as características individuais estão entrelaçadas às características ideológicas, pois o indivíduo, ao falar, reproduz (por identificação) um conjunto de saberes, os saberes de uma formação discursiva. O sujeito da AD é um lugar, uma forma, uma posição.

É por retroação que o indivíduo é sempre-já-sujeito, pois é desde sempre interpelado pela ideologia. Althusser (1985) reflete que, se a ideologia recruta os sujeitos, ela os recruta a todos. Se o sujeito “escolhe livremente” se submeter, é uma escolha forçada, o que remete à metáfora da escolha entre a bolsa e a vida realizada por J. Lacan (1988, p.201).

Não se poderia martelar demasiado a importância de algo como o que venho lhes descrever aqui. Esse **ou** alienante não é de modo algum uma invenção arbitrária e, como se diz, uma vista do espírito. Ele está na linguagem. Esse **ou** existe. Tanto ele está na linguagem que conviria também quando se faz lingüística, distingui-lo. Vou lhes dar um exemplo e já.

A bolsa ou a vida! Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada.^{20 21}

O que se quer dizer com isso é que, se existe uma escolha, se existe um recrutamento, não há liberdade total de escolha, a liberdade total seria a morte (do sujeito), pois assim não haveria nenhum desejo colocado sobre o sujeito, do ponto de vista da psicanálise. Para Althusser (1985), o recrutamento pelo assujeitamento é total, mas é necessário para o sujeito

¹⁹ A exceção seria o caso clínico do autismo, em que não se inscreve a criança no desejo parental, e a mãe – o Outro por excelência – não consegue ver a criança como algo além de um emaranhado de pulsões, não consegue projetar na massa de músculos e reflexos o seu desejo.

²⁰ Que ele desdobra do exemplo hegeliano sobre *a liberdade ou a vida*. Se escolho a liberdade, perco as duas, se escolho a vida, perco a liberdade, uma vida diminuída da liberdade.

²¹ E que também podemos fazer analogia a um enunciado da personagem “Emília”, de Monteiro Lobato (1962): “Eu sou a independência ou morte.”

ter a ilusão de que se submete livremente, ao escolher a vida. Ainda segundo Pêcheux (1997), a ilusão de autonomia é necessária, já que o próprio processo de assujeitamento se realiza no sujeito sob a forma da autonomia, já que o ego (imaginário) não pode reconhecer essa subordinação. No entanto, para a AD, apesar de o sujeito estar desde sempre interpelado pela ideologia, há um constante movimento de falha nessa interpelação, há sempre algo que escapa, irrompe – na psicanálise, através dos lapsos de linguagem, por exemplo; na AD, através da imperfeição do ritual ideológico, já que não existe identificação perfeitamente bem sucedida.

Pêcheux desenvolve, então, o conceito de esquecimento (nº1 e nº2), que mantém uma relação (inconclusa) com o recalque inconsciente²². Para Freud (1996, Vol. XIV), o processo de recalque se desdobra em três momentos: o recalque primário, o recalque secundário e o retorno do recalado. O recalque primário é responsável pela cisão dos sistemas Inconsciente – Pré-consciente/Consciente, ou seja, é constitutivo da divisão que funda o sujeito psicanalítico, que é o sujeito do inconsciente. O recalque secundário, ou recalque propriamente dito, já tem como pressuposta a clivagem em dois sistemas distintos do psiquismo, e é efeito do sistema Pré-consciente/Consciente, que busca afastar as representações intolerantes para o inconsciente, como processo de defesa. O retorno do recalado se dá porque o mecanismo de recalque não é perfeito, e os conteúdos inconscientes são indestrutíveis, forçando sempre a sua representação na consciência. O retorno do recalado se dá mediante “formações de compromisso” entre os sistemas Inconsciente e Pré-consciente/Consciente, especialmente através dos mecanismos de condensação e deslocamento²³.

Através da noção de esquecimento, Pêcheux (1997) coloca que “sendo 'sempre-já' sujeito, ele 'sempre-já' se esqueceu das determinações que o constituem como tal” (p.170). O esquecimento nº2 refere-se à ilusão de que o sujeito falante seleciona o que diz, no interior da formação discursiva que o domina, ou seja, de que ele é autor do seu dizer, de que ele produz os sentidos enquanto fala, operando no lugar de enunciação do sujeito. Esse esquecimento estaria referido ao sistema Pré-consciente/Consciente de Freud. Já o esquecimento nº1 refere-se a que o sujeito não pode se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina, quer dizer que ele é determinado por ela, se constituindo nela como sua matriz. A própria existência, enquanto sujeito, está determinada de outro lugar, excêntrico. Esse esquecimento,

²² *Verdrängung*. Processo de afastamento das pulsões às quais é rejeitado o acesso à consciência. (CHEMAMÁ, 1995).

²³ Que Lacan relaciona com as figuras da metáfora e da metonímia, respectivamente.

constitutivo, é da ordem do inconsciente. Esse recalque, esse esquecimento, se torna necessário, pois o sujeito vive nessa ilusão de centramento.

Fazendo referência ao sujeito, Pêcheux (1997) trabalha duas posições possíveis na relação entre o sujeito da enunciação e o Sujeito Universal. O Sujeito seria a forma-sujeito de uma formação discursiva que se desdobra em bom ou mau sujeito – o dominante e o antagonista. Então, em uma primeira modalidade, chamada de “bom sujeito” há um recobrimento entre o sujeito da enunciação e o Sujeito universal, ou seja, o sujeito livremente consente, desde sempre, espelhar o Sujeito universal, sofrendo a determinação da formação discursiva. O bom sujeito concorda, não duvida, não questiona, mantém a forma-sujeito de uma determinada formação discursiva. O bom sujeito se refere ao conceito de identificação. Já na segunda modalidade, que Pêcheux chama de contra-identificação ou contradiscurso, o “mau sujeito”²⁴ da enunciação se volta contra o Sujeito universal, toma posição contrariamente e se contra-identifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo interdiscurso²⁵.

Existe, como foi dito anteriormente, uma forma-sujeito específica em cada formação social. Na formação social capitalista, a forma como a ideologia interpela o indivíduo em sujeito é o sujeito-cidadão, o sujeito que tem um registro de identidade, direitos e deveres, entre os quais o direito à vida, à saúde, à educação, à moradia, à segurança (os direitos humanos), que tem suas propriedades privadas asseguradas, e que tem dever de pagar seus impostos e obedecer as leis.

Além da forma-sujeito existem, então, em cada formação discursiva, diferentes posições-sujeito, que são os posicionamentos que os sujeitos exercem em relação à produção dos sentidos: podem se identificar (assumir, reproduzir os sentidos da formação discursiva), contraidentificar (questionar esses sentidos, se colocar contra), ou desidentificar (se coloca em outra formação discursiva, deixa de reproduzir os sentidos que produzia antes e muda de posição).

Dentro dessa articulação sobre a determinação das formações discursiva sobre o sujeito, pode-se fazer ainda referência à questão da feiura, das diferenças. Segundo Pêcheux, a identificação do sujeito consigo mesmo é, ao mesmo tempo, uma identificação com a

²⁴ “Era uma criança estranha esse mau menino, tão desleal e tão perverso, que não queria aprender um ofício nem se comportar como convinha à infância... que de bom grado se acompanhava de glutões e de gentes ociosas, que freqüentemente provocavam rixas nas tabernas e nos bordéis, e jamais encontravam uma mulher sozinha sem a violar.” (ARIÉS, 2006, p.11)

²⁵ Salientando novamente que não se está falando aqui de uma escolha consciente do sujeito/indivíduo, mas de um posicionamento subjetivo que não diz respeito ao sujeito falante, mas à posição-sujeito.

alteridade, ou seja, a determinação que a formação discursiva exerce sobre o sujeito, em sua constituição e sua relação com os sentidos, se faz sob a forma de consenso, convivência, cumplicidade. Assim, os sujeitos determinados por uma mesma formação discursiva concordam entre si – se espelham – e tem ideias comuns a respeito do que seja a beleza ou a feiura, o semelhante e o diferente. São construções de sentidos que determinam e são determinadas pelas práticas sociais.

Uma forma que essas ideias construídas pelo imaginário social, e que são históricas, se fazem presentes no discurso é através do funcionamento do preconstruído, ou seja, a noção de feiura ou beleza, por exemplo, já está construída antes do discurso, e produz sentidos a partir dessa anterioridade.

1.1.3. Interdiscurso, Preconstruído

A partir das definições e das considerações acerca da ideologia, do sujeito e das formações discursivas, é possível argumentar que os sujeitos e os sentidos se constituem pelo/no discurso, já que este é a forma de expressão da ideologia. Não existem sentidos literais, universais. O sujeito, como vimos, é considerado por Pêcheux (1997), a partir de Althusser (1985) como o efeito ideológico elementar, ou seja, que se produzam sentidos e sujeitos, essa produção é efeito da interpelação ideológica, que coloca cada agente em seu lugar, a partir da filiação às formações discursivas.

Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (...) são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. (PÊCHEUX, 1997, p. 163)

Ou seja, ao falar, o sujeito não cria o que está dizendo, mas reinscreve em seu discurso dizeres já existentes, e é por identificação às formações discursivas (produtoras dos sentidos) que o sujeito se constitui, reproduzindo como seus - e como se tratasse da sua “individualidade” - esses sentidos. Essa re-inscrição do Interdiscurso se dá através de elementos universais, isto é, elementos que aparecem no discurso como “já sabidos”. O termo preconstruído foi proposto por Paul Henry (1992) para designar o que é construído anteriormente e exteriormente ao enunciado, e que participa da construção dos efeitos de sentidos, “... de modo que um elemento de um domínio irrompe num elemento do outro sob a forma do que chamamos 'pré-construído', isto é, como se esse elemento já se encontrasse aí.”

(Pêcheux, 1997, p.99).

A identificação do sujeito com os sentidos e consigo mesmo se dá através da reinscrição de elementos que são externos e anteriores ao sujeito, mas que ele assume como seus ao enunciar. Assim, os objetos de pensamento já estão construídos antes do próprio pensamento.

Concluiremos esta primeira aproximação do problema do *pré-construído* destacando, como uma sua característica essencial, a separação fundamental entre o *pensamento* e o *objeto de pensamento*, com a pré-existência deste último, marcada pelo que chamamos uma discrepância entre dois domínios de pensamento, de tal modo que o sujeito encontra um desses domínios como o impensado de seu pensamento, impensado este que, necessariamente, pré-existe ao sujeito. (PÊCHEUX, 1997, p.102).

O pré-construído aparece no discurso como algo universal, como se já estivesse definido antes, em outro lugar, sob a forma do “mundo das coisas”, ou “as coisas do mundo”, é uma articulação do pensamento que tomamos como óbvia, evidente, natural. No entanto, não é natural, mas sim naturalizado pelo funcionamento da ideologia, construído historicamente. Como exemplo, o sentido de criança, que será trabalhado no capítulo seguinte: hoje nos parece natural que a criança é um ser frágil e inocente, que precisa de cuidado e proteção, que um indivíduo-criança não é responsável pelos seus atos, não pode trabalhar, precisa frequentar a escola, precisa de brinquedos e tempo para brincar, que deve ter alguém que se responsabilize por ele. No entanto, esse sentido é histórico, atual. Houve um tempo em que as crianças com 5 anos já eram consideradas aptas ao trabalho e que se misturavam aos adultos em seus afazeres diários e lutavam com eles e contra eles pela sobrevivência. Os sentidos se constroem pelo trabalho histórico da memória.

No fio do discurso, o que Pêcheux (1997) chamou de “intradiscurso”, vão se colocando os elementos pré-construídos, que são articulados pelo discurso-transverso, ou seja, por elementos que colocam em relação, encadeando o intradiscurso, dando sustentação aos elementos discursivos. Sendo tanto o pré-construído quanto o discurso-transverso (articulação) elementos do interdiscurso, Pêcheux fala que, na enunciação, o interdiscurso enquanto discurso transverso articula os elementos do interdiscurso enquanto pré-construído.

O interdiscurso é definido por Pêcheux como o “... 'todo complexo com dominante' das formações discursivas” (1997, p.162). As formações discursivas são o local da ocultação da dependência do complexo contraditório do interdiscurso, ou seja, sendo o interdiscurso o lugar não organizado em que estão todos os saberes e todas as ideologias, abrigando ideologias contraditórias, a formação discursiva apaga a sua dependência em relação a ele, já

que propõe os sentidos produzidos em seu interior como sentidos naturais, literais, como se não houvesse outros sentidos possíveis para determinada palavra ou expressão, apenas os sentidos determinados pela formação discursiva.

A dissimulação da dependência das formações discursivas pelo interdiscurso se dá, então, pelo apagamento de que os sentidos não são produzidos pelo sujeito, mas são construídos anteriormente e exteriormente ao discurso (preconstruído); ou então se formam pela articulação de elementos (processo de sustentação). Preconstruído e articulação são os dois elementos do interdiscurso, que funcionam determinando o sujeito.

Paul Henry (1992) utiliza as articulações de Frege acerca da pressuposição como ponto de partida para entender o preconstruído. Ele chama a língua de “ferramenta imperfeita” pois permite que uma proposição esteja pressuposta em um enunciado, e que sem essa proposição pressuposta, o enunciado não tenha um referente. Ou seja, a língua é uma ferramenta imperfeita porque é capaz de construir enunciados sem referente mas, em seu funcionamento para os sujeitos falantes, esse enunciado produz sentidos, e no sentido encontra-se o referente: “...a língua permite criar um mundo de ficções, dar aparência que os objetos existem, quando eles não existem.” (HENRY, 1992, p.13).

O funcionamento do preconstruído permite que um enunciado traga um referente anterior a este mesmo enunciado, e construa um efeito de evidência sobre esse referente. A literatura infantil utiliza muito esse funcionamento na construção das histórias, na intenção pedagógica de passar ensinamentos morais para a criança, de auxiliar na criação de valores sociais, traz muitas vezes elementos apresentados como o que “todo mundo sabe”.

Essa “discrepância” que faz com que um enunciado traga em si mesmo algo que é construído anteriormente a ele, permite que se questione a transparência da linguagem, já que é possível que os sentidos sejam sempre outros, que os sentidos deslizem e que os sentidos sejam produzidos em outro lugar, que não o momento da enunciação. O preconstruído aparece no discurso, segundo Pêcheux (1997) como o *impensado do pensamento*, ou seja, como aquilo que já foi pensado antes, em algum lugar, e que produz evidências de sentido pelo seu caráter de verdade universal.

1.2 A Metodologia da Pesquisa: uma Leitura nas Entrelinhas

Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas. Clarice Lispector

Conforme já foi comentado na introdução, o interesse pelas histórias infantis não é recente. Tendo sido companheiro primeiramente no terreno do prazer estético, depois no exercício clínico profissional, culmina agora em uma área de estudos que se abre para outros horizontes, para a análise do discurso da literatura infantil em geral. “O Patinho Feio” sempre fez parte de nossa vida, de nossa infância (ainda que não nos déssemos conta disso), mas foi uma paciente em atendimento clínico quem, por suas inquietações de menina-mulher em transformação, nos chamou primeiramente a atenção para essa narrativa, para o que ela ainda poderia nos dizer, para além das interpretações estabilizadas.

Passou-se, então, a garimpar pelo mundo das letras os pedaços de vozes nas quais se fragmentava e unificava a narrativa de Andersen. Foram encontradas uma infinidade de versões, adaptações, compilações, e traduções, bem como novos textos, com novos títulos, que traziam o conto em questão como memória, voltadas para diferentes leitores. Como vários livros para adultos, relacionados à auto-estima (auto-ajuda), que se referiam à transformação de patinho feio em cisne, em que se diz que há um cisne dentro de cada um esperando para crescer, e que depende apenas do indivíduo deixá-lo surgir; ou à existência de um “complexo de inferioridade” chamado de “complexo de patinho feio”, querendo dizer que a inferioridade está dentro do indivíduo, na forma como ele vê a si mesmo, e não na visão exterior sobre ele (GONZALES, 1976).

Também existe um livro voltado aos que “lutam no mercado de trabalho” chamado “O patinho feio vai trabalhar” (NORGAARD, 2007), em que se apresenta a relação atual do homem com o trabalho como uma relação esvaziada de sentido, e esse fato como origem do stress e da insatisfação nos ambientes de trabalho. A narrativa sobre o patinho feio é aqui invocada a falar sobre a necessidade de sobreviver à rejeição e aos desafios desse mundo, colocando novamente a responsabilidade de superar as dificuldades para o indivíduo²⁶, é ele quem precisa encontrar o seu lugar no mundo do trabalho para se tornar a pessoa que está predestinada a ser, é ele o responsável por encontrar o caminho da satisfação com o trabalho.

Ainda direcionado ao público adulto, um livro com o título “Os patinhos feios” (CYRULNIK, 2004) trata de apresentar narrativas de pessoas que tiveram um começo de vida trágico (com relatos de abuso sexual, de refugiados de guerra, de campos de concentração, miséria, fome, abandono) e que conseguiram superar seus traumas e fazer disso justamente a possibilidade de construir uma trajetória de vida de sucesso. O autor traz o conceito de

²⁶ Como veremos nas análises, a sociedade contemporânea joga para o indivíduo a responsabilidade e a culpa pelo seu sucesso ou fracasso no mundo do trabalho, justificando que, se outros conseguiram (como o patinho feio), os que não conseguem não se esforçaram o suficiente, apagando o fato de que não há lugar para todos.

“resiliência”, capacidade que alguns indivíduos tem de não se deixar abater pelas dificuldades, e encontrar a melhor forma de lidar com as privações. O patinho feio seria o símbolo da pessoa resiliente, que suporta todas as injustiças da vida até encontrar o seu lugar. Mais uma vez, trata-se de colocar que cada indivíduo faz a sua trajetória no mundo a partir de seus recursos internos, psíquicos, apagando a materialidade das determinações econômicas e históricas da sociedade.

Já para o público infantil, existem muitas histórias que trazem “O patinho feio” como memória. Alguns exemplos seriam “O gatinho feio” (SEIXAS, 2006), em que uma menina escolhe o mais feio de uma ninhada de gatinhos para levar para casa e cuidar. No fim da história, o gatinho que era desprezado cresce e fica muito bonito, parecendo um gato de raça; em “O retorno do patinho feio” o protagonista da história original sente falta da sua família de origem e decide deixar a mansão onde mora para visitar a mãe, que não o reconhece. Ele sente que lhe falta carinho na sua vida de milionário, então pede a um mago que o deixe feio novamente, e passa a ter o amor da mãe, em uma inversão do conto de Andersen. E em “O patinho realmente feio” (SCIENZKA; SMITH, 1997), o patinho não se incomoda com a própria feiura pois sabe que vai crescer e se tornar cisne. Mas quando cresce, o que ocorre é que ele vira apenas um pato grande realmente feio. E fim.

O *corpus* de pesquisa, portanto, nesse primeiro olhar, parecia ilimitado e poderia ser abarcado por diferentes olhares, diversos gestos de leitura. Entendendo que as produções relacionadas à história original se deviam à sua força ideológica, à sua adequação em reproduzir elementos do funcionamento da sociedade capitalista, optamos por analisar a história de Andersen em suas várias versões.

Em uma primeira tentativa de delimitação, percebeu-se que havia dois tipos de produção textual: o primeiro com o texto traduzido do conto original de Andersen; o segundo com predomínio da imagem sobre o texto – livros dirigidos às crianças bem pequenas e que geralmente tinham a própria editora dividindo a função de autoria. Compreendendo-se que cada uma destas produções levaria a pesquisas diferentes, optou-se pela primeira.

Percebeu-se ainda que muitos destes textos selecionados faziam um recorte na história. Na realidade, foi constatado que poucas pessoas conheciam o conto completo. Pensamos no conto dividido em cinco partes, ou cinco cenas: a do nascimento e rejeição do patinho no galinheiro/cercado; sua fuga para o bambuzal/charco/pântano onde ocorre a caçada; o período na casa da velha senhora com a galinha e o gato; o congelamento e a casa do camponês/fazendeiro; o encontro com os cisnes no jardim/lago. Percebeu-se que muitas das

versões omitiam a terceira e a quarta partes, e algumas apagavam ainda a segunda. Por isso, o *corpus* constituiu-se pelas versões que traziam o “texto completo”.

Através da leitura das várias versões de que se dispunha então, percebeu-se certa homogeneidade aparente, por isso foram selecionadas quatro versões para análise: Andersen (s.d), V1; Lobato (1958), V2; Ash & Higton (1995), V3; e Andersen (2008), V4.

A forma de apresentação das seqüências exige ainda um esclarecimento: as SDRs se encontram recortadas cada uma nas suas quatro versões (V1, V2, V3 e V4), como um bloco, uma montagem de enunciados. O trabalho da AD., como Pêcheux o descreve em uma nota de rodapé:

A análise de discurso, tal como ela se desenvolve atualmente sobre as bases evocadas mais acima, se dá precisamente como objeto explicitar e descrever montagens, arranjos sócio-históricos de constelações de enunciados. (Pêcheux, 2006, p.60)

Formou-se, assim, uma possibilidade de trabalho com “constelações de enunciados”, ou seja, com grupos de enunciados que funcionam conjuntamente produzindo sentidos. Ainda, durante a pesquisa, deparou-se com uma “chuva de dizeres”, vinda de diversas fontes: da música, da literatura infantil, juvenil, da literatura adulta “séria”, do cinema, da crítica literária... que foram dando mais corpo às questões propostas pelas análises.

Além disso, a função de se trazer quatro versões do mesmo conto é para mostrar como as mesmas coisas podem ser ditas de diferentes formas, produzindo os mesmos sentidos ou então sentidos diferentes. Nas seqüências se verá que algumas dizem quase do mesmo jeito, nos movimentos de paráfrase que envolvem o reconto, a tradução; enquanto outros trazem diferenças mais ou menos sutis, a polissemia envolvida no movimento de criar uma versão da história.

... nenhuma realidade oferece apenas uma alternativa, e é nesse espaço de escolha que a subjetividade exerce a capacidade de produzir o novo em todas as práticas humanas, inclusive a discursiva. (FLORÊNCIO; MAGALHÃES; SILVA SOBRINHO; CAVALCANTE, 2009, p.51)

Entre os métodos de análise das obras literárias, segundo D'Onofrio (2007), diferenciam-se métodos extrínsecos, que abordam a obra a partir da exterioridade, do autor ou da escola a que pertence, por exemplo, e os métodos intrínsecos, como a análise linguística ou a formalista. Segundo Cândido (1985), relacionando a obra literária às questões sociais, existem, da mesma forma, duas tendências: uma considera a obra como fruto, representação do meio, do exterior; outra considera a obra como um todo em si mesmo, apenas concernente

aos seus aspectos internos. O autor propõe que não se pode pensar a literatura desligada de suas determinações sociais, mas que estas não se fazem espelhar na obra tal como são, e sim participam de sua constituição. Sendo assim, “...o *externo* (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.” (CÂNDIDO, 1985, p.4). Da mesma forma, no trabalho da AD sobre a obra literária, conjugam-se o interno (a estrutura textual, a forma de dizer) e o externo (a historicidade), para constituir o discurso.

Os procedimentos de análise, na AD, tratam de explicitar não apenas os sentidos que o discurso produz, de acordo com a filiação às formações discursivas (e destas às formações ideológicas), mas também a forma como produz tais sentidos. A compreensão do discurso se dá pela explicitação do caminho da análise, do caminho que o analista percorre através do discurso para compreender os sentidos. Essa compreensão se dá através do entendimento da constituição do discurso, de suas condições de produção.

O capítulo seguinte traz as condições de produção do discurso da literatura infantil, ou seja a exterioridade que o constitui, portanto, se torna interioridade.

2 DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

2.1 A Construção da Infância: do Anonimato à Individualidade

Veez yci le mmois de janvier
 A deux visages le premier.
 Pour ce qu'il regarde à deux tems
 C'est le passé et le venant.
 Ainsy l'enfant, quand à vescu
 Six ans ne peut guère valoir
 Car il n'a guère de scavoir.
 Mais l'on doit nettre bonne cure
 Qu'il prenne bonne nourriture
 Car qui n'a bom commencement
 A tard a bom deffinement...²⁷
 (MORAWSKI, *apud* ARIÈS, 2006, p.8)

Quando se fala em infância, é comum que se tenha pré-concebidamente um grupo de conceitos e definições que parecem eternos. Não parece cabível que o sentimento existente hoje, da inocência, da necessidade de proteção e direcionamento educacional da criança, não tenha existido desde sempre, que não se tenha, em outros momentos da história da humanidade, respeitado sua fragilidade e sua diferença em relação aos adultos.

Houve um tempo em que nem a criança, nem a família tinham a existência social com as quais as considera o mundo moderno. A família antiga²⁸ não tinha – como a moderna família burguesa – um estatuto essencialmente afetivo e nuclear. Sua função, enquanto agrupamento humano, era a conservação dos bens e terras (no caso daqueles que as detinham) e da ajuda mútua no trabalho (as famílias dos camponeses servis que trabalhavam juntas). Nesse contexto, a criança também não tinha um valor especialmente afetivo.

As pessoas se divertiam com a criança pequena como com um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. (ARIÈS, 2006, p.X)

A criança, até meados do século XVII²⁹, era uma miniatura do adulto. Até mesmo nas representações artísticas, não havia uma caracterização diferente para as crianças; quando elas

²⁷ Vedes aqui o mês de janeiro,/ O primeiro de todos, que tem duas faces,/ Porque está voltado para dois tempos: o passado e o porvir./ Assim também a criança que viveu apenas/ Seis anos não vale quase nada, / Pois quase não possui saber./ Mas deve-se cuidar/ Para que ela se alimente bem, / Pois quem tem um bom começo, / No final terá um bom fim... (tradução do autor).

²⁸ Está se falando aqui da família da época medieval, no contexto europeu.

²⁹ Já na era moderna

eram representadas em pinturas, por exemplo, eram caracterizadas da mesma forma que os adultos, apenas em tamanho reduzido. Pode-se dizer que essa é uma representação de seu lugar social, da forma com era vista no sistema de relações sociais. Assim que conseguia uma certa autonomia em suas condições fisiológicas de se movimentar, se alimentar, uma certa independência, era incorporada ao mundo dos adultos. Participava da jornada de trabalho exaustiva e, ao final do dia, reunia-se com todos para ouvir histórias.

En la Edad Media, los niños eran considerados adultos desde los cinco años y participaban con los mayores en todas las tareas, de manera que no resulta difícil suponer que también encucharan estos relatos y alimentaran con ellos su imaginario. Pero todavía no se puede hablar de una literatura escrita y pensada para ellos. (GARRALÓN, 2005, p.14)

O “anonimato” referido à infância, neste tempo, se fazia ver nas práticas de “infanticídio” entre as camadas mais pobres da população. As crianças pequenas eram colocadas para dormir na cama dos pais e não era raro que ao amanhecer estivessem mortas. Era algo sobre o qual não se falava abertamente, mas os constantes chamados dos religiosos para que não se deitassem as crianças junto com os pais, segundo Ariés (2006), demonstrava a constância desse hábito e de suas consequências. Por outro lado, como a mortalidade infantil era, por si mesma, muito alta, aqueles que desejavam filhos os tinham em grande quantidade, para que ao menos alguns sobrevivessem. Não se tinha, então, uma consideração por uma ou outra criança específica, e eram tratadas como se não tivessem uma alma singular, mas coletiva: se uma criança morresse, outra logo lhe tomava o lugar.

Ainda no século XVII, em *Le Caquet de l'accouchée*, vemos uma vizinha, mulher de um relator, tranquilizar assim uma mulher inquieta, mãe de cinco “pestes”, e que acabara de dar à luz: “Antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos”. Estranho consolo! (ARIÉS, 2006, p.22)

A Idade Média foi continuamente assolada por epidemias, miséria e fome, o que fazia a mortalidade ser muito alta e as condições de sobrevivência muito ásperas para os que não eram nobres. Entre os camponeses, também havia diferenciação, existiam aqueles que tinham onde trabalhar (nas terras de seus senhores), e podiam manter filhos, já que estes lhes auxiliavam no trabalho assim que conseguiam; mas também havia uma grande população miserável, especialmente nas nascentes cidades, conforme Darnton (1986), onde uma boca a mais para alimentar poderia significar a impossibilidade da sobrevivência. Nesse contexto, era comum que crianças fossem abandonadas quando não se conseguia mais alimentá-las. É o que se representa, na literatura, nos contos “João e Maria” e “O pequeno polegar”, em que as crianças são abandonadas na floresta, para serem devoradas pelos animais, por não se

conseguir garantir sua sobrevivência³⁰ como se pode ver nesse início do conto “João e Maria”: “Era uma vez um pobre lenhador que tinha tantos filhos que não tinha mais como alimentá-los. Resolveu, então, levar os mais novos até o centro da floresta e deixá-los ali.” (TATAR, 2004, p.163).

Foi a partir do século XVII que a criança passou a assumir um lugar social diferenciado. Ariés define as condições dessa mudança: a modificação nos meios de educar a criança, não mais pela aprendizagem (aprender fazendo), mas pelo processo de escolarização; um novo estatuto familiar, como célula-máter da sociedade moderna em formação, responsável, junto à Escola, pela educação moral e religiosa, pela formação dos sujeitos sociais; a articulação dos laços familiares pelo afeto mútuo, que se torna o meio de valorização da criança e do valor que se dá à sua educação, à sua formação. Tanto o sentimento moderno sobre a infância, quanto o desenvolvimento de uma literatura infantil estão entrelaçados nesses movimentos históricos.

Sobre a evolução da organização social que hoje chamamos de “família”, refere-se ao trabalho de Engels (s.d), em que se descreve a passagem do direito materno ao paterno por uma fase rudimentar da propriedade privada do homem, substituindo os “casamentos grupais” (família punaluaana) pela relação mais ou menos estável entre um casal (família sindiásmica) até o casamento monogâmico (das mulheres) relacionado à civilização e à proteção do direito paterno à filiação e à administração da propriedade privada, sendo que a própria família – esposa, filhos, parentes de várias gerações e escravos – faziam parte dessa propriedade.

A utilidade do matrimônio, que é uma escritura de propriedade, um contrato mercantil, antes de ser a união de duas pessoas, deriva da estrutura econômica de uma sociedade baseada na apropriação individual. Ao oferecer garantias para os filhos legítimos e ao assegurar-lhes os capitais paternos, o matrimônio perpetua a dominação da casta detentora das forças produtivas. (DEVILLE, 2008, p.36)

Desta forma, entende-se que as modificações no estatuto da família decorrem das necessidades sociais que se vão diferenciando através da história. O fato de que se tenham formado as grandes famílias da época do feudalismo (onde o pai, o senhor feudal exercia seu poder tanto sobre a mulher e os filhos, quanto sobre os irmãos mais novos, sobrinhos, bem como para os serviços da casa e os servos do campo) implica que se tornou necessário um

³⁰

Adiante se verá que os contos folclóricos que se conhecem atualmente não eram originariamente dirigidos às crianças – e como poderiam se a criança enquanto entidade especial não existia? – mas eram a forma de tratar assuntos do cotidiano, dar lições, exemplos e promover a catarse de sentimentos e emoções. Muitas vezes a forma literária permite falar de assuntos ou sentimentos de que não se fala em outros meios, por se tratar de uma outra realidade, torna-se mais ameno falar da própria realidade, e mais seguro falar sobre os próprios desejos, sob forma literária.

controle das posses através da hereditariedade, o direito de herança da casta dominante. Ao mesmo tempo, mantém a casta dominada pela dívida que os servos assumem com seus senhores, e que passa também de geração em geração, mantendo-os presos à sua condição.

Segundo Engels e Marx (1998), no feudalismo, a classe diretamente produtiva deixa de ser representada pelos escravos (referente à formação social escravista) e passa a se constituir dos camponeses submetidos à servidão. Enquanto essa relação se dava no campo, nas cidades imperava o artesanato, através da existência de mestres e aprendizes. Aos poucos, essa classe de artesãos, que crescia devido à fuga dos camponeses para as cidades, em busca de melhores condições de vida, foi se organizando em corporações que protegiam os interesses daqueles que realizavam o mesmo tipo de trabalho. A relação com o trabalho era, nessa época, bastante subjetiva: o artesão vivia para o seu trabalho e realizava todas as atividades referentes a ele, até o produto final. Com o tempo, as corporações deram lugar às manufaturas, onde se associavam os trabalhadores de uma cidade em torno de um produto comum, que era trocado, mediante um valor, por outros produtos de outras cidades. Foi nesse contexto que se criou uma nova classe de pessoas que não viviam nos campos, nem trabalhavam como artesãos: os comerciantes.

A classe dos comerciantes deu início ao que depois se tornou a burguesia e que culminou na instauração da formação social capitalista, através das modificações nas relações sociais e nas formas de dominação entre as classes. Foi na instauração desse novo modelo social que a família nuclear que conhecemos hoje começou a se delinear. O novo modelo social se caracteriza pelo valor de troca das mercadorias (não mais por seu valor de uso), pela busca dos capitalistas pelo lucro e pela acumulação de capital.

Nestas relações, a classe dominante (a burguesia) explora o trabalho da classe dominada (o proletariado), que vende sua força de trabalho em troca de um salário que lhe garante o mínimo para sobreviver. A partir daí, as relações sociais se constituem em uma luta constante: dos capitalistas pelo lucro cada vez maior, através do aumento da exploração; dos trabalhadores por melhores salários e diminuição da carga de trabalho – diminuição da exploração. Nesta sociedade, a ideologia dominante funciona, como já foi dito, pela ocultação dessa luta, pela naturalização da divisão e da exploração. Fazendo entender que “as coisas são assim”, e que não poderiam ser de outra forma, a ideologia, materializada em práticas sociais (entre elas a discursiva), produz a manutenção da formação social capitalista.

A família nuclear burguesa é caracterizada pelas relações de afeto entre seus membros, pela escolha individual dos cônjuges, pelo amor pelos filhos, cuidado com sua educação e

higiene. A mãe passa a ser a responsável direta pela sobrevivência e pelo desenvolvimento do caráter da criança, enquanto o pai é o responsável pelo sustento da família e pela acumulação de bens que serão passados de geração em geração. À divisão das tarefas se soma a preocupação com a educação das crianças, não apenas a educação escolar, mas o processo educacional que envolve a transmissão das regras de convivência da sociedade, dos preceitos morais, inculcando-lhes as noções de certo/errado, bom/mau, que fazem parte do imaginário de uma sociedade.

... o burguês descobriu que a criança era um elemento vital para o futuro de suas teses; deu-lhe toda a assistência e o carinho necessários. Foi o burguês que modificou o estatuto da criança. Pela educação, pela religião, pelo amparo, pela escola, pela família, por todos os elementos que constituem o aparelho ideológico de estado, a criança vai recebendo a ideologia dominante, vai aceitando e conformando-se. (ATAÍDE, 1995, p.13)

Com essa preocupação com as crianças e sua formação moral, a infância deixou de ser vivida publicamente como antes. Ao se recolher a família em seu isolamento, as crianças (e os jovens) passaram a ficar muito tempo no seio da família, e em seguida na escola, protegidas, cuidadas, afastadas do mundo. A aprendizagem das regras sociais passou de prática a teórica, onde antes as crianças aprendiam o fazer prático no cotidiano, agora recebiam as instruções na escola.

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão. (ZILBERMAN, 1981, p.15)

A literatura infantil se constituiu³¹ como um desses elementos de produção e reprodução, procurando “passar” à criança lições de moral, os comportamentos corretos e incorretos, a diferenciação e a luta entre o bem e o mal. Nas histórias infantis geralmente as personagens principais se comportam inicialmente de forma considerada inadequada, e precisam aprender, muitas vezes através do sofrimento, os comportamentos adequados³².

No entanto, só podemos falar em uma literatura infantil após haver um “infantil” sobre

³¹ A seguir trataremos da história da formação da literatura infantil.

³² É o que ocorre, por exemplo, com “Chapeuzinho Vermelho” que, mesmo sendo advertida pela mãe dos perigos da floresta, se detém para conversar com o lobo e quase paga com a vida por essa desobediência. Também a cigarra, da fábula “A cigarra e a formiga”, que canta quando devia trabalhar, e quase morre quando chega o inverno. As personagens aprendem lições de crescimento, de dever, de adequação, e esse é o ensinamento da literatura infantil para a criança, como se verá adiante nas análises.

o qual falar. Foi preciso que esse sentimento sobre a criança se transformasse, se consolidasse. Mas essa não foi uma transformação rápida, foi lenta e com resistências, como se pode ver no tratamento linguístico: antes do século XVII, a língua francesa não tinha palavras específicas para designar as crianças – o termo *enfant* podia se referir tanto à criança pequena quanto a jovens de 24, 25 anos.

Durante o século XVII, houve uma evolução: o antigo costume se conservou nas classes sociais mais dependentes, enquanto um novo hábito surgiu entre a burguesia, onde a palavra infância se restringiu a seu sentido moderno. A longa duração da infância, tal como aparecia na língua comum, provinha da indiferença que se sentia então pelos fenômenos propriamente biológicos: ninguém teria a idéia de limitar a infância pela puberdade. A idéia de infância estava ligada à idéia de dependência: as palavras *fiis*, *valets*, e *garçons* eram também palavras do vocabulário das relações feudais ou senhoriais de dependência. Só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos da dependência. Essa é a razão pela qual as palavras ligadas à infância iriam subsistir para designar familiarmente, na língua falada, os homens de baixa condição, cuja submissão aos outros continuava a ser total: por exemplo, os lacaios, os auxiliares e o soldados. Um “*petit garçon*” (menino pequeno) não era necessariamente uma criança, e sim um jovem servidor (da mesma forma hoje, um patrão ou um contramestre dirão de um operário de 20 a 25 anos: “É um bom menino”, ou “esse menino não vale nada”). (ARIÉS, 2000, p.11)³³

Analisando a citação acima, pode-se ver alguns sentidos sobre a infância que estiveram presentes na formação da literatura infantil: a relação com um estado de dependência, irracionalidade, baixa condição social (falta de importância), submissão.

Um mestre dirá aos trabalhadores, mandando-os trabalhar: “vamos, *enfants*, trabalhem”. Um capitão dirá a seus soldados: “coragem, *enfants*, *agüentem* firme”. Os soldados da primeira fila, que estavam mais expostos ao perigo, eram chamados de *enfants perdus* (crianças perdidas). (ARIÉS, 2006, p.12)

A criança anônima do início da Idade Média vai se tornando cada vez mais uma figura individualizada, que tem importância para a família e para a sociedade. No entanto, se mantém por muito tempo associada a essas relações de dependência, como ser inferior a quem se deve educar. Salienta-se que não se está defendendo aqui a idéia de que a criança nasce pronta do ponto de vista moral, e que bastaria deixá-la livre de repressões para que se desenvolvesse bem – uma idéia defendida no final do século passado por algumas correntes da pedagogia e da psicologia³⁴.

Ao contrário, seguindo as idéias de Freud (1996, Vol.XXI), o sujeito humano, para viver em sociedade, precisa abrir mão de muitos dos seus desejos. Para que a sociabilidade

³³ Podemos ver esses sentidos também no Hino da França, criado em 1792: “*Allons enfants de la Patrie...*”(Avante, filhos da Pátria).

³⁴ Conhecidas nos EUA como as *no frustration kids*.

seja possível, é preciso que se estabeleçam regras seguidas por todos, com interditos, tabus, proibições. Do ponto de vista do psiquismo da criança, é preciso que ela apreenda essas regras do funcionamento social, bem como do funcionamento familiar, para que se desenvolva o sujeito possível e necessário à formação social que o determina³⁵. A criança, em seu desenvolvimento, internaliza essas questões, que passam a fazer parte de sua vida psíquica.

Trata-se do imaginário de uma sociedade – a imagem que a sociedade coloca sobre o que é o homem e suas relações - que define para a criança o que é certo e errado, feio e belo, bom e mau, aceitável ou inaceitável, que diz o que é ser criança, ser adulto, homem, mulher, pai e mãe, etc. Essa transmissão ocorre via práticas sociais, entre as quais o discurso (pelo funcionamento da ideologia), mas não se dá totalmente de forma consciente. É através do inconsciente, da internalização dessas relações por cada sujeito humano em seu processo de desenvolvimento, que esse imaginário passa a fazer parte do próprio sujeito, para ser reproduzido e retransmitido adiante.

Durante esse processo de construção do que hoje entendemos por “infância” - que agora se entende como o imaginário de uma sociedade sobre o ser infantil - coexistiram, ainda segundo Ariés (2006), durante algum tempo dois sentimentos em relação à criança: a “paparicação” e a “moralização”³⁶.

Por uma lado, com a formação da família nuclear burguesa, a criança passou a ser admirada no seio familiar, os pais se divertiam com as “gracinhas” de seus filhos e a sociedade via na criança todo o aspecto de inocência e graciosidade que antes não lhe cabia, por outro, essa “paparicação” não agradava aos moralistas³⁷ (preocupados em manter uma disciplina moral na sociedade), que consideravam a criança um ser frágil e débil moralmente, que precisava ser ensinado, educado, moralizado, e a quem as paparicações deturpavam o espírito, pois não as levava a um bom desenvolvimento.

Além disso, a infância, enquanto novo referencial, se tornava um sinônimo de dependência e irracionalidade, fragilidade, sendo desprezada pelos homens racionais e independentes. Uma citação de Jacqueline Pascal (de Port-Royal) demonstra os dois sentimentos que foram mencionados: “Fazei, Senhor, com que sempre sejamos crianças pela simplicidade e a inocência, assim como as pessoas do mundo sempre o são por sua ignorância

³⁵ Não esquecendo que Freud, ao formular sua teoria da subjetividade, lida exclusivamente com a subjetividade da sociedade capitalista, mais especificamente da classe burguesa.

³⁶ Assim como também coexistiram durante algum tempo, segundo o mesmo autor, o nascente sentimento de afeição e cuidado com a criança, e a indiferença quanto à sua sobrevivência e particularidades.

³⁷ Por exemplo, os educadores de Port-Royal

e fraqueza” (PASCAL, J., 1721, *apud* ARIÉS, 2006). A criança era, então, vista agora tanto em sua inocência quanto em sua vulnerabilidade moral.

Não apenas as terminologias referentes ao infantil até meados do século XVI – que se relacionavam com o estado de dependência – mas também as representações iconográficas de crianças mostram o processo de mutação do olhar dirigido à infância no decorrer desse período de tempo. Antes do século XVI raramente se faziam retratos das crianças, pois considerava-se que, se sobrevivesse e se tornasse um adulto, não era importante fazer um retrato de uma fase momentânea; se morresse cedo, não havia porque ser lembrada em um retrato. Houve um momento transitório – século XVI – em que se representavam pictoricamente as crianças nos túmulos dos pais, ou em retratos de família, mas eram representadas indiscriminadamente as vivas e as mortas, e geralmente todas iguais, embora tivessem idades diferentes. No século XVII, no entanto, já eram abundantes os retratos de crianças, e se tornou um hábito pintar a infância.

A criança agora era representada sozinha e por ela mesma: esta foi a grande novidade do século XVII. A criança seria um de seus modelos favoritos. (...) Cada família agora queria possuir retratos de seus filhos, mesmo na idade em que eles ainda eram crianças. Esse costume nasceu no século XVII e nunca mais desapareceu. No século XIX, a fotografia substituiu a pintura: o sentimento não mudou. (ARIÉS, 2006, p.25)³⁸.

Houve também uma diferença no movimento de formação da noção de criança, no que se refere às classes sociais - a criança da nobreza ou da burguesia, e a criança do povo, do proletariado. Enquanto a família nuclear se tornou a sede da classe burguesa, e a criança nesse meio recebeu maior valorização; os proletários, devido à situação de pobreza, se uniam em conjuntos de trabalhadores que dividiam a vida e se ajudavam mutuamente. Não se tratava de uma família composta por mãe-pai-filhos, mas de grupos de indivíduos que cooperavam para diminuir a miséria da vida. Nesse ambiente, as crianças ainda faziam parte do mundo do trabalho, ainda eram criadas por um conjunto de pessoas ou então nas ruas das cidades.

Logo, enquanto a diferenciação das crianças burguesas em relação ao mundo adulto ocorreu mais rapidamente, a criança pobre se manteve no anonimato por mais tempo, e na prática da vida social elas logo se misturavam aos adultos. É o que Ariés (2006) comenta através do estudo do vestuário das crianças: enquanto os filhos de nobres ou burgueses ricos

³⁸ Precisamos discordar de Ariés nesse sentido, pois o imaginário sobre a infância mudou do século XVII até o XIX, bem como mudou dessa época para o século XXI. Mas concordamos que a valorização da infância não apenas se manteve, como se tornou maior na sociedade contemporânea. Atualmente, ser criança é um valor absoluto, que recebe da lei toda a proteção possível, embora a lei e o direito não funcionem da mesma forma para todos.

passaram a ter um traje específico a partir do século XVI, as crianças do povo continuavam sendo vestidas, assim que saíam dos “cueiros” com as mesmas roupas dos adultos. Da mesma forma ocorria nos jogos e brincadeiras, que antes eram indiferenciados entre as faixas etárias (incluindo-se a criança nos jogos de azar, por exemplo), passaram a ter características diferenciais a partir do século XVI, mas as crianças do povo continuaram por mais tempo compartilhando as diversões dos adultos, pois participavam ainda de seu mundo (do trabalho).

É notável que a antiga comunidade dos jogos se tenha rompido ao mesmo tempo entre as crianças e os adultos e entre o povo e a burguesia. Essa coincidência nos permite entrever desde já uma relação entre o sentimento da infância e o sentimento de classe. (ARIEÉS, 2006, p.74)

Outra diferenciação dizia respeito à questão dos gêneros: mesmo nas famílias burguesas, havia uma valorização maior dos filhos homens, pois seriam estes os responsáveis pela próxima geração, que manteriam os “negócios” de seus pais, que sustentariam a família. No modelo burguês, conforme já foi dito antes, o homem passou a ser o responsável pelo sustento da casa, sendo preparado o menino desde cedo para esse mundo externo, do trabalho, da política; enquanto a mulher cuidava da casa e dos filhos³⁹, sendo as meninas ensinadas as tarefas que as fariam ser boas mães e esposas. Sendo assim, no princípio, a criança que frequentava a escola era bastante específica: meninos, filhos de nobres ou burgueses ricos. As mulheres e o proletariado não recebiam instrução teórica, apenas a instrução prática que os permitia situarem-se no mundo, as crianças do povo aprendiam o trabalho acompanhando os adultos, e as meninas burguesas aprendiam em casa com a mãe a serem como elas.

Nos contos de fadas clássicos, essa divisão dos gêneros é representada pela diferença entre príncipes e princesas. Enquanto aos heróis dos contos cabe a tarefa de sair ao mundo para procurar algo, matar dragões, vencer desafios, decifrar enigmas, sendo reconhecidos no final por seus atos de bravura, coragem, esperteza; as heroínas, na maior parte das histórias, não fazem muito mais do que dormir. Dormir e esperar pela chegada do príncipe que resolve as questões. Tudo se resolve com a presença do príncipe. Em “A Bela Adormecida” pode-se ver o representante mais conhecido desse tipo de história, onde não apenas a princesa dorme, mas todo o seu mundo fica congelado no tempo até a chegada do príncipe. Mesmo quando

³⁹ O papel da mulher na família burguesa é muito bem representado no poema de Carlos Drummond de Andrade (1980, p.20): “Três meninos e duas meninas, sendo uma ainda de colo. A cozinheira preta, a copeira mulata, o papagaio, o gato, o cachorro, as galinhas gordas no palmo de horta e a mulher que trata de tudo./ A espreguiçadeira, a cama, a gangorra, o cigarro, o trabalho, a reza, a goiabada na sobremesa de domingo, o palito nos dentes contentes, o gramofone rouco toda noite e a mulher que trata de tudo./ O agiota, o leiteiro, o turco, o médico uma vez por mês, o bilhete todas as semanas branco! Mas a esperança verde. A mulher que trata de tudo e a felicidade.”

não dormem, as atividades que as heroínas desenvolvem nos contos são de uma ação diferente da dos heróis: elas podem ser submetidas a trabalhos exaustivos, que realizam com paciência e abnegação, provando seu valor ora pela obediência, ora pela beleza, ora por suas “prendas” domésticas.

Sendo a literatura tanto representação da sociedade quanto instrumento de transformação, as histórias infantis contemporâneas vêm produzindo questionamentos e inversões a respeito desses papéis estabelecidos no conto tradicional. Um bom exemplo é o conto “Procurando firme”, de Ruth Rocha (1984)⁴⁰, onde o príncipe aprende todas as lições que precisa para vencer os desafios do mundo (aula de berro, de escalar montanhas, de montar a cavalo, de cotovelada, de dar gritos de comando, etc.), enquanto a princesa, sua irmã, aprende o que uma princesa deve aprender (a bordar, fazer fios de ovos, frivolitê, bolsa de macramê, etc.) para agradar o seu príncipe. O que acontece na história é que essa princesa corta suas tranças, veste calça jeans, passa a ter aulas com os mesmos professores do irmão, decide que não quer agradar príncipe nenhum, se prepara e sai para o mundo em busca de desafios⁴¹.

A diferença de gêneros, o que é ser mulher ou homem, assim como o que a mulher pode e o que o homem pode em uma sociedade, faz parte do imaginário dessa sociedade, e as práticas sociais vão colocando para a criança essas diferenças. Desde o momento histórico em que apenas os meninos frequentavam as escolas, até as escolas divididas por sexo (escolas para meninos e escolas para meninas) em que os conteúdos se diferenciavam, e as escolas mistas da atualidade, as relações sociais se modificaram – hoje o que é ser homem e mulher é diferente do que era antes, assim como o “ser criança”.

Da mesma forma, a relação da criança com a sexualidade foi modificada nesse processo de consolidação de um sentimento sobre a infância. Atualmente, embora nossa sociedade moderna esteja repleta de referências à sexualidade específica da infância⁴², não se considera indicado trazer referências sexuais para essa fase da vida. No entanto, não foi sempre assim, antes do século XVI, ninguém pensava em se abster de comentários maliciosos ou de brincadeiras sexuais por haver uma criança presente, da mesma forma que era comum que adultos brincassem com os órgãos sexuais das crianças pequenas e se divertissem com

⁴⁰ Época em que o movimento feminista já tinha a sua história no Brasil.

⁴¹ “Os professores estavam se queixando que ela não ia mais às aulas de craquelê, nem às aulas de etiqueta, nem às aulas de minueto. E a corte inteira se espantava com a modificação da princesa, que deu para rir alto e que até se intrometia nas conversas dos mais velhos. Até nas conversas dos ministros sobre política ela deu pra dar palpites!” (ROCHA, 1984, p.26)

⁴² Devido aos trabalhos de Freud (1996, Vol VII), em especial.

isso.

Nesse contexto, os contos populares que deram origem aos contos de fadas que conhecemos hoje eram contados tanto para adultos como para crianças, e falavam da vida em geral, de forma metafórica, faziam piadas sobre a classe dominante, sobre reis e rainhas; tentavam dar explicações para o que era inexplicável; mas sobretudo traziam lições morais para os ouvintes das histórias. Assim, um dos contos mais apreciados hoje pelas crianças - “Chapeuzinho Vermelho” tinha, nas versões originais, um outro diálogo no lugar do que conhecemos atualmente “- *Vovó, porque esses olhos tão grandes? - É para te ver melhor...*”. O diálogo que crianças e adultos ouviam na Europa Feudal era algo semelhante a este:

Então, o lobo disse:

- Tire a roupa e deite-se na cama comigo.

- Onde ponho meu avental?

- Jogue no fogo. Você não vai mais precisar dele.

Para cada peça de roupa – corpete, saia, anágua e meias – a menina fazia a mesma pergunta. E, a cada vez, o lobo respondia:

- Jogue no fogo. Você não vai mais precisar dela.

Quando a menina se deitou na cama, disse:

- Ah, vovó! Como você é peluda!

- É para me manter aquecida, querida.

- Ah, vovó! Que ombros largos você tem!

- É para carregar melhor a lenha, querida.

- Ah, vovó! Como são compridas as suas unhas!

- É para me coçar melhor, querida.

- Ah, vovó! Que dentes grandes você tem!

- É para comer melhor você, querida.

E ele a devorou. (DARNTON, 1986, p.22)

Tanto a sexualidade quanto a crueldade não eram escondidas das crianças, pois não se tinha esse sentimento de que a criança é inocente e precisa ser protegida de experiências para as quais não está emocionalmente preparada – esse é um sentimento moderno, nascido, como já foi dito, junto ao novo estatuto da família burguesa, e à consolidação da burguesia como classe dominante. Repete-se aqui o dizer de Marx e Engels (1998) de que a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante da época, logo, à ascensão da burguesia a essa condição, corresponde a dominância da ideologia burguesa, que se faz representar nas práticas sociais e nas instituições, como a instituição familiar, escolar e religiosa⁴³.

Foi durante a reforma religiosa e moral dos costumes, que se iniciou no século XVI, que a relação entre infância e sexualidade começou a ser modificada. Começou a se ver a masturbação infantil – que antes era considerada uma brincadeira – como algo vergonhoso e que deveria despertar um sentimento de culpa. Entra em jogo a religião cristã, em sua função

⁴³ Citamos estas por serem as que estão envolvidas diretamente com o processo educacional das crianças.

de salvar e purificar as almas, que não tinham uma inocência, ainda que recém-nascidas, pois vinham do pecado original⁴⁴. Foi nessa época que se iniciou o que hoje conhecemos por literatura infantil, e que – veremos adiante – surge da adaptação de contos folclóricos, das fábulas e de grandes clássicos para as crianças, justamente pela retirada dos elementos sexuais, entre outras modificações.

Então, de acordo com o que pregavam os moralistas e educadores dos séculos XVI e XVII, um novo sentimento sobre a infância foi sendo construído – o da inocência infantil e da necessidade de se conservar essa inocência. Foi esse sentimento que se manteve, quase inalterado, até a modernidade, em que a proteção da ingenuidade infantil se tornou um dever moral, já investido de novas regulamentações sociais: a responsabilidade de educar moralmente as crianças, para delas “moldar” - como se molda uma escultura da argila disforme - um adulto bem orientado no mundo, passou, das escolas (internatos) dos séculos XVII e XVIII (de caráter religioso e voltadas para os ricos), para o comprometimento no seio familiar e das escolas modernas – agora tanto particulares quanto públicas. O Estado burguês, com seus instrumentos jurídicos, se torna o regulador da educação das crianças⁴⁵.

Com o decorrer da história, a criança passou a ser também vista como público consumidor, e sua valorização e os cuidados com ela foram redobrados, especialmente após a Revolução Industrial. A sociedade capitalista, que dependente do lucro e da exploração do trabalho, vê nas crianças (na era moderna) tanto o futuro trabalhador, que deve ter uma instrução adequada, minimamente suficiente, e uma saúde que o mantenha disponível ao trabalho; quanto o consumidor em potencial, que deve ser “ensinado” a consumir desde cedo. Para tal, é preciso que se cuide das crianças, que se instruem os *enfants*.

Os donos da força de trabalho são mortais: a fim de que ela se encontre sempre no mercado, como o reclama a transformação contínua do dinheiro em capital, é necessário que se perpetuem, que reproduzam em quantidade igual, pelo menos, a quantidade de força de trabalho que o cansaço e a morte subtraem. A soma dos meios de subsistência necessários para a produção da força de trabalho compreende, pois, os meios de subsistência dos substitutos, isto é, dos filhos dos trabalhadores. (MARX, 2008, p.80)

O processo de socialização da criança, na sociedade capitalista contemporânea, envolve, então, a transmissão das regras sociais, do funcionamento social (de forma

⁴⁴ Segundo Freud (1996, Vol XXI), o sentimento de culpa é a forma por excelência que a religião utiliza para manter o homem cativo de seus dogmas. O medo do castigo e a culpa pelos pecados mantém o sentimento religioso.

⁴⁵ Através da obrigatoriedade do ensino, de práticas que incentivam as famílias a manterem as crianças na escola, como atualmente acontece com os planos como “Bolsa-Família”, que deixam de ser pagos se a criança não frequenta a escola.

principalmente inconsciente); a instrução das crianças para que se situem no mundo e ocupem as posições que essa sociabilidade coloca para cada um (posições de classe); a preservação das condições mínimas de saúde para que cresçam e se desenvolvam; a criação de necessidades descartáveis, situadas simbolicamente e que instigam o consumo constante. A criança é “ensinada” a desejar os produtos da sociedade, e a desejar sempre para mais além⁴⁶, consumir sempre, satisfazendo a necessidade do capital de lucro constante⁴⁷.

Na atualidade, o sentimento de valorização da infância chegou a tal ponto que temos uma inversão, a infância e a juventude como valores absolutos da sociedade, e o número de produtos destinados a essas faixas etárias – cada vez mais especializados e diversificados – aumenta a cada dia, alimentando um mercado em constante reinvenção. Nesse contexto, também o livro infantil se torna um produto para a infância, se tornou lucrativo escrever para crianças, pois há grande estímulo, por parte da escola, da família, da mídia, das políticas públicas, das editoras, para que a criança leia. A formação de novos leitores se torna imprescindível para alimentar um mercado e produzir consumidores para o sistema social capitalista.

Normalmente, o artista sofre injunções do sistema produtor de livros, que é capitalista: deve produzir obras comerciais – objetos que se transformem em dinheiro; deve atender às necessidades do mercado, elaborando pequenas fichas de estudo para consumo na escola, de sorte tal que o professor nem precise ler o livro; deve escrever tantas e tantas páginas; deve tomar cuidado com o que diz, pois estamos lidando com crianças – nada de subversão, de assuntos polêmicos, nada de investir contra a religião oficial, a família, o estado, o sistema de governo, o poder constituído. (ATAÍDE, 1995, p.12)

Com a consolidação da formação social capitalista, sendo a burguesia a sua classe dominante, a interpelação jurídica dos indivíduos em cidadãos, que é a forma por excelência da dominação burguesa, faz com que hoje não se possa mais pensar na criança como um ser anônimo e substituível. Cada criança que nasce recebe um nome, um sobrenome, uma data de nascimento – um número de registro, uma personalidade civil – e o cuidado com a proteção

⁴⁶ O que está de acordo com a teoria psicanalítica sobre o desejo, que nunca é satisfeito, deslizando sempre para outros objetos. Não esquecendo, como já foi dito, que Freud analisou a subjetividade específica dessa sociabilidade, já que não tinha a intenção de analisar a sociedade, mas sim o sujeito do inconsciente, o indivíduo em sofrimento que o procurava como médico.

⁴⁷ Como é expresso em um filme infantil chamado “Os sem floresta”, em que o próprio título já dialoga com os movimentos sociais – os “sem”. É a história de um grupo de animais que, quando sai da hibernação, descobre que foi construído um condomínio em sua floresta, e que o lugar em que eles estão é uma minúscula área de preservação dentro do condomínio. São instigados, então, por um guaxinim já adaptado à sociedade humana, a provar a comida dos humanos. Passam a recusar, então, a comida que a floresta lhes dá e vão buscar a comida dos humanos, composta de tudo o que se quer vender às crianças: batatinhas, salgadinhos, biscoitos, etc. É uma fala do guaxinim sobre as batatinhas que se torna representativa da sociedade de consumo: “muito é sempre pouco”.

das crianças se tornou um dever parental regulado pelo social através de leis jurídicas.

O nome pertence ao mundo da fantasia, enquanto o sobrenome pertence ao mundo da tradição. A idade, quantidade legalmente mensurável com uma precisão quase de horas, é produto de um outro mundo, o da exatidão e do número. Hoje, nossos hábitos de identidade civil estão ligados ao mesmo tempo a esses três mundos. (ARIEÉS, 2006, p.2).

O novo sentimento de infância, construído gradualmente e com deslocamentos de sentidos (bem como embates de sentidos), tornou a infância uma etapa da vida altamente particularizada, a ponto de os grandes teóricos sobre a infância a dividirem em inúmeras fases⁴⁸. Enfim, trata-se, na construção deste conceito histórico que se chama “infância”, de um processo que caminha da indiferenciação e anonimato à crescente especialização e individualização.

2.2 A Constituição da Literatura

Desde a Antiguidade, os pensadores se questionavam acerca do papel, do status da literatura, fazendo parte do contexto da obra artística em geral. Platão considerava a arte uma mentira, ilusão que comprometia o bem social, pois era mais uma forma de apego ao mundo das aparências, afastando o homem do mundo essencial, o mundo das idéias. Já Aristóteles via na arte uma função catártica positiva para o bem social. D'Onofrio (2007) vê uma frase do poeta latino Horácio – *aut prodesse aut delectare*⁴⁹ - como ponto de partida para uma controvérsia que dura até a atualidade. A respeito da obra artística, sua particularidade estaria na utilidade social (teoria moral ou utilitarista), ou no prazer que ela provoca (teoria formal ou hedonística)? Para a segunda teoria, a arte se limitaria ao prazer estético puro, intrínseco à obra; para a primeira, a arte está comprometida com uma finalidade educativa do homem, contribuindo para sua conscientização do mundo em que vive.

Cândido (1985), por sua vez, propõe a literatura tanto como expressão da sociedade quanto elemento para a crítica e a transformação. Para além dessa função social, as obras literárias não são simples cópias da realidade, mas se apresentam em uma lógica intrínseca própria que proporciona prazer tanto pela forma artística (prazer estético) quanto pela catarse que tramas e personagens podem provocar pela relação com situações sociais.

Para a AD - que considera o discurso como práxis social, que une língua, história e

⁴⁸ Por exemplo, Piaget e Freud.

⁴⁹ “... a arte tem por finalidade o útil ou o agradável” (DONOFRIO, 2007, p.24)

ideologia, com o atravessamento do inconsciente - as obras literárias são consideradas em sua forma própria de enunciar; em sua relação com a história, com o momento histórico-social em que são veiculadas e com as posições de classe da formação social em que se constroem (condições de produção); na relação que a ideologia mantém de constituição do discurso; nas representações do imaginário da sociedade, que se colocam como preconstruídos do discurso.

Abreu (2003), em seu estudo histórico, remete a um processo de “invenção” da literatura, pois apesar de haverem, desde a antiguidade, obras literárias que figuram até hoje como grandes produções da humanidade, o termo “literatura” só foi tomado em sua acepção moderna – o conjunto de obras e autores consagrados – no século XIX. Até então, literatura designava a erudição e o conhecimento em geral (ciências, letras e filosofia). Os escritores, nos séculos XVI e XVII, sofriam com o desprestígio da sua condição de “homens de letras”, e dependiam primeiramente do mecenato privado, depois da proteção do Estado, sendo necessário muito tempo de reivindicações para que conquistassem alguma autonomia. “Ocupando-se em atividades tidas como inferiores às das armas, da política e da religião, os escritores dependiam de gente que não os tinha em alta consideração” (ABREU, 2003, p.13).

A literatura alcançou o povo, no século XVIII, principalmente através do gênero “romance”, durante a chamada “revolução literária ou impressa” (quando novas técnicas de impressão foram instituindo o livro como produto), junto à revolução tecnológica mais geral. Nesse momento, foi necessária uma divisão entre as leituras do povo – basicamente os romances, que não eram considerados boa literatura – e as leituras de uma elite que detinha “o gosto”.

Seja ou não real a premissa de que “todo mundo lê”, importa perceber que o ingresso de novos atores no mundo letrado tem como correlato o desejo de operar distinções entre “ignorantes” e “sábios”, entre “boas” e “más” leituras, maneiras corretas e incorretas de ler. A capacidade e a oportunidade de ler não poderiam borrar as distinções entre pessoas comuns e “pessoas de espírito” (ou *gens d'esprit*, como se dizia). A leitura extensiva e, sobretudo, a leitura de romances são banidas do universo da boa leitura. (ABREU, 2003, p.21)

Também entre os autores havia o desejo de diferenciação, criando-se um embate entre aqueles que produziam para o mercado que crescia (autores populares) e aqueles que buscavam se aproximar dos poderosos, produzindo um tipo de literatura que não visava ao sucesso de público, mas à apreciação de poucos (autores eruditos). Aliás, o fracasso de público era o sucesso da arte. Foi durante a instrumentalização dessa diferenciação que o moderno conceito de literatura, enquanto expoente das (boas) obras literárias de um determinado período, pôde ser constituído.

Enquanto as ciências ocupavam-se do que era utilitário, as artes literárias eram dedicadas às “amenidades”. Em oposição às ciências, ocupavam-se do que não era útil. Desde o princípio, a literatura foi vista como uma prática associada ao ócio das cortes, das classes mais favorecidas que, não tendo que se haver com questões úteis de sobrevivência, podiam se entregar aos deleites do gosto, do belo e do prazer. Segundo Lima (1983), a literatura, nesta época, distanciou-se de Aristóteles, que falava de uma função da arte como intervenção na vida, e passou a significar a fruição, o valor da arte por si mesma, distante da vida, da utilidade, da realidade. Ou, como falam Marx e Engels (1998, p.27) “... pela *divisão do trabalho*, torna-se possível, ou melhor, acontece efetivamente que a atividade intelectual e a atividade material – o gozo e o trabalho, a produção e o consumo – acabam sendo destinados a indivíduos diferentes;”.

Atualmente, os critérios sobre o que seria boa ou má literatura não estão explícitos, mas na prática, persiste a classificação pelos autores consagrados, e pela produção que se assemelha a eles. Modificações no “gosto” vão ocorrendo no decorrer da história da literatura, se moldando em “escolas”, que têm sua relação com as práticas sociais da época, se cronificando em monumentos temporais. Na história da literatura, como a concebemos hoje – a história baseada nos acontecimentos sociais e nos seus expoentes – as escolas funcionam como posicionamentos identitários, ou seja, a cada momento, as escolas definem o que é ser um autor, quais as características que uma obra deve ter, as palavras ou expressões que podem ou devem ser utilizadas, a produção de sentidos.

A posição da autoria (ligada às escolas da literatura) se refere à identificação do escritor com a formação discursiva que domina cada movimento artístico. Um escritor, ao produzir sua obra, está investido de uma posição de sujeito, que tem predefinido o que pode ou não ser produzido. Um autor concretista, por exemplo, não irá desenvolver uma obra idealizando a mulher amada como uma mulher distante e pura, o que caberia a um autor parnasianista. Um autor romântico, como Hans Christian Andersen, vai trazer questões subjetivistas para a obra, os sofrimento e os anseios humanos, a perspectiva do indivíduo. A literatura infantil se constituiu como um desses posicionamentos identitários, não ligado à uma escola específica, mas referido ao destinatário – a criança – e à imagem que a sociedade coloca sobre ela. Quem escreve para crianças não pode escrever qualquer coisa, já tem uma imagem preconstruída de infância, e escreve identificado à produção de sentidos da Formação Discursiva Educacional, já que a literatura infantil se constitui comprometida com o desenvolvimento da criança.

2.2.1 A Memória das Histórias – Construção da Literatura Infantil

A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado a crianças, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte? Ou será literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado – porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? (ANDRADE, 1964, p.591)

Falar de literatura, bem como de literatura infantil, é falar de um campo heterogêneo. A história da literatura acompanha os movimentos sócio-históricos em constante transformação, que atingem e reformulam as mentalidades, os “gostos”, as sensibilidades, os sujeitos. A literatura infantil é um gênero recente da literatura, que tem seus próprios comprometimentos e especificidades.

O que hoje conhecemos como contos de fadas não foram composições destinadas originalmente à infância. As primeiras histórias para crianças foram adaptações de antigos contos folclóricos do campesinato europeu. Como não havia ainda no século XVI um sentimento consolidado de infância, ou sobre a infância, conforme já foi explicitado acima, essas narrativas orais eram destinadas a divertir a todos, em especial aos camponeses cansados do trabalho e aos viajantes que se reuniam em torno das fogueiras para descansar. Serviam mais para informar, dar lições, do que para divertir ou distrair as crianças como ocorre hoje. Essa reunião em torno do fogo, à noite, onde os homens consertavam ferramentas e as mulheres fiavam, enquanto ouviam histórias, era praticamente uma instituição, que na França chamava-se *veillée* (DARNTON, 1986).

Nas histórias contadas pelos camponeses, misturavam-se a vida cotidiana e o mundo da fantasia. O elemento fantástico era inserido, a partir do *Era uma vez...*, ou *Once upon a time*, que quer dizer em algum lugar acima, além do tempo. O *era uma vez* apresenta um tempo fechado, onde as coisas sempre acontecem daquela forma, onde não há espaço para a mudança. Do ponto de vista discursivo, esse começo das histórias produzia para os camponeses em geral (crianças e adultos), e depois para as crianças especificamente, o sentido de que a realidade social (retratada pelos contos) não podia ser mudada, já que se encontra além do tempo, aquém das possibilidades de transformação.

Do *era uma vez*, até o *felizes para sempre* produziam-se roteiros de histórias que se mesclavam, modificavam nomes e detalhes, mas tinham uma estrutura comum. O herói era

sempre aquele que matava o dragão ou o inimigo, as princesas geralmente dormiam para esperar o príncipe, as camponesas trabalhavam muito para se tornarem dignas dos príncipes, as bruxas eram sempre feias e más. O lugar de cada personagem estava dado de saída, tudo o que ele tinha de fazer era ocupar o lugar que lhe era destinado na mobilidade social e no desenvolvimento da narrativa.

A partir desse elemento fantástico, o camponês sabia que se tratava de uma outra dimensão, diferente de sua realidade cotidiana, o que os deixava mais livres para nomear e aceitar seus medos, acalmar o corpo exausto, e rir de seus senhores, provocando uma catarse semelhante à que ocorria no teatro grego⁵⁰. O mundo outro, a entrada em uma outra dimensão espaço-temporal, continua servindo hoje às crianças, dando a elas a possibilidade de rir de “seus adultos”. Sendo assim, ao mesmo tempo em que permite a catarse, a produção folclórica deixa claro, pelo *era uma vez*, que isso só pode ocorrer em outro tempo, em outro mundo.

Sobre essa produção folclórica para crianças, é comum que a chamemos de “contos de fadas”, no entanto são raros os contos que conhecemos hoje que trazem a presença de fadas. A figura da fada, assim como os contos, sofreu modificações histórico-ideológicas. Inicialmente, a fada representava tanto o bem como o mal, continha em si mesma essa dualidade. Estava ligada aos ritos do paganismo que imperavam na Europa antes do domínio do cristianismo, que tinham como deuses e deusas as forças da natureza, em si mesmas boas e más, ritos principalmente de origem céltica⁵¹. A figura do Deus benevolente surgiu com o cristianismo, e de forma semelhante a fada passou a ser uma criatura totalmente boa, ligando-se, enquanto imagem, à mulher/pura/mãe/santa, personificada pela Virgem Maria. Relegada às sombras, o lado malévol das fadas foi personificado pela bruxa ou pela madrasta dos contos de fadas, e representada no imaginário da Idade Média como a mulher/feiticeira, de caráter sexual, tentadora dos homens, como Eva e todas as outras que foram anonimamente queimadas nas fogueiras do Santo Ofício. O que ficou nos contos que conhecemos hoje foi essa divisão entre beleza (virtude) e feiúra (maldade). Enquanto as princesas são belas e puras, as bruxas más são horrorosas.

⁵⁰ Na Grécia de Aristóteles, as dramatizações funcionavam pela expressão dos sentimentos e situações humanas, fazendo um efeito no espectador. Em “Hamlet”, de Shakespeare (2001), a personagem-título recorre à esse sentido da catarse grega quando faz encenar um drama muito semelhante à situação vivida (a morte do pai pelo tio e o casamento deste com sua mãe), provocando uma liberação dos sentimentos contidos, tanto por ele como pelas outras personagens implicadas. Também Freud utiliza o termo catarse para falar do momento em que os afetos que estavam reprimidos ganham expressão emocional.

⁵¹ Ver a esse respeito um apanhado histórico da influência celta nos contos de fadas realizado por Coelho (2003).

É incrível como se confundem e até se reforçam, nos livros infantis, o ético e o estético. Invariavelmente, a bruxa, o gigante e outras personagens são extremamente feias, ou até monstruosas, grotescas ou deformadas, fazendo com que o afastamento físico, a repulsa instintiva, a reação da pele sejam o detonador do temor e do medo, e não a ameaça emocional do que eles representam – de fato – para a criança... Afinal, a bruxa não é mostrada como um ser misterioso, enigmático, que conhece e domina outros saberes, que pode até ser muito sedutora e atraente (e por isso perigosa e ameaçadora). (ABRAMOVICH, 1989, p.36)

Atualmente vemos na produção cultural para crianças um deslizamento destes sentidos, já que as bruxas não são mais necessariamente feias, nem necessariamente más, enquanto as princesas não precisam ser belas em aparência, mas em essência, como a moderna princesa Fiona, do filme “Shrek”⁵². Como coloca Eco (2007), em um apanhado histórico da noção de feiura, este conceito passa pela relação entre feio estético e feio moral (monstro na face, monstro na alma), bem como por uma visão romântica onde um exterior deformado escondia uma alma bela, em especial na literatura – de Quasímodo a Shrek, passando por O Patinho Feio, O Homem que ri, Frankenstein, A Bela e a Fera...

Voltando à história, a lógica servil da Idade Média foi dando lugar ao Renascimento e ao domínio da burguesia, ao mesmo tempo em que os contos começaram a ser valorizados como forma de cultura. Havia um movimento em toda a Europa de resgate das histórias contadas pelo povo, bem como a língua oral, pretendendo salvar esse tesouro cultural do esquecimento e da ação do tempo, salvando da oralidade e preservando através da escrita. A partir do século XVI, muitos estudiosos de diversas áreas coletaram histórias pelos campos e cidades da Europa, compilando-os em publicações. Um dos primeiros foi o italiano Giambattista Basile (1566-1632), que escreveu “O Pentameron”, onde se viam histórias com os mesmos elementos que viriam formar os contos que hoje conhecemos, mas em um tom picante, humorístico e obsceno, segundo Radino (2003).

A cada publicação, foram sendo suprimidas passagens dos textos que remetiam a cenas violentas, rituais pagãos e obscenidades para transformar os contos ao gosto da época. Charles Perrault (1628-1703) viveu na França e transportou os contos dos camponeses para a corte, buscando educar moralmente os cortesãos. Com intenção de agradar crianças e adultos, Perrault escreveu “Os Contos da Mamã Ganso” onde permeia lições de moral (certo e errado) com comentários maliciosos. Para ele, as histórias deviam mostrar a recompensa da virtude e a punição do mal, trazendo uma moral ao fim da narrativa, como se fazia nas

⁵² Fiona produz uma inversão na fórmula clássica dos contos, ao ser beijada no final, não assume a forma de princesa, mas de ogra. Bem atual é o filme “A princesa e o sapo” (Disney, 2009), que continua a mesma inversão, onde um príncipe transformado em sapo pede à heroína que o beije para quebrar o feitiço, mas ela é quem acaba virando sapa.

fábulas. Como exemplo, a moral colocada ao final de uma versão de 1697 de “Chapeuzinho Vermelho”:

Vemos aqui que as meninas,
E sobretudo as mocinhas
Lindas, elegantes e finas,
Não devem a qualquer um escutar.
E se o fazem, não é surpresa
Que do lobo virem o jantar.
Falo “do” lobo, pois nem todos eles
São de fato equiparáveis.
Alguns são até muito amáveis,
Serenos, sem fel nem irritação.
Esses doces lobos, com toda educação,
Acompanham as jovens senhoritas
Pelos becos afora e além do portão
Mas aí! Esses lobos gentis e prestimosos,
São, entre todos, os mais perigosos. (TATAR, 2004, 338)

Jakob Grimm (1785-1863) e seu irmão Wilhelm Grimm (1786-1859), por sua vez, recolheram contos populares de regiões de língua alemã, com a intenção erudita de salvá-los do esquecimento trazido pelo progresso, como um arquivo cultural preservado para os tempos futuros. Mas mesmo tentando ser fiéis, não conseguiram deixar de alterar as tiradas obscenas e humorísticas, típicas da narrativa oral. Há quem diga ainda que os informantes dos irmãos (as contadoras de quem eles recolhiam as histórias) modificavam um pouco os contos para não chocarem os ouvidos católicos de Wilhelm e Jakob (TATAR, 2004).

Ainda assim, sendo as primeiras edições dos “Contos da infância e do lar” mais fidedignas aos interesses dos irmãos, os pais não contavam essas histórias aos filhos, por achá-las muito rudes (já se consolidava o sentimento de que a infância deveria ser protegida do que fosse feio, sofrível e mau). Portanto, os irmãos foram adequando a obra ao gosto das famílias nas sucessivas edições. A exemplo disto, podemos dizer que eles não se cansavam de transformar mães em madrastas, ou seja, as maldades que nos contos originais eram cometidas pelas próprias mães das crianças, nas histórias dos Grimm eram perpetradas por madrastas más, a fim de preservar a santidade da maternidade (discurso religioso) e manter a idéia do amor materno incondicional (discurso familiar).

O que se produz em relação à maternidade, desde a época em que esses contos foram compilados, é que a mãe é o ser que – por natureza – ama o filho incondicionalmente, não podendo por isso estar associada, nas histórias, com algum tipo de violência, abandono ou qualquer maldade. A mãe dá a vida por seu filho, e deixa de se alimentar para dar alimento à ele. Como foi visto acima, a relação com as crianças não foi sempre assim.

... as condutas de abandono da criança eram múltiplas até meados do século XVIII, sendo que a indiferença, a frieza, assim como o desinteresse pelo bebê que acabava de nascer eram comuns, o que leva a deduzir que o amor pela prole não sufocava as mulheres e, sobretudo, que essas atitudes eram toleradas pela sociedade. (MOTTA, 2005, p.66).

Assim como o sentimento sobre a infância, o amor materno incondicional é um conceito construído historicamente. Foi necessário, para a consolidação do modelo social burguês, a divisão dos papéis do homem e da mulher no funcionamento da família. Para convocar a mulher a ficar em casa, cuidando dos filhos, preservando-os para que sobrevivessem e se tornassem aptos a assumir seu lugar na sociedade quando crescessem, as práticas sociais foram delineando o amor materno como algo naturalizado – o funcionamento da ideologia de produzir como natural para a sociedade o que é necessário para a sua manutenção. As mulheres passaram a ser consideradas mães por natureza, e aquelas que se negavam a esse papel eram (e são) chamadas de “mães desnaturadas”, mulheres que não agem de acordo com a sua natureza.

A ideologia da maternidade vivida nos nossos dias e nascida com a sociedade burguesa patriarcal confere a todas as mulheres a faculdade natural de amar sem restrições e de cuidar da criança que concebeu sob quaisquer condições. As que recusam de algum modo este destino biológico e social são consideradas exceções e recebem com frequência o rótulo de anormais. (MOTTA, 2005, p.63)

É no interior desse imaginário social que os contos vão sendo modificados. A “Chapeuzinho Vermelho” deixa de tirar a roupa para o lobo, as mães se tornam madrastas, as cenas de beijos entre os príncipes e as princesas substituem as descrições eróticas originais⁵³, entre outras transformações que se adequam ao sentimento sobre a infância e a família que se consolidava.

Já Hans Christian Andersen (1805-1875) é considerado o precursor do movimento romântico na literatura infantil. Baseou-se nos contos populares dinamarqueses mas emprestou a eles muito de sua infância pobre e seus ressentimentos com as humilhações que sofrera. É comum que se diga que uma de suas histórias mais famosas, justamente “O Patinho Feio”, seria uma autobiografia em forma de conto, do menino desajeitado que saiu do interior para Copenhague aos quatorze anos, enfrentou a impicância dos meninos da cidade, até tornar-se um famoso cisne do mundo da literatura. Trata-se de um dos vários métodos de se

⁵³ Outro exemplo é a história da “Bela Adormecida” que, nas versões mais antigas, não acordava com o beijo do príncipe. Ele a encontrava dormindo no castelo, mantinha relações sexuais com ela adormecida. A princesa ficava grávida e apenas acordava quando seus filhos gêmeos, ao nascer, buscavam seu seio para se alimentar e acabam sugando-lhe o dedo, retirado assim a agulha do fuso que a espantara e a fizera dormir.

fazer crítica literária, que relaciona a obra com a personalidade do escritor.

Quase invariavelmente, a descrição dos contos de Andersen é feita em relação à sua história de vida, como seguem os exemplos:

“Andersen é filho do povo, e seus contos brotam de sua própria infância.” (ABRAMOVICH, 1989, p.123)

“Essa história [O patinho feio], que é bem a vida de Andersen, mostra-nos as tristezas de um patinho considerado feio por todos da fazenda onde nasceu.” (CUNHA, 1989, p.31)

Enquanto Perrault foi considerado, *a posteriori*, o criador da literatura infantil, por ter sido o primeiro a adaptar seus contos para as crianças, Andersen foi o primeiro a criar histórias infantis, pois muitos dos seus contos não foram adaptações da literatura oral, mas criados por ele já para um público específico: as crianças.

Os contos de Andersen têm uma estrutura diferente dos de Perrault e dos irmãos Grimm: não há punição do mal, como é visto na história “O Patinho Feio”, a heroína não consegue o amor do príncipe, como revela “A Pequena Sereia” e o final nem sempre é feliz, como no caso da “Pequena vendedora de fósforos” e “Sapatinhos Vermelhos”, que terminam com a morte das heroínas⁵⁴. Os finais tristes de seus contos sofreram o efeito dos tempos e hoje se parecem mais com os clássicos contos de fadas, por exemplo, a adaptação feita por Walt Disney do conto “A Pequena Sereia” (1989) modifica o final: onde originalmente a heroína transformava-se em espuma do mar, na versão Disney casa-se com o príncipe.

Atualmente, no mundo do entretenimento, os contos foram retomados e adaptados em grande parte por Walt Disney. Com a filosofia de enfatizar as virtudes humanas e de salientar o otimismo, retirou elementos malévolos e sexuais e humanizou personagens arquetípicos, como podemos ver na sua primeira obra deste gênero – “Branca de neve e os Sete Anões”, de 1938 – em que diminui o castigo da rainha⁵⁵ e dá nomes e características pessoais aos anões (Dunga, Zangado, Mestre, Dengoso, Soneca, Feliz e Atchin). Na realidade, os atuais filmes infantis - tanto as adaptações dos contos de fadas clássicos, quanto novas histórias que se configuram como contos de fadas modernos, como os “novos clássicos”, “Rei Leão” (1994), “Shrek” (2001), “A Era do Gelo” (2002), “Procurando Nemo” (2003), entre outros – se tornaram o veículo por excelência de transmissão de histórias, em um apelo comercial,

⁵⁴ Sobre essa forma de pensar a estrutura dos contos de fadas, ver Bettelheim (1980), que diz que a função psicológica do conto para a criança é de trazer consolo e segurança, que o mal é punido e o final feliz é garantido. Sendo assim, para o autor, os contos de Andersen não seriam adequados, pois em lugar de auxiliar, aumentaria as angústias infantis.

⁵⁵ Nas versões mais antigas desse conto, a rainha era obrigada a dançar até morrer com sapatos de ferro incandescentes.

fazendo com que a busca pelos livros referentes venha em seguida. É um novo movimento... tanto no que diz respeito à literatura, quanto no que diz respeito à infância...

De acordo com a teoria psicanalítica, aproximando o conceito de recalçamento⁵⁶, aquilo que foi recalçado encontra sempre um meio, ainda que disfarçado, transformado, de retornar. Todo o movimento lento e constante dos compiladores e escritores de afastar os elementos sexuais e agressivos das histórias infantis, retorna atualmente no cinema produzido para crianças. Além dos filmes citados acima, pode-se remeter a outros exemplos, como “A fuga das galinhas” e “Madagascar”, que trazem humor adulto, tratando justamente daquilo que se queria afastar das crianças, as referências sexuais e agressivas.

Mas os contos de Andersen, sendo produzidos a partir de uma posição de autoria romântica, não tinham uma relação de necessidade do final feliz, como em Perrault e Grimm, mas uma perspectiva subjetivista, do sofrimento humano e de denúncia das desigualdades sociais. Quando se estuda “O Patinho Feio” como narrativa sem antecedentes, sem historicidade, entramos no domínio da ilusão de completude da linguagem. Ao acreditar que se diz apenas o que se pretende dizer, aparenta-se não trazer as marcas da memória discursiva. Na contramão desta interpretação, procura-se demonstrar que Hans Andersen, representando, sendo investido da forma-sujeito literária de sua época, se insere nessa visão de mundo romântica, nacionalista, subjetivista, que dominava o pensamento europeu já no final do século XVIII. No entanto, através do dispositivo teórico da Análise do Discurso, não se pode ver a função da autoria de uma forma intencional. Independentemente das intenções dos escritores, o sentido os ultrapassa, assim como ultrapassa as escolas ou estilos literários, através da relação dos sentidos com a história e com a Ideologia.

2.3. O Discurso da Literatura Infantil

Segundo Zilberman e Magalhães (1987), a literatura infantil é uma das mais recentes formas literárias existentes. Além de sua relação com o novo sentimento de família e de infância, as autoras também relacionam o nascimento da literatura infantil com as novas intenções pedagógicas, e à obrigatoriedade de ensino, práticas desenvolvidas com a ascensão da burguesia como modelo social. Como instrumento da pedagogia, tencionando passar valores e regras de comportamento às crianças, a literatura infantil enfrenta um questionamento ou desprestígio de sua forma artística. Seu valor literário estaria

⁵⁶ Tratado teoricamente no capítulo precedente.

comprometido pelo seu valor pedagógico.

A separação entre boa e má literatura atingiu, desde seus primórdios, a literatura infantil, relacionada à prática pedagógica (utilitária) desde seu surgimento; passava longe da finalidade “pura” de busca da beleza e da fruição da arte. Para se escrever para crianças não basta escrever bonito, é preciso que haja uma mensagem a se transmitir e aprender, conhecida como “moral da história”, que vem da tradição das fábulas. É preciso partir da idéia de que, ao se escrever para crianças, não se escreve qualquer coisa, pela própria posição do adulto (escritor) em relação à criança (leitor ou ouvinte) trata-se de uma relação dissimétrica entre alguém que sabe e alguém que precisa aprender. Por isso, tanto conteúdo quanto forma da literatura infantil estão comprometidas, desde o início, com uma prática educacional, de exaltação dos comportamentos e reflexões que se deseja que a criança tenha, e o desencorajamento das ações contrárias.

Além disso, a literatura infantil foi, desde seus primórdios, confundida, enquanto caracterização, com seu destinatário: criança... infantil... ingênuo...

... ela se vê classificada em analogia à tipificação das relações entre o adulto e a criança, sendo-lhe imputadas, por conseguinte, as qualidades atribuídas à infância em geral, quais sejam: a menoridade, a inferioridade e o estágio de “ainda não” literatura. (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1987, p.18)

Com a crescente valorização da própria infância, aumentou no último século o prestígio da literatura infantil, chegando ao seu auge atualmente, quando a criança se torna valor absoluto no mundo moderno. Com isso também se modificou a importância dada à literatura infantil, à sua função para a criança, e a necessidade de se estabelecer em novas divisões, novos sistemas de classificação, entre o que seria ou não um bom livro para crianças, livros recomendáveis ou não recomendáveis. Mas... ainda que se recomende o valor literário de fruição para a infância, as obras consagradas (e as “consagráveis”) precisam ter um conteúdo a passar: uma lição, uma moral. É algo que não deixa de acompanhar a literatura infantil por fazer parte de seu processo constituinte.

A partir das intenções pedagógicas, da sua utilidade pedagógica, a literatura infantil se constituiu, então, definida pelo seu destinatário – a criança – e pelo seu objetivo – transmitir as “coisas do mundo”, mantendo a organização social. Além disso, as autoras acima citadas veem na literatura infantil um jogo que reproduz as relações de dominação-submissão entre adultos e crianças, sendo as histórias criadas por adultos e disseminadas por eles (pais, escola), não deixam de atender às suas necessidades de educar, controlar, moldar. “Decorrentemente, educar importa em dirigir e controlar a adaptação do indivíduo ao meio

para que a vida social tenha assegurada a estabilidade e a harmonia.” (ZILBERMAN; MAGALHÃES, 1987, p.42).

Na literatura infantil, existe um jogo tenso entre o estímulo da emancipação do leitor-criança (busca de transformação da realidade), e os dizeres que visam a domesticá-lo. Pelas análises que esta pesquisa envolve e pela leitura de diversas obras de literatura infantil, se poderia dizer que a domesticação, a reprodução, domina a transformação. Existe, na literatura infantil contemporânea, uma tendência a “produzir” histórias que valorizem a emancipação, com o objetivo de auxiliar a formar crianças conscientes e críticas. No entanto, embora os temas dos textos reflitam sobre liberdade, atitudes que levam ao desenvolvimento da autonomia, à quebra das regras preestabelecidas, seus enunciados trazem marcas do discurso educacional dominante, que procura moldar o indivíduo de acordo com o laço social.

Dentro da crítica literária especializada em literatura infantil, é comum que se faça a diferença entre os livros que serviriam apenas a uma função pedagógica, não se constituindo em verdadeira literatura; e aqueles que servem ao prazer artístico, à leitura enquanto lazer, retomando a diferença trabalhada anteriormente, a respeito da literatura em geral, entre o artístico como fruição e o utilitário. No entanto, o que se percebe é que mesmo os livros infantis considerados altamente recomendáveis enquanto forma artística, se servem dos sentidos moralizantes de conformidade e aquietação⁵⁷.

A presente pesquisa, que tem como base a teoria do discurso (AD), encontra-se em uma região teórica interseccional a esse respeito: acredita-se que a literatura infantil tem por característica própria o comprometimento com o desenvolvimento humano e com sua adaptação moral à sociedade em que vive, mas isso não traz desprestígio sobre sua forma artística, pois pensa-se que a arte, mesmo a mais descomprometida (aparentemente) cumpre funções sociais, sem que isso a desmereça enquanto fruição. Embora impregnados de lições

57

A título de exemplificação, em um livro considerado altamente emancipatório, chamado “A fada que tinha idéias”(ALMEIDA, 2007), que aborda a liberdade de pensamento e de expressão, e foi escrito durante os anos da ditadura militar no Brasil, encontramos o seguintes enunciados na voz da personagem adulta dirigindo-se à criança: “- Minha filha – disse ela, assim que pôde falar – por que você tem tantas idéias, hein? Seria tão bom se tivesse menos...”; “- Minha filha, você não será muito pequena para ter tantas opiniões? Tenho medo que faça mal à sua saúde!” Nessa história, há uma personagem representando o poder – a Rainha das Fadas – e há a Fada-Mãe, personagem boa, que sofre com as idéias e maluquices da filha Clara Luz. Embora a personagem principal, a menina, seja colocada como adequada no final, como se todas as suas fantasias tivessem razão, suas idéias passam a ter status de “coisas boas” quando passam a fazer parte do sistema (ela se torna uma espécie de conselheira da rainha). O que se desejava, na época do regime militar, era a mudança do sistema político (da Rainha para Clara Luz – a luz clara dos novos tempos substituindo a escuridão dos “porões da ditadura”), mas o sentido de criança como inadequada, presente em toda a narrativa, se redime no final apenas pela adequação ao mundo adulto: as idéias de Clara Luz passam a ter utilidade política no novo sistema implantado.

morais, os contos e fábulas nunca deixaram de encantar e deleitar crianças e adultos⁵⁸. Também se percebe que os mesmos livros infantis produzem sentidos tanto pela manutenção da sociedade quanto pela emancipação humana, questionamento e transformação.

Ao falar sobre o texto literário, a primeira associação que se costuma fazer é com a ficção e com a irrealidade. A obra literária, por se constituir de um mundo fictício, muitas vezes é tomada preconcebidamente como algo desligado da realidade e, por isso mesmo, não teria leis de funcionamento definidas. O fato de que as mais improváveis narrativas possam ser escritas faz com que se pense tratar – em literatura – de um reino caótico, povoado apenas pela imaginação criativa – ora divina, ora perturbada – do autor. No entanto, tal perspectiva não se sustenta ao primeiro olhar cuidadoso. O texto literário, ao criar uma realidade fora da realidade, também cria, em si mesmo, as regras dessa outra realidade. Não é preciso haver coerência com o mundo real como afirma Cândido (1985), mas uma coerência interna, uma espécie de lógica própria a cada obra literária, e que deve ser respeitada para que haja verossimilhança no texto ficcional. O compromisso da obra literária não é com a realidade factual, portanto, mas com a realidade ficcional.

Na presente pesquisa, compreende-se que a literatura infantil, embora crie um mundo fantástico de fadas, dragões, princesas, bruxas, ogros e outros inúmeros seres de fantasia, embora as narrativas se passem em um outro tempo e espaço (era uma vez), que tem como objetivo a ludicidade da criança, também funciona como representação da sociedade e questionamento desta. Ao nascer comprometida com a educação moral da criança, a literatura infantil está atravessada pelo processo de socialização da criança. Falamos então, do ponto de vista da AD, em um discurso da literatura infantil, inserido em um universo maior, do discurso artístico, que tem uma função social – sempre tentando se adequar e sempre tentando avançar em relação à sociedade.

Questionou-se – e ainda se questiona na crítica literária especializada - se a literatura infantil pertenceria ao discurso artístico, já que seu processo de constituição se liga a uma relação utilitária, desde o princípio – dar às crianças instrumentos capazes de, através do lúdico, orientar seu desenvolvimento em direção ao adulto que elas deverão se tornar – o sujeito necessário da formação social capitalista. Alguns autores, como Abreu (2003), consideram que a característica da obra artística é não ser utilitária, logo, a literatura infantil não seria um discurso artístico. Outros, como D'Onofrio (2007), não vêm na utilidade um desprestígio da forma artística, pensando, ao contrário, que a obra de arte pode ter funções

⁵⁸ E pode-se dizer que seu encanto é justamente um dos instrumentos de sua eficácia.

múltiplas, entre elas a pedagógica.

De tudo o que foi lido no decorrer desta pesquisa, fica presente que nem toda literatura infantil é artística, pois, como já foi dito, não basta saber escrever para se fazer arte literária, no entanto, o comprometimento com a pedagogia, a moralização e o desenvolvimento da criança, não faz com que a literatura infantil possa ser classificada como pedagogia, muito menos dizer que nesse conjunto imenso de obras, não se possa produzir boas e duradouras obras de arte. O que se quer dizer, sim, é que os sentidos produzidos no discurso da literatura infantil estão comprometidos com o processo educacional da criança, e que isso traz características específicas para esse discurso, que se resumem no fato de que não se pode escrever qualquer coisa para crianças.

A narrativa de um conto de fadas geralmente começa com a fórmula “Era uma vez...” e a partir daí constrói, como toda literatura, um mundo-outro, diferente da cotidianidade, convida o leitor/ouvinte a entrar na fantasia da história, a vivenciar e sentir junto com o personagem suas dores e alegrias. No caso de “O patinho feio”, assim como muitas outras histórias, se inicia a apresentação do mundo ficcional com uma descrição do ambiente, para onde o leitor deve se transportar durante a leitura⁵⁹. Configura-se uma ficção compartilhada, a criação de uma realidade fora da realidade. Sobre isso fala Pêcheux (1997, p.169):

...a teoria estética do romance clássico fala da “transmutação” romanesca dos conteúdos “cotidianos” (manhãzinha, pálida, nascimento) como meio pelo qual o romancista cria “seu mundo”, “fora da realidade”, com seus próprios objetos, suas qualidades e propriedades específicas, etc., em convivência com o leitor. Assim, pois, a ideologia estética da “criação” e a recriação pela leitura – correlativa da criação – encontram, também elas, sua origem naquilo que chamamos a “forma-sujeito”, mascarando a materialidade da *produção* estética.

Já que a forma-sujeito funciona pela ocultação do assujeitamento sob a forma da autonomia – o sujeito se crê autônomo, origem de seu dizer e de seu pensamento, também na produção estética, ao pretender criar um outro mundo, o escritor está investido dessa ilusão de autonomia, do domínio do dizer. Assim como para produzir uma obra ficcional é preciso essa ilusão da “criação”, também para que haja sujeitos agindo no mundo é preciso a ilusão da autonomia. O que esse funcionamento oculta, segundo Pêcheux, é o caráter material de todo discurso, entre eles o discurso literário, que a determinação do discurso não é o sujeito que

⁵⁹ Em uma das obras infanto-juvenis mais conhecidas – e consumidas – atualmente, a saga “Harry Potter”, após a apresentação da personagem-título e de seu ambiente, o narrador nos fala que, em uma esquina qualquer... “...um gato lia um mapa.”(ROWLING, 2000, p.3). A partir do momento que um gato lê um mapa, o leitor (da história, não o gato) sabe que está em um mundo diferente, e que a leitura do mapa pelo gato está coerente ao mundo mágico que, dali em diante, irá se descortinar.

escreve, que fala, pensa, mas a posição que atravessa o sujeito ao enunciar, e que é uma posição ideológica, referida a uma posição determinada nas relações que podem se estabelecer em uma dada formação social.

Nesse sentido, também o que pode ou não ser escrito para a criança é determinado pelo imaginário que a sociabilidade constrói sobre ela. No processo histórico de construção da infância e da literatura infantil ficaram associados à essa faixa etária dois principais tipos de narrativas, ambos reformulações, adaptações de produções anteriormente destinadas a todas as idades – os contos de fadas e as fábulas. Pelas características desse objeto de análise – O patinho feio - pensamos poder dizer que ele se inscreve, dentro desse universo discursivo literário, na intersecção entre os gêneros “conto de fadas” e “fabular”, já que funciona como uma fábula, apresenta estrutura de fábula (utilizar animais para falar de sentimentos e comportamentos humanos, com uma moral no final), mas é narrado na forma de um conto.

Pertencer a um gênero, em literatura, significa ter uma formatação mais ou menos específica, algumas características básicas que pertencem a um certo tipo de escritura, ou de um tema específico. No entanto, quando falamos em uma intersecção, é com intenção de demonstrar que cada obra literária é única e, se por um lado, tem seu pertencimento a uma espécie de obras, não deixa de lado sua singularidade, e que essa singularidade pode significar a existência em paralelo de vários gêneros.

Os contos de fadas, desde suas origens orais, buscavam mostrar a oposição entre o que era bom e correto, e o que era mau e incorreto, a luta entre bons e maus, uma dicotomia que, pela sua simplicidade maniqueísta, serviu mais tarde à infância. As personagens dos contos clássicos não se misturam, os heróis são os heróis, as donzelas são sempre donzelas, as bruxas sempre feias. O sentimento sobre a infância, que se constituiu a partir da história que se relatou acima, produziu um sentido de infantil ligado ao simples e maniqueísta – o preto e branco, sem escala de cores. É como se a criança, por sua puerilidade, não tivesse condições de compreender nada que não fosse simples, por isso os contos lhe foram destinados, após sua adaptação.

A fábula⁶⁰, por sua vez, assim como os contos de fadas, não foi um gênero originalmente destinado à infância e, ainda que hoje se produzam fábulas para crianças, sua “moral” geralmente é endereçada aos adultos, ou mais precisamente ao adulto dentro da criança, ou seja, o sujeito adulto que a criança é chamada a ser em seu processo educacional.

⁶⁰ Tratamos aqui do gênero literário fabular e, a partir dele, do discurso fabular, não do conceito de fábula como o utilizavam os formalistas russos, como elemento fundamental do texto literário, relacionado ao que Aristóteles chamou de *mythos* (D’Onofrio, 2007).

O texto fabular, vindo da tradição de Esopo (VI a.C.), Fedro (30/15 a.C. – 44/50 d.C.) e La Fontaine (1621-1695)⁶¹, é uma narrativa geralmente curta que traz comportamentos e valores humanos tratados a partir de figuras de animais, com intenção moralizante e em grande parte de forma maniqueísta: uma personagem representando a virtude, o que se deseja, e outra representando o condenável [o feio]. As personagens que se comportam de forma incoerente aos valores sociais são punidas, enquanto a que atende aos ideais é premiada.

É um esquema mais simples do que o conto, por isso pensa-se que “O patinho feio” tem características de fábula (a personagem animal representando sentimentos e desejos humanos), mas é narrado como conto (a criação de um mundo próprio mais complexo, com um início estável, uma perturbação que gera o movimento narrativo e o retorno à estabilidade no final). Poderia se dizer, ainda, que “O patinho feio” apresenta, no interior de sua narrativa, várias fábulas, vários encontros fabulares, encontros entre duas posições e conselhos ou ensinamentos a seguir, mas a solução destes antagonismos não aparece na história, e sua moral é deixada nas entrelinhas.

La fábula – breve historia donde los animales imitan el comportamiento de los humanos para dar lecciones de moral – fue ampliamente difundida por Esopo, llégo al norte de África y regresó a Europa, donde la moral cristiana la adoptó como relato ideal para transmitir sus enseñanzas. Fue en Europa donde se inició la costumbre de añadir una sentencia al final. (...) pretendía educar conforme a las normas de la época. No hay lugar para la fantasía, la prudencia o la debilidad. Los fuertes, los listos, los astutos y los laboriosos son los ganadores. (GARRALÓN, 2001, p.18)

Segundo Grantham (1999), nas fábulas procura-se mostrar como as pessoas devem agir, quais as condutas aceitas pelo social, reproduzindo, através do “convite” das fábulas a agir do modo correto, as relações de dominação/submissão da sociedade, auxiliando na manutenção do *status quo*. “Deste modo, a moral do discurso fabular tem um papel coercitivo, na medida em que, mostrando os fatos como eles são, procura conter nos indivíduos o desejo de ver os fatos como eles poderiam ser.” (GRANTHAN, 1999, p.223)

Além de mostrar as “coisas como elas são” para evitar fazer pensar nas “coisas como poderiam ser”, evitar o questionamento da sociedade capitalista, a literatura infantil, em especial a literatura clássica, coloca narrativas exemplares de pessoas ou seres que suportam os sofrimentos, lutam incansavelmente, superam as dificuldades iniciais e conquistam novas formas de viver no final. A ideologia dominante da sociedade contemporânea funciona no sentido de colocar como sendo responsabilidade do próprio indivíduo o seu sucesso ou

⁶¹ A retomada das fábulas por La Fontaine acompanha o movimento de adequação das obras clássicas para crianças, adaptando as fábulas de Esopo, que eram dirigidas à sociedade em geral, tanto adultos quanto crianças, indiferenciadamente.

fracasso no mundo. Apaga as determinações sociais de classe construindo o sentido de que é possível ao sujeito empreendedor transcender a sua classe social e “subir na vida”. Jogando a responsabilidade para o indivíduo, joga também a culpa para aqueles (a maioria) que não consegue. Não apenas os contos e fábulas produzem esses sentidos, mas também as teorizações que se referem à produção para a infância, em especial as análises psicanalíticas da literatura infantil, como se vê na citação a seguir:

Os contos milenares são guardiões de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas; partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenrolam trajetórias de personagens exemplares, ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao final da história em seres outros, diferentes e melhores do que no início do conto. O que faz com que nós, narradores, leitores e ouvintes, nos vejamos com outros olhos. (MACHADO, 2004)

Assim, se “O patinho Feio” aceita os sofrimentos sem se revoltar, e segue sempre adiante, persistente; se o “Pequeno Polegar” não se intimida pelo seu tamanho reduzido e vence o gigante se tornando mais inteligente que ele; se “Cinderela” suporta as humilhações da madrasta e das irmãs, aceita as regras que a fada madrinha lhe dá e se torna princesa; então é possível ao sujeito mudar o seu futuro, depende apenas dele. Esta é uma das questões suscitadas pela análise do conto “O patinho feio”, no capítulo seguinte.

3 DAS ANÁLISES

palavras são como estrelas
 facas ou flores
 elas têm raízes pétalas espinhos
 são lisas àsperas leves ou densas
 para acordá-las basta um sopro
 em sua alma
 e como pássaros
 vão encontrar seu caminho
 (MURRAY, 1997, p.10)

Antes de iniciar as análises, se fazem necessárias algumas considerações a respeito da formação discursiva em que o discurso a ser analisado é produzido, das marcas que o discurso utiliza para a produção de sentidos e das condições estritas de produção.

Identifica-se o conto “O Patinho Feio” pertencendo ao discurso da literatura infantil, com todas as características específicas que isso traz, que já foram comentadas acima: o comprometimento com a socialização da criança, onde não se pode escrever qualquer coisa, é preciso um cuidado e uma restrição que não é característica da literatura em geral, já que a literatura infantil tem como papel social participar da formação do sujeito necessário à manutenção e à reprodução da sociedade. A Formação Discursiva da Literatura Infantil encontra-se em uma região interseccional entre as práticas que fazem parte do processo de socialização da criança e o universo do discurso artístico-literário. Assim, funciona predominantemente pela manutenção da sociedade, mas sempre com a possibilidade de transformação que é característica do discurso artístico-literário.

Sobre as marcas que permitem ao analista partir para a compreensão do discurso, no conto “O Patinho Feio”, grande parte dos sentidos é construída pela adjetivação, ou seja, pelo funcionamento discursivo dos adjetivos, ao qualificar e determinar os sujeitos. Através da adjetivação das personagens e de elementos do seu mundo compreendemos suas qualidades (ora positivas, ora negativas, do ponto de vista do processo de socialização da criança) e podemos entender a filiação dos sentidos às formações discursivas.

Do ponto de vista linguístico, segundo Neto (1991), os adjetivos, além de qualificativos (apresentam as qualidades de sujeitos ou coisas), podem ser comparativos, determinativos, depende de sua colocação na frase, do lugar que ocupam na formação do sentido. Na expressão “o patinho feio”, o adjetivo “feio” qualifica (ser feio é uma de suas características), compara (ele só é considerado feio porque existem outros que não são feios) e, ao mesmo tempo, determina o ser do patinho. Ele deixa de ser um patinho (sujeito

indeterminado, um qualquer), mas o patinho [que é] feio, individualizado, único, e comparado aos demais, que não são feios. Assim, no conto – como se verá a seguir – vão sendo definidas, comparadas e determinadas as personagens: o patinho [que é] feio; a pata [que é] velha/grande (SDR 3); os gansos [que são] selvagens (SDR 6); etc.

Além da adjetivação, o funcionamento desse discurso utiliza a pressuposição (preconstruído) como elemento fundamental, no seio do processo de socialização da criança, para fazer passar conhecimentos, regras, valores, princípios e imagens que a sociedade constrói sobre si mesma.

É necessário ainda, para a compreensão de qualquer discurso, além da forma que o discurso utiliza para produzir os sentidos, que se conheçam as suas condições de produção. As condições de produção amplas estão presentes na discussão do capítulo 2 sobre a formação da sociedade capitalista, da noção de infância e da literatura infantil, bem como em toda a discussão sobre o processo de socialização da criança no seio da sociedade capitalista, formando em cada indivíduo (interpelando) o sujeito necessário dessa sociedade. No entanto, é necessário que se traga o contexto de surgimento da obra *O Patinho Feio* e das versões que são trazidas aqui para a análise – as condições de produção restritas.

A versão 1 do *corpus* não está datada, mas um contato direto com a editora (Editora do Brasil) permitiu saber que se tratou de um de seus primeiros títulos, provavelmente publicado nos anos de 1943-1944. Como era comum em publicações dessa época - e por muito tempo se manteve em publicações infantis, chegando até os nossos dias em alguns casos - não são apresentados dados bibliográficos, com a história iniciando logo na primeira página. A obra se inicia pelo título - *O patinho feio e outras histórias bonitas* - sem constar o nome do tradutor. Se refere à obra original de Andersen, traduzida para o português pela editora, constituindo-se, portanto, em tradução, e não uma versão da história. Nos anos de 1943-44, o Brasil vivia sob o governo de Getúlio Vargas (Estado Novo), enquanto no mundo se desenrolava a Segunda Guerra Mundial. Os EUA pressionavam o Brasil para que entrasse na guerra, mas Getúlio se mantinha inativo. Justamente nesses anos, navios brasileiros foram atacados pelos alemães, o que provocou o envio de tropas brasileiras à Itália.

A versão 2 é uma tradução e adaptação do conto de Andersen realizada por Monteiro Lobato. A sexta edição é datada de 1958. Além das histórias de Andersen, Lobato também traduziu outras obras clássicas como os contos dos irmãos Grimm, as histórias de L.Carrol (*Alice no país das maravilhas* e *Alice no país do espelho*), bem como Robson Crusoe (Defoe). No caso dessa versão, não se trata apenas de uma tradução, mas também adaptação, o que dá

maior liberdade ao tradutor. Monteiro Lobato aproxima a obra do ambiente brasileiro, conforme estudado por Menin (1999). Em 1958, o Brasil tinha Juscelino Kubitschek como governante, e seu plano de desenvolvimento industrial - de progresso para o Brasil. No mundo, todas as nações sofriam os efeitos da Guerra Fria, na qual o Brasil se colocava ao lado dos países capitalistas, dominados pelos EUA.

Já as versões 3 e 4 são compilações (reunião de textos de um ou vários autores em uma obra). Em V3 (1995), são reunidos nove contos, com uma apresentação que fala da obra de HC Andersen e de seus ilustradores. Segundo essa apresentação, não se passa um ano sequer sem que os contos mais famosos de Andersen sejam publicados em novas versões, com novas ilustrações, pelo mundo todo. É comum que se compare a vida de Andersen com um conto de fadas, já que teve origem humilde. Esta costuma ser a descrição de seu nascimento: "Andersen nasceu em Odense, Dinamarca, em 1805, filho de um sapateiro e de uma lavadeira (...) Andersen foi um garoto sem instrução, vinha de uma família pobre, mas isso não o impediu de vir a frequentar os salões dos aristocratas e reis." (ASH & HIGTON, 1995, p.6).

Acredita-se que parte da força ideológica da história mais famosa de Andersen se deve, em parte, à similaridade com sua vida. O conto "O Patinho Feio" permite que se acredite que as condições de vida iniciais de um sujeito humano podem ser modificadas - a crença na mobilidade social - e o fato de que seu autor tenha vivido essa mobilidade auxilia na implicação dela como produtora de subjetividades contemporâneas. Para a subjetividade contemporânea - diferentemente da formação social escravista, ou do feudalismo - o imaginário social constrói a possibilidade da mobilidade, de alguém ter nascido em uma classe e, pelo trabalho, pelo esforço, pela persistência, alcançar um novo patamar no status social e econômico. A ideologia da sociedade contemporânea coloca para o sujeito a responsabilidade pela sua vida, jogando também para a subjetividade a culpa pelo "fracasso": se alguns podem, com esforço, mudar de posição social, aqueles que não conseguem são culpados por isso, não se esforçaram o suficiente. A ideologia mascara o fato de que não há possibilidade de mobilidade para todos, apenas exceções. É um sentido semelhante ao que encontramos, como comentado acima, na análise psicanalítica dos contos:

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 1980, p.14)

Além disso, um conto de fadas é uma ficção, sem compromisso com a realidade. A própria expressão "conto de fadas" se tornou sinônimo de irrealidade e, muitas vezes, de ilusão⁶². As histórias tratam, muitas vezes, de plebeus que se casam com princesas graças ao seu valor, coragem e nobreza de coração; de camponesas que se tornam princesas pela sua beleza, capacidade de suportar provações e trabalho contínuo; de pequenos que vencem os mais fortes (ogros, gigantes e bruxas). A comparação da vida de Andersen com um conto de fadas serve para dizer que a sua trajetória de menino pobre à aristocracia é uma trajetória improvável... mas possível.

A versão 4, por sua vez, é uma edição de 2005 em comemoração dos 200 anos de nascimento de HC Andersen, em 1805. Por mais que tenhamos remetido rapidamente às condições históricas dos momentos em que as obras foram publicadas - sendo as versões 3 e 4 referentes à sociedade contemporânea, que tem na globalização econômica, por um lado, e no individualismo do sujeito, por outro, suas características marcantes - todas as traduções, versões e compilações são decorrentes da história original de Andersen, publicada pela primeira vez em 1843.

Quando Andersen viveu e escreveu seus contos, o mundo se encontrava em uma era pós Revolução Francesa, ou seja, a rigidez dos lugares sociais tinha sido questionada, e a passagem do feudalismo ao modelo social capitalista estava consolidada. Nesse contexto social, os indivíduos podiam acreditar que as pessoas valiam por si mesmas e não pela descendência ou pelo lugar que ocupavam em seu nascimento⁶³. No contexto artístico - que, como afirma Cândido (1985), é tanto representação quanto produção de realidade - o movimento romântico trazia a temática do subjetivismo, do sentimentalismo, dos sofrimentos humanos, bem como do questionamento das determinações sócio-econômicas - que estão presentes nos contos de Andersen.

As análises a seguir trazem como pressupostos as discussões teóricas do capítulo 1 e as condições de produção apresentadas no capítulo 2, que serão retomadas quando necessário. Salienta-se também que os recortes discursivos (SDRs) do conto O Patinho Feio estão agrupados em temas, que se organizam em torno do que as análises trazem relacionado à aspectos práticos do processo de socialização da criança.

⁶² É o que se expressa nos discursos do cotidiano quando se diz a alguém: "A vida não é um conto de fadas".

⁶³ Naturalmente, as desigualdades econômicas continuam existindo, e são cada vez maiores, mas no aspecto legal elas não tem justificativa. Enquanto na formação escravista estava previsto que existiam sujeitos livres e escravos, por exemplo, na sociedade capitalista a lei prevê que todos os homens são iguais, conforme a "tirinha" da Mafalda (Quino) que abre este trabalho

3.1 Assim São as Coisas no Mundo

Essa temática, que recupera o dizer de uma das versões (V4, SDR 2) enlaça as análises em torno da apresentação que diferentes personagens e o narrador fazem do mundo. Às personagens-criança é explicado como o mundo funciona, que tamanho ele tem e quais as relações que se estabelecem entre diferentes sujeitos. A categoria essencial de análise é o preconstruído, que aparece no discurso, segundo Pêcheux (1997), como "as coisas do mundo" ou seja, como aquilo que já é sabido antes, em algum lugar.

SDR 1

V1: (1943-44) *Um dos filhotes comentou, espantado: - Como o mundo é grande! Nunca pensei! – Era natural que achassem o ninho espaçoso, depois de passarem tanto tempo fechados dentro da casca de um ovo.*

*- Estão pensando que isto é o mundo inteiro? Qual o quê! O mundo vai longe, para além do jardim e dos campos do pastor da igreja! Sei disso, **apesar de** nunca ter ido até lá!*

V2: (1958 M. Lobato) *- Como o mundo é grande! Diziam eles, olhando para o capinzal.*

*- Pensam que o mundo é isto só? Perguntou a pata. Não! O mundo é grande. Vai muito além, para o outro lado do jardim até o quintal do senhor padre, **se bem que** eu jamais tenha ido até lá.*

V3: (1995) *- Uau! Como o mundo é grande! – diziam todos os patinhos. **Afinal**, até aquele momento eles só tinham conhecido o aperto lá de dentro do ovo.*

*- Vocês acham que o mundo é só isso? – perguntava mamãe pata. – O mundo vai longe, vai até depois do final do jardim, vai até os campos do padre. Digo isso porque sei, **mas** nunca fui até lá.*

V4: (2005) *- Ora, como o mundo é grande! – exclamaram os recém-nascidos, o que **era de esperar**, pois eles contavam com muito mais espaço do que tinham dentro do ovo.*

*- Ah, vocês acham que isto é todo o mundo? – perguntou a mamãe pata. – Ele vai muito além do outro lado do jardim, nos campos do pastor. **Mas** eu nunca fui tão longe!*

Nesta sequência, o narrador mostra a forma como os patinhos reagem ao conhecerem o mundo, e traz para isso, inicialmente, sentidos referentes à dimensão do espaço (grande, espaçoso, fechado, dentro [V1]; grande [V2]; grande, aperto, dentro [V3]; grande, espaço,

dentro [V4]), através dos adjetivos em função comparativa. O mundo de dentro do ovo é pequeno em relação ao ninho, assim como o ninho é pequeno em relação ao jardim, ou aos campos do padre, como pode ser melhor visualizado no quadro abaixo.

VERSÃO	OVO	NINHO
V1	fechado	espaçoso/grande
V2		grande
V3	aperto	grande
V4		muito mais espaço/grande

Assim, os patinhos se espantam com o tamanho do mundo (*como o mundo é grande!*). Os filhotes, recém saídos da casca do ovo, tem mais é que se surpreender. Através dos elementos universais (preconstruído) *era natural que (V1), afinal (V3), o que era de esperar (V4)*, cria-se um efeito de evidência, de que é evidente que os patinhos tinham que achar o mundo muito grande, já que o espaço do ovo era bastante reduzido. O preconstruído “era de esperar; afinal; era natural” vem como um pensamento universal, situado antes e fora do enunciado, produzindo o sentido de que aqueles acostumados com um determinado espaço restrito, se espantam com o espaço maior. O espanto (misto de curiosidade, deslumbramento e medo), é produzido pela expressão exclamativa – Como o mundo é grande! - bem como pelas palavras: espantado (V1); Uau (V3); Ora, exclamaram (V4).

O narrador se coloca como alguém que enxerga os fatos de fora, e com um conhecimento superior⁶⁴. Ele já esperava por isso – a sociedade espera que a criança vá vivendo suas fases gradualmente, e se surpreendendo gradualmente com o mundo. O que os adultos esperam da criança é o movimento natural de seu desenvolvimento. Ao falar dos filhotes recém-nascidos e de seu descobrimento do mundo, o conto representa a criança pequena, que primeiro só percebe o mundo através dos sentidos (vê, sente, cheira, ouve sons), depois começa a conseguir pegar coisas, levar à boca e tentar conhecê-las. Um belo dia começa a engatinhar, e as suas possibilidades de se relacionar com o mundo se ampliam. Pode ir buscar coisas que vê ao longe, ir atrás de pessoas ou a lugares que deseja. Começa a falar, a pedir o que lhe falta, a manifestar-se. Aprende a andar. Vai à escola. Conhece novas pessoas. Estabelece novos vínculos e novas formas de se relacionar. Enfim, cada uma dessas etapas do desenvolvimento se assemelha a um “sair da casca”, dá maior liberdade e maior domínio para

⁶⁴ A relação dissimétrica adulto-criança de que se tratou no capítulo 2, sobre a literatura infantil.

a criança, gradualmente. E é no seio dessa descobertas do mundo que a criança pode sentir-se como os patinhos recém-nascidos, excitados pela novidade, pela ampliação do espaço, mas também com certo receio.

O chamado “desenvolvimento normal” se configura como uma série de normatividades, grupos de características que cada criança precisa atingir em cada etapa da vida. A cada momento, vai sendo classificada, normativizada, adequada ao que deve ser⁶⁵. Através do conhecimento científico – que, como fala Pêcheux (1997), não é oposto à ideologia, no sentido em que haveriam ciências e haveriam ideologias, mas que toda ciência é ideológica – o conceito do que é normal ou não no desenvolvimento infantil se torna parte do imaginário da sociedade, que passa a esperar por esses comportamentos.

Em uma comparação entre as versões podemos ver que a versão 4, a mais contemporânea, se apresenta de forma sutilmente diferente com relação ao espaço: enquanto as outras falam de um maior espaço, de um espaço grande, em V4 temos “muito mais espaço”, ou seja, é muito maior o espaço que o sujeito tem hoje para além da casca do ovo e dos campos do padre. A versão contemporânea é muito mais leve no que diz respeito ao cerceamento do sujeito. É nesse movimento parafrástico que vemos as modificações em relação à noção de sujeito serem colocadas no texto, como produtoras de novas formas de dizer.

A posição-sujeito da sequência 1 entende a criança como ser em formação, que não tem condições de compreender as coisas do mundo de uma vez só. A pedagogia e a psicologia modernas⁶⁶ demonstram que a criança vai construindo suas possibilidades de inter-relação com o mundo na medida que se desenvolve. Nesse processo, cabe aos adultos a tarefa de guiar a criança para um bom desenvolvimento, que é o desenvolvimento de um posterior adulto cumpridor de seus deveres e consciente de seus direitos – a manutenção, de geração em geração, da forma-sujeito da sociedade. A relação dissimétrica entre adultos e crianças, a transmissão de conhecimentos sobre as coisas do mundo, através do funcionamento do preconstruído, produz a manutenção da sociedade.

Esta concepção mostra que o fim da história não se acaba resolvendo em 'consciência de si', como 'espírito do espírito', mas sim que a cada estágio são dados um resultado material, uma soma de forças produtivas, uma relação com a natureza e entre os indivíduos, criados historicamente e transmitidos a cada geração por

⁶⁵ A normatização do desenvolvimento infantil produz tanto a definição do sujeito normal quanto do desviante, daquele que não está adequado à regra, sendo instituídas diferentes práticas para sua adaptação à sociedade.

⁶⁶ Por exemplo através da teoria genética de Piaget e da psicanálise de Freud.

aquela que a precede, uma massa de forças produtivas, de capitais e de circunstâncias, que, por um lado, são bastante modificados pela nova geração, mas que, por outro lado, ditam a ela suas próprias condições de existência e lhe imprimem um determinado desenvolvimento, um caráter específico; por conseguinte as circunstâncias fazem os homens tanto quanto os homens fazem as circunstâncias. (ENGELS; MARX, 1998, p.36)

O que a citação coloca é que cada geração que vem ao mundo precisa receber da geração precedente tanto as condições materiais de existência quanto as condições ideológicas da manutenção da sociedade⁶⁷. Através do funcionamento do inconsciente e da ideologia, essas leis da sociabilidade são internalizadas pelos sujeitos, e reproduzidas no discurso como universalidades. Essa internalização se dá no seio do processo de socialização da criança que ocorre, principalmente, via família e escola.

A posição-sujeito que o narrador do conto assume nessa sequência, de que as crianças, sempre que se lhes mostra um pouco mais do mundo e da realidade, reage a essa novidade com um misto de maravilhamento e medo, e que seria de se esperar que assim fosse, sempre que se passasse de uma situação de maior ignorância, para outra onde se tem um pouco mais de conhecimento. Ao se escrever para crianças, não se escreve qualquer coisa, há um comprometimento com a pedagogia e a reprodução da moral da sociedade, dos valores sociais – é de esperar que as crianças se maravilhem com o mundo que se apresenta a elas – que percebam que há mais espaço, mas que os espaços devem ser ocupados paulatinamente, primeiro o ovo, depois o ninho, depois o galinheiro, etc. - produz o sentido de que é preciso esperar o tempo certo para se avançar no mundo. Além disso, é bom que a criança veja o mundo como um lugar interessante de viver, que seja estimulada positivamente para a adequação, silenciando sentimentos de revolta.

Assim, a literatura infantil se constrói como instrumento principalmente de manutenção do sentido de dependência da criança, sentido construído historicamente, como foi visto no capítulo 2. Tanto retrata uma realidade – a criança realmente precisa conhecer o mundo com a ajuda dos adultos - quanto reproduz e naturaliza essa relação. Ao mesmo tempo, pelo movimento inerente de contradição a todo discurso, estimula a criança a crescer, pois apresenta o mundo como lugar a ser conhecido, sempre maior que o alcance dos olhos, chamando-a para a independência.

Logo em seguida, a fala da mamãe pata vem confirmar que o mundo é grande, mas fala de um mundo maior ainda. Ela fala de um lugar de saber. E esse saber diz: realmente *o mundo vai longe (V1)*, *o mundo é grande (V2)*, *o mundo vai longe (V3)*, mas não é só isso que

⁶⁷ Assim como as condições para a sua transformação.

seus olhinhos infantis podem abarcar. Era de esperar que os patinhos achassem o mundo grande pois saíram do aperto do ovo, mas ainda há mais, há o mundo que pode ser conhecido pelos sujeitos-adultos (como a mamãe pata), e há o além (*além do jardim, V1; muito além para o outro lado do jardim, V2; depois do final do jardim, V3; muito além do outro lado do jardim, V4*). Esse além, que a mamãe pata conhece teoricamente, traz sentidos do discurso religioso, reconhecido por seus elementos (*campos do pastor, V1; quintal do senhor padre, V2; campos do padre, V3; campos do pastor, V4*). A mãe pata invoca um saber que vem de informações anteriores, da experiência acumulada da sociedade, não de um saber pela experiência pessoal. Ela não conhece aquilo de que fala, apenas repete conhecimentos adquiridos, confirmando que o saber é histórico.

No processo de socialização da criança, é preciso inculcar-lhes ensinamentos e fazer com que acreditem que aquilo é daquele jeito que se está dizendo, pois não é possível que todos os conteúdos escolares (bem como o funcionamento da sociedade em geral) sejam conferidos *in loco*, ou seja, na prática do mundo. É necessário que as “coisas do mundo” sejam produzidas como universais – preconstituído que se coloca externamente e anteriormente ao sujeito. Na família, na escola, a criança recebe instruções no sentido de agir de acordo com a moralidade social e as regras de convivência do grupo, saberes que a conduzem na direção da aceitação social.

Através do funcionamento do preconstituído, o impensado do pensamento, os sentidos de conformidade ao movimento normal do desenvolvimento da criança são produzidos. Mas a mesma voz da mãe pata é palco de um espaço de dúvida, de questionamento (pois o ritual é sempre falho). Existe um elemento na sequência que indica a reflexão da mãe pata sobre sua própria fala, é como se ela se questionasse sobre o que está dizendo, e, por um instante, se estranhasse, “descobrisse” (retorno do recalado) que aquele dizer não lhe pertence, que está reproduzindo voz alheia, e que não está falando realmente de algo que sabe. Esse questionamento é dado pelos articuladores *apesar de (V1), se bem que (V2), mas (V3 e V4)*.

Freud (1996, XVII) traz uma conceitualização de “estranho” que parece nos servir aqui: estranho é tudo aquilo que, de tão familiar (no caso da pata, a sua própria fala) de repente se tornou estranho. O autor fala de um sentimento *estranhamente familiar* ou *familiarmente estranho* referindo-se à experiência do inconsciente psicanalítico. A psicanálise desloca a escuta do relato de um sujeito para aquilo que falha ou emerge neste relato, e que o próprio sujeito estranha, estranha a si mesmo, seu dizer. Nesse estranhamento, o sujeito se descobre descentrado, ou seja, o eu (ego) não ocupa a posição determinante da personalidade,

mas é determinado pelo isso (id), que é inconsciente. Ou seja, aquilo que é mais familiar para um sujeito, seu dizer e sua personalidade, se torna estranhado, estrangeiro ao se perceber que o eu não tem o domínio.

Na AD, Pêcheux utiliza a teoria dos esquecimentos para dizer que o sujeito tem a ilusão de domínio sobre o discurso, esquecendo que a seleção do que diz e das formas de dizer não é escolha sua (esquecimento n°2), tanto por que a língua tem uma autonomia relativa (não se pode dizer qualquer coisa de qualquer jeito) quanto por que os sentidos não são literais, transparentes, mas produzidos nas formações discursivas. Da mesma forma, o sujeito esquece (esquecimento n°1) que ele mesmo é determinado pelas posições-sujeito possíveis na sociedade em que vive, que é interpelado enquanto sujeito por uma forma-sujeito histórica, ou seja, que ocupa uma posição ideológica que funciona, inconscientemente, determinando-o.

A mãe pata, ao enunciar, estranha seu próprio dizer, o sujeito do discurso traz o preconstruído (o mundo é grande) e questiona em seguida o seu funcionamento. É como se desnaturalizasse o dizer universal: “essas coisas que estou dizendo, de onde vem?”, ou ainda “isso que estou falando não fui eu quem descobriu, eu não vi, recebi de outro lugar”. O estranhamento (no sentido de Freud, o familiar que se tornou estranho) se dá nessa relação entre aquilo que é tão do sujeito, tão familiar - suas certezas, suas verdades, suas concepções morais, a imagem que ele tem do mundo, dos seres e de suas relações – e que o sujeito questiona de onde vem, refletindo sobre a anterioridade e a exterioridade do dizer, percebe como estranho.

Mas a contradição é muito rápida, não exercendo força suficiente no enunciado para transtornar os sentidos. A mãe esclarece seus filhos recém-nascidos, dizendo que aquilo que vêem não é o mundo todo, mas não deixa de colocar o horizonte de seus próprios olhos como todo o mundo, pois a ignorância só pode se resolver até certo ponto. Para a pata e os patinhos, o mundo é aquilo que os olhos vêem, aquilo que é conhecido, o que dialoga com o texto platônico sobre as sombras na caverna. O mundo conhecido, que é oferecido ao esquema de interpretação dos sujeitos humanos, é o que se deve esperar, para além disso não se deve olhar (o olhar para além é recalcado).

O discurso traz, então, elementos de saber do discurso religioso, pois para além dos campos do pastor e do senhor padre, não se conhece. A religião, detentora de um saber (iniciático) a que só tem acesso aqueles que participam de seus rituais, propõe, conforme comentado acima, dogmas de fé. Não é preciso que se conheça (nem é bom), mas que creia.

Para além dos campos do pastor e do senhor padre, entra-se no domínio da fé, da crença. A mãe pata diz saber que há algo ali, mas sabe por acreditar, não por conhecer.

Além disso, o conto apresenta uma diferença entre os animais e suas posições. Enquanto a mãe pata só conhece o mundo que os seus olhos alcançam, pois vive no galinheiro, na granja; existem outros animais, como os cisnes, que migram para terras mais quentes na época do inverno⁶⁸, logo, conhecem mais do mundo que a mamãe pata, que não é cisne. O mundo apresentado aos patinhos é o mundo que pode ser conhecido para a sua condição de aves domésticas. Mas existe ainda mundo além disso, para ser conhecido pelas outras espécies de aves – aves migratórias ou aves selvagens⁶⁹.

Como as histórias infantis utilizam animais para falar de comportamentos ou sentimentos humanos, pode-se inferir que a apresentação do mundo para a criança é realizada a partir das posições que ela pode ocupar, a partir do que “é de esperar” dela. O horizonte que se coloca para a criança depende das condições sócio-econômicas em que vive a sua família, o seu grupo social. Conforme o sujeito pertença à classe dos explorados ou dos exploradores, o imaginário sobre o mundo e suas possibilidades de crescimento varia.

Retomando a sequência SDR 1:

V1: (1943-44) *Um dos filhotes comentou, espantado: - Como o mundo é grande! Nunca pensei! – Era natural que achassem o ninho espaçoso, depois de passarem tanto tempo fechados dentro da casca de um ovo.*

- *Estão pensando que isto é o mundo inteiro? Qual o quê! O mundo vai longe, para além do jardim e dos campos do pastor da igreja! Sei disso, **apesar de** nunca ter ido até lá!*

V2: (1958 M. Lobato) - *Como o mundo é grande! Diziam eles, olhando para o capinzal.*

- *Pensam que o mundo é isto só? Perguntou a pata. Não! O mundo é grande. Vai muito além, para o outro lado do jardim até o quintal do senhor padre, **se bem que** eu jamais tenha ido até lá.*

V3: (1995) - *Uau! Como o mundo é grande! – diziam todos os patinhos. **Afinal**, até aquele momento eles só tinham conhecido o aperto lá de dentro do ovo.*

- *Vocês acham que o mundo é só isso? – perguntava mamãe pata. – O mundo vai longe, vai até depois do final do jardim, vai até os campos do padre. Digo isso porque sei,*

⁶⁸ “Certo dia, ao anoitecer, uma linda revoada de pássaros grandes saiu de trás dos arbustos. O patinho nunca vira nada tão extraordinário. Suas penas eram absolutamente brancas e reluziam no ar gelado. Tinham pescoços longos e graciosos. Eram cisnes. Soltaram gritos altos e lindos, esticaram as magníficas asas longas e voaram para terras mais quentes e mares abertos.” (ANDERSEN, 2005, p.68).

⁶⁹ A relação entre domésticos e selvagens será melhor analisada a respeito da SDR 6, adiante.

mas nunca fui até lá.

V4: (2005) - *Ora, como o mundo é grande! – exclamaram os recém-nascidos, o que era de esperar, pois eles contavam com muito mais espaço do que tinham dentro do ovo.*

- *Ah, vocês acham que isto é todo o mundo? – perguntou a mãe pata. – Ele vai muito além do outro lado do jardim, nos campos do pastor. Mas eu nunca fui tão longe!*

Então, a mãe pata fala de um lugar excêntrico a si mesma, reproduzindo dizeres anteriores e exteriores à sua subjetividade “...do ‘retorno do saber no pensamento’ que produz uma evocação sobre a qual se apóia a tomada de posição do sujeito.” (PÊCHEUX, 1997, p.125), um lugar que faz efeito, apesar de desconhecido pelo sujeito, pois diz da posição a partir de onde fala.

A família, coloca-se como espaço, voz ou instrumento de sedimentação de sentidos e manutenção das condições de existência. Do interdiscurso, é chamado também a falar o discurso da família, das relações familiares. O que a família espera? É de esperar que um filho (filhote) siga os traços identificatórios da família, é de esperar que o mundo apresentado pela família – o mundo possível para cada condição – seja suficiente. É o ambiente doméstico que a criança – destinatário do conto – deve conhecer. Os pais (a mãe pata) conhecem um pouco mais, mas também se contém em seu espaço imaginário de reconhecimento.

Retomando a questão, que atravessa toda a presente pesquisa, sobre a identificação e a contraidentificação do sujeito às formações discursivas, pode-se dizer que a mãe pata se identifica com os sentidos produzidos no discurso da socialização da criança, embora apareça um breve momento de contraidentificação, através do “mas”. A Formação Discursiva da Socialização da Criança, tem como sujeito universal aquele que aceita e reproduz a ordem dominante da sociedade, já que se trata, no processo de educar, de levar um sujeito a reproduzir a ordem do mundo, se adequar a ele, se preparar, se qualificar para o mercado de trabalho, para ocupar o seu lugar dentro do sistema das relações de produção. A posição-sujeito que se identifica com estes sentidos é aquela que ocupa esse lugar predeterminado sem questionar, enquanto a posição que se contraidentifica é aquela que não quer aprender as regras e valores do mundo, pois duvida de sua constituição, questiona os sentidos preestabelecidos.

A voz nessa sequência é dividida entre a mãe pata e o narrador. Ele narra o nascimento dos patinhos, enquanto ela começa a lhes explicar como é o mundo. O mundo é sempre maior, há sempre mais para a criança conhecer. mas há um limite, pois nem a mãe pata conhece tudo.

TUDO não pode ser conhecido. Assim como o narrador, ela fala de um saber superior ao dos patinhos. A relação dissimétrica entre adultos e crianças também se demonstra na estrutura do diálogo: a mãe pata pergunta e ela mesma responde, pois no processo de socialização da criança, os conhecimentos e valores são passados como prontos, definitivos – um corpo de conceitos e idéias que é passado de geração a geração e que, ao mesmo tempo em que busca reproduzir o mesmo, abre espaço, na marcha incessante da história, das formulações de sentidos, das possibilidades de existência dos sujeitos, ao novo, à transformação. É o movimento que Orlandi (2007) define como um movimento tenso entre paráfrase e polissemia.

A cada vez que algo é enunciado, não se trata de um dizer inteiramente reproduzido (ainda que o texto seja o mesmo, as condições da enunciação variam), bem como não se trata de algo inteiramente novo. Mesmo um acontecimento discursivo (entendendo acontecimento como algo que rompe com uma cadeia anterior de discursos e instaura uma nova) traz algo da cadeia com a qual rompe e algo da que se inicia⁷⁰.

A mãe pata, ao responder sua própria pergunta, invoca um saber que vem de outro lugar. Um saber sobre algo que ela não conhece, mas recebeu como conhecimento, como verdade. Esse conhecimento anterior vem de uma memória que diz, no interior do discurso sobre a socialização da criança, os conhecimentos que devem ser passados de geração em geração. A memória se configura, então, tanto como espaço de reprodução dos sentidos quanto como espaço constante de ressignificações. Um saber externo e anterior ao sujeito e ao discurso, que é trazido para produzir sentido – o preconstruído. A mãe pata sabe que além dos campos e do jardim do padre/pastor, o mundo continua. Existe mundo além do horizonte que seus olhos alcançam⁷¹.

A comunicação da ciência pelo ensino tem por finalidade poupar certas experiências a um indivíduo, transmitindo-lhe as de um outro indivíduo; são, na verdade, as experiências de gerações inteiras que são transmitidas às gerações seguintes pelos livros acumulados nas bibliotecas e que lhes são assim poupadas. (MACH, *apud* PÊCHEUX, 1997, p.237)

Na SDR1 pode-se ver que a forma como os patinhos denominam o mundo é semelhante à fala da pata mãe, conforme pode ser visualizado no quadro:

⁷⁰ É o que ocorre com o “On a gagné”, analisado por Pêcheux em “Estrutura ou Acontecimento” (2006)

⁷¹ A fadinha Clara Luz, do livro infantil “A fada que tinha idéias” (ALMEIDA, 2007) dizia que ver apenas um horizonte era muito limitado: “ - A minha primeira opinião é que não existe um horizonte só. Existem muitos.” (p.23)

	MAÃ PATA	PATINHOS
V1	o mundo vai longe!	o mundo é grande!
V2	o mundo é grande.	o mundo é grande!
V3	o mundo vai longe.	o mundo é grande!
V4	ele vai muito além.	o mundo é grande!

Antes de analisar o quadro naquilo que as versões trazem em conjunto, é necessário chamar a atenção para as diferenças entre elas, especialmente na comparação entre a versão 2. de Monteiro Lobato e a versão 4, a mais contemporânea. Enquanto Monteiro Lobato apresenta o mundo de uma forma definida, o discurso dos patinhos se cola ao discurso da mãe pata, repetindo, o mundo é grande e pronto, a versão 4 permite que os sentidos escapem. Enquanto nas outras há pequenas variações, na versão 4 escapa muito, pois o mundo vai muito mais além. Diríamos que a versão 4 é muito menos rígida no que diz respeito à apresentação do mundo para os patinhos.

Mas de uma forma geral, podemos dizer que tanto os patinhos quanto a mãe pata tem um discurso semelhante sobre o mundo (identificação da mãe pata com os universais e dos patinhos com o discurso da mãe), mas enquanto eles estão se espantando e maravilhando com essa novidade (ver as exclamações), a mãe pata fala de um fato consumado. O que “é de esperar” na relação dos sujeitos com “as coisas do mundo” é que as crianças se espantem, já que para elas tudo é novo, e que os adultos reproduzam e aceitem – a conformação. Embora, conforme já foi dito acima, há sempre algo que escapa da reprodução e funciona pelo questionamento, pela transformação. Através da reflexão da mãe pata sobre sua própria fala, pode-se ver a função da literatura, da arte em geral, conforme Cândido (1985) de servir, ao mesmo tempo, de representação da sociedade e de instrumento para sua transformação, através do questionamento.

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isso decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CÂNDIDO, 1985, p.20)

Essa questão da literatura (da arte) como movimento constante de reprodução e

transformação está de acordo com a teoria da AD a respeito do sujeito. Embora o sujeito seja desde sempre interpelado pela sociedade em que vive, embora toda fala esteja remetida à uma identificação do sujeito com as formações discursivas (como a fala da mãe pata identificada à Formação Discursiva da Socialização da Criança), sempre há uma possibilidade do sujeito se desidentificar e tecer novas identificações (sempre existe a possibilidade de um *apesar de/se bem que/mas*). O que entende-se, nessa pesquisa, é que a interpelação de todo indivíduo em sujeito se dá porque não existe sujeito sem estar interpelado – não existe sujeito e não existe discurso que não seja ideológico. O que não quer dizer que o sujeito mantenha uma relação de univocidade com a interpelação, ou seja, ao ser interpelado, o sujeito “livremente consente” em reproduzir os sentidos da formação discursiva que o determina, mas mantém uma possibilidade de autoria, de reflexão, de irrupção de sentidos-outros, que não aqueles que estão determinados a princípio.

O “mas” enunciado pela mãe pata não se coloca fora da Formação Discursiva da Socialização da Criança, mas abre espaço para outro discurso, para outra identificação, outra posição-sujeito. Apresenta o mundo possível para os patinhos mas mostra que há um mundo maior para outras espécies de aves. A seguir, na SDR 2, a mãe pata prossegue apresentando o mundo, agora a respeito dos sujeitos que dele fazem parte e seus lugares, mostrando que “as coisas são assim mesmo no mundo”, conflituosas. A sequência seguinte mostra o conflito e o trabalho incessante da memória

SDR 2

V1: (1943-44) *Foram todos para a capoeira. Por lá havia um barulho incrível. Duas galinhas chocas brigavam por causa de uma cabeça de enguia. No fim de contas quem comeu a enguia foi o gato. Mamãe-pata lambeu o bico suspirando de vontade de comer enguia. Declarou: - **É assim o mundo!***

V2: (1958 M. Lobato) *Chegaram ao galinheiro, que naquele momento estava em polvorosa, pois duas famílias de galinhas brigavam por causa de uma cabeça de peixe, que afinal foi carregada pelo gato. – **Vejam como é o mundo!** Disse a pata aos seus patinhos, limpando o bico e engolindo em seco ao ver o bichano passar com a cabeça do peixe na boca. **O mais forte sempre vence.***

V3: (1995) *E assim foram todos para o ponto de concentração dos patos. O lugar estava na maior confusão, com duas famílias brigando por uma cabeça de peixe. No fim quem venceu foi o gato, que saiu correndo com a cabeça. – **Coisas da vida!** – disse mamãe*

pata lambendo o bico.

V4: (2005) *E, assim, a família chegou ao curral. Estava um barulho terrível, pois duas famílias de patos disputavam uma cabeça de enguia. Enfim, o gato a pegou. - Viram, crianças? Assim são as coisas no mundo!* – observou a mamãe pata enquanto lambia o bico, pois bem que gostaria de ter pego aquela cabeça de enguia

A sequência continua a apresentação do mundo através do funcionamento do preconstruído, trazendo um dizer externo que, do interdiscurso (o conjunto de todos os saberes, de todas as formações discursivas) é recortado em uma memória (pertencente ao domínio de saberes e produções de sentido das formações discursivas) e reinscrito no discurso (é assim o mundo, V1; veja como é o mundo.. o mais forte sempre vence, V2; coisas da vida, V3; assim são as coisas do mundo, V4). O sujeito, ao identificar-se com as formações discursivas, apaga o fato de que esses dizeres lhe são anteriores e exteriores, que fazem parte de um grupo pré-definido de saberes, e se constitui, imaginariamente, nessa ilusão de que o dizer lhe pertence – o esquecimento n^o2⁷².

O enunciado apresenta esse elemento de uma maneira definida, as coisas são assim e ponto final. É uma apresentação do mundo definitiva, um mundo ordenado que é oferecido pronto aos patinhos, recém-nascidos. Ao narrar a briga entre famílias pelo alimento, o narrador traz um elemento conclusivo, grifado no enunciado (*no fim de contas V1; afinal V2; no fim V3; enfim V4*) produzindo uma continuidade com o elemento universal citado acima, criando o sentido de que esses filhotes, essas crianças, que estão começando a conhecer o mundo, precisam se conformar com as coisas como são:

V1(1943-44): *No fim de contas... é assim o mundo.*

V2: (1958 M. Lobato) *Afinal... vejam como é o mundo. O mais forte sempre vence.*

V3: (1995) *No fim... são coisas da vida.*

V4: (2005) *Enfim... Viram crianças? Assim são as coisas do mundo.*

Novamente pode-se iniciar salientando a diferença entre as versões, em especial entre a versão de Monteiro Lobato (V2), bem categórica, ao afirmar que o funcionamento do mundo é assim mesmo, que o mais forte vence e os fracos não tem vez, e a versão mais contemporânea (V4), muito menos rígida, que fala de uma forma mais suave, como se fala a uma criança.

A sequência traz, como não-dito do enunciado: “*não se rebelem, crianças, vejam como*

⁷² Conforme já foi discutido a respeito da SDR 1, acima.

o mundo é e se coloquem no seu lugar”, “*aprendam que existem diferenças entre os seres, e que a vida é assim mesmo*”. Nesse mundo, pré-definido, quem vence é o mais forte. O mais forte é o gato, portanto, os patinhos não fazem parte do grupo dos fortes, e não vencem. Já que não se pode vencer, é preciso se acomodar e não discutir. A mãe pata reproduz os sentidos apagando o fato de que eles não lhe pertencem. É por se reconhecer no seu falar e por apagar os dizeres anteriores e exteriores que determinam esse falar, que o sujeito trabalha a questão dos sentidos como evidentes.

A expressão “é assim o mundo”/”o mais forte sempre vence”/”coisas da vida”/”assim são as coisas do mundo”, produz um efeito de sentido de convencimento. A partir de uma verificação dos fatos (as coisas como elas são, a vida como ela é), do gato que leva a melhor na briga pela enguia, a mãe pata mostra aos patinhos a realidade do mundo. A realidade é que uma luta constante entre os mais fortes e os mais fracos está sempre acontecendo, mas que é preciso que cada um se acostume com o lugar que lhe é destinado. Como foi analisado acima, a apresentação é endereçada aos patinhos, então a realidade que é colocada diz respeito à sua posição.

O que está por detrás de tudo é a ideologia veiculada, revelando, em qualquer interstício, que o mundo oferecido é perfeito, sempre foi assim e nada pode ser feito para alterá-lo, a não ser lutar para conquistar um lugar ao sol (a luta do indivíduo para se tornar rico, forte e feliz, como os modelos propostos). Eventualmente, as exceções são aceitas para confirmar a regra. (ATAÍDE, 1995, p.16)

Através do funcionamento imperativo (“vejam como é o mundo”, em V2) e do afirmativo (“é assim o mundo” em V1, “coisas da vida” em V3, “assim são as coisas do mundo” em V4), a diferenciação das posições é dada como natural. A mãe pata até lambe o bico e suspira de vontade de comer a enguia, de desejo de que as coisas do mundo não fossem assim, mas reproduz os dizeres conservadores da sociedade. É através do processo educacional da criança (metaforizado na apresentação do mundo) que o sujeito é interpelado enquanto sujeito dessa sociedade capitalista, dividida em classes, onde uns podem mais do que outros. Quando dizemos que a ideologia interpela os sujeitos através do processo educacional, não estamos dizendo apenas que cada indivíduo humano é interpelado enquanto sujeito, mas que as regras de funcionamento social, as normas implícitas dessa sociabilidade (a aceitação da sociedade dividida em classes, o respeito à propriedade privada, à busca de acumulação de capital, a necessidade de consumo, etc.) são anteriores ao sujeito. Ou seja, no sentido de que fala Pêcheux (1997) de que, nascendo cada indivíduo em um dado momento de

uma dada formação social, ele é sempre-já-sujeito, ou seja, ele já vem ao mundo interpelado enquanto sujeito desse mundo⁷³ e ocupando uma posição nesse mundo.

Adiantaremos, neste momento, a idéia de que o que está em jogo é a *identificação* pela qual todo sujeito ‘se reconhece’ como homem, ou também como operário, empregado, funcionário, chefe, etc., ou ainda como turco, francês, alemão, etc., e como é organizada sua relação com *aquilo que o representa*: uma primeira luz, o vislumbre da solução. (PÊCHEUX, 1997, p.117)

O sujeito, então, se identifica e se reconhece no lugar em que é produzido. Mas ainda que o sujeito de uma dada formação social seja interpelado desde sempre pela ideologia a ocupar um lugar determinado, um processo contínuo de inculcação, penetração ideológica, funciona nas mais diversas práticas sociais, entre elas as práticas discursivas. Nesse sentido, a literatura infantil funciona produzindo efeitos de sentidos de convencimento para a criança acerca das coisas do mundo. O enunciado em que a mãe mostra o mundo aos patinhos produz o efeito de inculcar, penetrar no sujeito-criança que o mundo funciona daquela forma, e não de outra qualquer.

O que precisa ser compreendido é como os agentes deste sistema reconhecem eles próprios seu lugar sem terem recebido formalmente uma ordem, ou mesmo sem ‘saber’ que têm um lugar definido no sistema de produção. Quando alguém se vê obrigado a ocupar um lugar dentro de um sistema de trabalho, esse processo já se deu anteriormente; (...) O processo pelo qual os agentes são colocados em seu lugar é apagado; não vemos senão as aparências externas e as conseqüências. (HENRY, 1990, p.26)

Poderíamos dizer que o processo que coloca cada agente em seu lugar é a interpelação ideológica, que se mantém constantemente através da inculcação. O sujeito não sabe conscientemente que tem um lugar definido, mas ocupa esse lugar e se reconhece, se identifica com ele. É o que ocorre na fala da mãe pata. Ela até suspira e lambe o bico de vontade de comer a enguia/peixe, mas se identifica com a posição que lhe é imposta e passa adiante para os filhotes esse mesmo posicionamento. O sujeito do discurso vê as diferenças sociais como injustiças, todo o conto é construído para denunciar essa injustiça, para dizer que todos são iguais, que não se deve maltratar o diferente. No entanto, a apresentação do mundo dividido em classes produz um outro efeito: naturaliza essas relações. Pode até ser injusto, mas é assim que as coisas do mundo são. Se “é assim o mundo”(V1), se “o mais forte sempre vence” (V2), se são “coisas da vida” (V3) e se “assim são as coisas no mundo”, ou seja, é

⁷³ Um sujeito da sociedade contemporânea não pode ser interpelado como nobre ou como servo.

assim que o mundo funciona, então não há nada a fazer, a não ser aceitar que o gato é o mais forte, vence, come o peixe, enquanto a mãe pata lambe o bico. Pode-se dizer, retomando Grantham (1999), que as histórias infantis fazem pensar nas coisas como elas são para evitar fazer pensar nas coisas como elas poderiam ser.

Nessa sequência, através do desejo da mãe pata, se mostra o conflito. Segundo Freud (1996, Vol XXI), o sujeito humano abre mão, recalca seus desejos para viver em sociedade. As leis do funcionamento social obrigam o homem a agir conforme uma ordem geral e não a partir de suas pulsões e desejos. Lembrando que a psicanálise é a teoria psicológica criada a partir da análise do funcionamento mental dos indivíduos inseridos no funcionamento social da burguesia, Freud descreve a pressão que o social exerce sobre os sujeitos. No entanto, segundo o próprio autor, nenhum recalco das pulsões poderia ser completo, os desejos estão sempre em busca de satisfação, e esse é o toque, no discurso da mãe pata, do desejo de transformar. A personagem aceita, reproduz as normas sociais em sua voz, mas o desejo de que as coisas fossem diferentes lateja constantemente, fazendo-a salivar.

Sobra as diferentes formas de dizer das quatro versões, percebe-se que V1 utiliza um tom de fato consumado: a pata queria comer, mas foi o gato quem comeu, e no fim de contas “é assim o mundo”, é assim que as coisas funcionam. Ela está passando para os patinhos o funcionamento do mundo e da sociedade do galinheiro. Já em V2, um elemento a mais no enunciado permite surgir um tom de crítica a esse funcionamento: “Vejam como é o mundo... o mais forte sempre vence.” Apesar de uma constatação do funcionamento do mundo, a pata mãe passa para os filhotes a sua visão crítica sobre a relação entre “mais fortes” e “mais fracos”. Não é apenas o mundo que é assim, mas os sujeitos que dominam e exploram os mais fracos. Em V3, a constatação é acompanhada de resignação: são “coisas da vida”. “A vida” se refere ao curso natural, daquilo que é normal, ou seja, “são coisas da vida” remete à “coisas normais”, é natural que seja dessa forma. Em V4, por sua vez, a mãe interpela diretamente os filhotes, ao mesmo tempo em que o discurso interpela diretamente as crianças (leitores): “viram crianças?”. Através dessa expressão, a mãe pata está dizendo: “vocês viram com seus olhos como o mundo funciona”, ela está mostrando que tem razão em dizer o que diz, que “realmente” as coisas do mundo são assim mesmo.

Nas duas sequências analisadas (SDR 1 e SDR 2) acima, a mãe pata apresentava aos patinhos o mundo de uma forma geral, explicando seu funcionamento. Na sequência seguinte (SDR 3), ela continua essa apresentação, mas falando diretamente das posições diferentes que os animais do galinheiro podem ocupar.

SDR 3

V1: (1943-44) *Estão vendo aquela pata velha, a maior de todas? Tem sangue espanhol nas veias. Foi **por** isso que cresceu tanto. Reparem na fita vermelha que tem amarrada na perna. É uma coisa maravilhosa, um sinal de grande distinção. Indica que não pode ser vendida e que tem um valor enorme, tanto para os animais como para os homens!*

V2: (1958 M. Lobato) *Quando passarem perto daquele pato grandalhão façam uma reverência. Ele é o mais nobre de todos nós, de descendência espanhola; **por isso** mostra-se tão emproado. E estão vendo o pedaço de pano vermelho que tem amarrado à perna? Pois aquilo é a maior honra que um pato pode receber. Significa que é tido em grande conta pela dona da casa, que por isso o marcou.*

V3: (1995) - *Agora meus filhos, força nessas pernas! Vocês estão vendo aquela pata mais velha lá adiante? Vão cumprimentá-la. É a mais importante de todos nós: tem sangue espanhol nas veias e é muito valente. Observem a fitinha vermelha amarrada na perna dela. A fitinha é uma coisa estupenda, é a maior marca de importância que um pato pode ter, pois significa que ninguém vai querer acabar com ele, que bichos e homens vão tratá-lo com muito respeito.*

V4: (2005) – *Grasnem educadamente e cumprimentem aquela pata velha ali! Ela tem sangue espanhol, **por isso** é rechonchuda. Estão vendo aquela faixa vermelha na perna dela? É algo especial, a maior honra que um pato pode receber. Significa que ninguém pode lhe fazer mal, e é reconhecida por animais e humanos!*

Nesta sequência, vamos analisar primeiro os diferentes modos de dizer que as versões trazem:

V1(1943-44): O que distingue (distinção) a pata velha dos demais, o que faz com que ela não possa ser vendida, é que ela é grande, maior do que os outros. Ela cresceu mais por ser de uma raça distinta (sangue espanhol). Seu valor está nisso. Existe uma justificativa para as desigualdades entre ela e os demais no galinheiro. O que não está dito no enunciado é que os outros animais (que não tem sangue espanhol e não cresceram tanto) podem ser vendidos e não tem valor. O discurso é o da diferença.

V2 (1958 M. Lobato): O pano vermelho é uma honra que o pato grandalhão recebeu por ser nobre, de descendência espanhola, emproado (orgulhoso, vaidoso, altivo). As palavras “reverência”, “nobre” e “descendência” indicam que se trata de um discurso sobre a nobreza. E é “por isso” que ele é tido em grande conta pela dona da casa. O não-dito, novamente, é que

os outros animais não são tidos em conta, não contam, são animais quaisquer, sem nada especial. O enunciado, já que trata da forma como a mãe pata apresenta o mundo (a sociedade do galinheiro) aos filhotes (e, por identificação, o adulto, sujeito do discurso, apresenta o mundo à criança em formação, seu destinatário), produz, pelo elemento articulador “por isso”, que existem seres nobres pela descendência, que devem ser reverenciados, enquanto outros não são levados em conta.

Uma transformação que precisa ser levada em conta é a da pata em pato, nessa versão de Monteiro Lobato. Como já foi analisado acima, essa versão se coloca de forma mais conservadora do que as outras, no movimento de paráfrase e polissemia do dizer. O discurso machista se revela na transformação da figura que representa o poder, de uma pata para um pato. Na versão conservadora de M. Lobato, uma pata não poderia ocupar o lugar de poder e autoridade.

V3 (1995): Na versão 3, a marca de importância é dada a pata mais velha (mais velha/mais importante). Essa forma de dizer coloca para a criança que a importância vem com o tempo, a idade. É o tempo que se leva para demonstrar a valentia e conquistar o respeito. Enquanto as duas versões anteriores mostravam os fatos às crianças (existem pessoas que se distinguem, pelo tamanho, pelo sangue, pela descendência), em V3, de 1995, mostra ao sujeito uma possibilidade. A criança é convidada a se espelhar na pata mais velha, crescer significa adquirir importância, respeito, implica que ninguém vai querer acabar com ela.

O sentido que se constrói é que se a criança não crescer, não terá o respeito e a importância que a pata mais velha tem, e o risco daqueles que não obtêm respeito, que são desimportantes, é de que, a qualquer momento, alguém pode querer acabar com eles, levar para a panela (no caso dos animais do galinheiro) e fazer deles um almoço. Existem muitas histórias infantis onde animais escapam de virar comida (o que seria natural, esperado) pelo seu caráter peculiar. Por exemplo, em um texto chamado “A galinha galinhola que escapou da caçarola” (SELLARO, 2008), uma galinha escapa de virar almoço porque, ao ficar acordada para tentar fugir de seu destino, vê quando chegam dois ladrões dispostos a roubar a casa e grita bem alto, acordando seu dono e ajudando a prender os ladrões. Por ter esse comportamento especial – a lealdade com o dono – este desiste de comê-la. O que se apaga nesta histórias – e em outras de mesma temática – é que, se esta galinha escapou da caçarola, alguma outra vai tomar seu lugar no almoço do dono⁷⁴. Outro exemplo vem do musical “Os saltimbancos” escrito por Chico Buarque, em que uma galinha fica “bloqueada” (não

⁷⁴ “Uma ave especial/decidida como aquela/não poderia acabar/guisada numa panela.” (SELLARO, 2008)

consegue colocar mais ovos) e precisa “fugir chocada” para não ser morta⁷⁵.

Este enunciado coloca a questão (endereçada à criança) de que a marca da importância não está dada de saída, que é possível ao sujeito superar suas condições materiais de existência, que os lugares sociais não estão determinados. A criança é convidada a reproduzir a ideologia da sociedade capitalista contemporânea, de que depende do próprio sujeito conquistar o respeito do mundo, de que aqueles que estão em condições economicamente inferiores podem conseguir alcançar posições superiores pelo seu esforço, força de vontade em superar as dificuldades. É o sujeito empreendedor que o imaginário social constrói: para conseguir crescer na vida é preciso um esforço do indivíduo, se ele não cresce é porque não se esforçou. Apaga-se o fato de que não há espaço para todos nessa sociedade, devido à concentração do capital e à necessidade que o capitalismo tem de lucros cada vez maiores, o que não se consegue sem a exploração do trabalho humano e sem o aumento das desigualdades sociais.

A ideologia, na sociedade capitalista, funciona pelo mascaramento dessa realidade, fazendo com que cada indivíduo, interpelado como sujeito dessa sociedade, veja em si mesmo (e não na estrutura capitalista) as razões de seu desemprego, de seu salário sempre insuficiente, das dificuldades que encontra. Assim, a culpa pelas dificuldades econômicas é jogada para o sujeito, que enxerga a pobreza como um fracasso.

Em V3 aparece novamente a questão do sangue espanhol (da raça, da determinação das diferenças) mas de forma diferente. Enquanto em V1 e V2 o articulador “por isso” funcionava em uma relação explicativa (é grande e distinto porque tem sangue espanhol nas veias – V1; é empreado e nobre porque é de descendência espanhola – V2), em V3 a relação é colocada pelo conector “e”, no sentido de uma soma de características (tem sangue espanhol e é valente). Não existe a mesma relação de causa e efeito entre o sangue e as qualidades que o tornam especial.

V4 (2005): Em V4, o articulador “por isso” volta a funcionar articulando os elementos em uma relação explicativa. Por ter sangue espanhol ela é rechonchuda. A pata velha precisa ser cumprimentada, em sinal do reconhecimento que animais e humanos lhe devem. Devido a esse reconhecimento, ninguém pode lhe fazer mal. Novamente está dito nas entrelinhas que existem, então, animais aos quais se pode fazer mal, aos quais não se precisa cumprimentar. Como a fábula utiliza animais para falar de comportamentos humanos, remete-se a pessoas

⁷⁵ Outro trecho da música, interessante para análise, diz: “as galinhas sérias, jamais tiram férias”. Então, as que tiram férias (deixam de pôr ovos) não são sérias...

que não precisam ser cumprimentadas, não têm importância.

A criança, destinatário do conto, em seu processo educacional, é constantemente colocada frente às questões do mundo, para que compreenda como a sociedade funciona, quem ocupa quais lugares e “quem pode o quê com quem”. A literatura, conforme já foi dito, participa ativamente desse processo, associada à Família e à Escola, de inculcar na criança as regras do funcionamento social para que ela se situe no mundo e o reproduza, mantendo a sociedade.

Através dessa sequência, pode-se analisar como a articulação do discurso transversal constrói o sentido. O funcionamento do discurso-transversal, coloca em relação causa-efeito os elementos que compõem o sujeito que se identifica com a formação discursiva, aquele que se oferece como espelho, aquele que o conto apresenta como uma figura respeitável e importante, que deveria servir de exemplo aos patinhos.

VERSÃO	QUALIFICAÇÃO DO SUJEITO (pata velha/pato grandalhão)	DISCURSO-TRANSVERSAL	RESULTADO
V1	velha; maior; sangue espanhol; maravilhosa; distinta;	por isso	- não pode ser vendida; - tem um valor enorme;
V2	grandalhão; nobre; descendência espanhola; emproado;	por isso	- honra; - tido em grande conta;
V3	mais velha; importante; sangue espanhol; valente; estupenda;	:	- ninguém vai acabar com ela; - respeito;
V4	velha; sangue espanhol; rechonchuda; especial;	por isso	- honra; -ninguém pode lhe fazer mal; - reconhecimento;

Através da articulação que traz o elemento transversal, que, na versão 3, é substituída por um sinal de pontuação - que indica que a explicação do que se disse antes virá em seguida -, as várias qualificações adjetivas da pata velha/pato grandalhão servem para demonstrar que uma pessoa importante precisa ter. Coloca que a característica especial, que a faz ser tratada com respeito e honra, é o sangue espanhol, construindo um sentido como se sangue espanhol fosse sangue nobre, que a criatura tem um sinal de distinção. Através dos adjetivos *maior (V1)*, *grandalhão (V2)*, *mais velha (V3)*, e *velha (V4)* o enunciado constrói o sentido de que é preciso primeiro crescer, ser grande, mais velho, para assumir as características

positivas da coluna 2 do quadro. A criança, a quem se dirige o conto, que precisa tornar-se um adulto orientado, deve se dirigir ao crescimento, e isso se faz reproduzindo a sociedade em que vive.

O elemento transversal implica, sustenta a relação com os dizeres que aqui se designou como resultado desse crescimento e dessa adequação da criança: não poderá ser vendida (V1), será tida em grande conta (V2), ninguém vai acabar com ela (V3), ninguém pode lhe fazer mal (V4). No enredo do conto, estando os animais presos em um galinheiro, ou cercado, sendo animais domésticos, criados para o trabalho do corpo, produzir ovos, leite, chega um momento na vida de qualquer animal desses, que para de produzir, e então vai para o abate, para dar sua carne ao sustento dos donos. A pata velha é marcada para que não a matem, para que não a confundam com outra. Suas qualidades especiais a impedem de servir de alimento para seus donos, é tratada de forma especial, assim como outros animais das histórias infantis, conforme referido acima. Trazendo esses sentidos para o processo educacional das crianças, é preciso que elas se comportem como seria esperado. É preciso que cresçam para encontrar a distinção, a nobreza, a valentia e se tornem especiais. Com isso estarão garantidas no mundo, serão reconhecidas por seu valor, e ninguém vai destituí-las de seu posto. Mais uma vez o funcionamento da ideologia na sociedade capitalista contemporânea joga para o sujeito a responsabilidade pelo seu futuro.

Outro efeito de sentido que pode-se apreender da SDR 3 é que o que diferencia a pata velha dos demais é algo aleatório, uma fita amarrada na perna. Os homens (patos) são iguais em essência, o que os diferencia é o poder que detém, seja através do dinheiro (atualmente) ou através de títulos de nobreza (na época das monarquias). Os nobres são respeitados por que o mundo é assim mesmo, é assim que as coisas funcionam (SDR 2), mas não por seus atos ou qualidades. São dois efeitos de sentido aparentemente contraditórios: um acerca da necessidade de se tornar especial através do crescimento e da aceitação das regras, de que se pode vencer no mundo ao se adequar a ele; outro sobre a diferenciação aleatória entre nobres e plebeus, capitalistas e trabalhadores, exploradores e explorados, que já está dada desde o nascimento. O conto mostra como fato consumado que o mundo é dividido (assim é o mundo, coisas da vida, o mais forte sempre vence, SDR 2), ao mesmo tempo em que traz uma saída para isso – o patinho transcende sua condição inicial. É o funcionamento da ideologia que, ao mesmo tempo em que inculca no sujeito que ele pode melhorar a sua condição de vida, que essa mudança depende apenas dele mesmo e de seu esforço; também marca o funcionamento do mundo dividido em classes.

Mas uma outra contradição se produz porque o destinatário do conto (a criança) também se divide em duas categorias: a criança que será um trabalhador e a criança que será um capitalista⁷⁶. Conforme a posição desse sujeito-criança, será chamado através de diferentes mecanismos sociais. O futuro trabalhador terá uma instrução para o trabalho, uma instrução técnica; o futuro capitalista se especializa, se escolariza para melhor “lidar” com os sujeitos trabalhadores. O mesmo conto produz sentidos para ambos sujeitos. É o que fala Pêcheux, na abertura de “Semântica e Discurso”, sobre as diferenças no manejo da língua francesa: “... 'vocabulários-sintaxes' e 'raciocínios' se enfrentam e conduzem, às vezes com as mesmas palavras, a direções diferentes, segundo a natureza dos interesses ideológicos colocados em jogo.” (PÊCHEUX, 1997, p.25)⁷⁷.

A forma como o discurso transversal faz a articulação entre os substituíveis é o funcionamento do preconstituído, fazendo com que os sentidos sejam percebidos como já definidos antes. Pêcheux (1997) fala sobre o preconstituído, como já foi dito, como uma construção anterior e exterior ao enunciado, o que é pensado anteriormente e exteriormente ao sujeito. O preconstituído é aquele elemento que aparece no discurso como universal, como se determinado sentido sempre tivesse sido constituído daquela forma, sendo um dos elementos fundamentais do interdiscurso, sua forma de “entrar” no discurso. A partir do recorte do interdiscurso em um domínio de memória, o preconstituído participa da construção dos sentidos possíveis das FDs. O conceito de interdiscurso – “o todo complexo com dominante” das formações discursivas (PÊCHEUX, 1997, p.162) – faz entender que nenhum discurso funciona, em sua constituição de sentidos e sujeitos, isoladamente, fechado em uma formação discursiva homogênea, harmônica. Ao contrário, embora haja uma dominância, uma formação discursiva matricial, articuladora, outros discursos são constantemente chamados a fazer valer os sentidos e auxiliar a sua constituição. Os saberes universais – saberes de todas as formações discursivas que estão no interdiscurso – quando recortados em uma memória, aparecem no discurso do sujeito como dizeres óbvios, sabidos por todos, e que o sujeito retoma em sua constante falação no mundo.

Sobre a apresentação das coisas do mundo e das relações entre os seres, pode-se trazer

⁷⁶ Lembrando sempre que não estamos falando em sujeitos individuais reais, mas de duas posições nas quais esses sujeitos se inscrevem.

⁷⁷ Pêcheux (1997) vai dizer, ainda, que a contradição se dá através de uma divisão discursiva que atua sob a unidade sistêmica da língua. Na formação social capitalista, a contradição lingüística se dá pela oposição entre a comunicação (lógica; necessidade de os homens se entenderem uns aos outros) e a não-comunicação (retórica; necessidade de os homens não se entenderem completamente, de manter “barreiras de classe” na comunicação).

relações com outras histórias da literatura infantil, em especial com aquelas que tem O Patinho Feio como memória. Por exemplo em um conto de Heloísa Seixas (2006), que trata do nascimento de uma ninhada de gatinhos, dos quais todos são lindos como a mãe, e o último é feio, comum. Uma menina escolhe justamente esse gatinho feio para amar e, quando ele cresce, se torna um gato muito bonito, parecido com os gatos de uma raça rara. É nessa história que encontra-se o seguinte enunciado:

*Não que fosse feio de verdade, mas é que os outros todos pareciam gatos de **raça**, e ele não. Ele parecia um gatinho **comum**, desses que andam pela rua virando latas.*

Esse enunciado produz também o sentido de apresentação do mundo, que a literatura infantil traz para as crianças, em seu processo educacional. A questão que diferencia o gatinho não é a feiúra, mas a raça. Entre os gatos, existem aqueles que são “de raça” e aqueles que são “comuns”, ou “vira-latas”. Essa sequência dialoga, mesmo fazendo parte de outro conto, com as sequências anteriores. Ao apresentar para a criança as “coisas do mundo”, o sujeito enunciativo da literatura infantil, que, como vimos, é bastante conservador, ou melhor, funciona predominantemente pela manutenção, conservação, coloca que existe uma diferença de qualidade entre as pessoas (os gatos). Naturaliza a diferença entre aqueles que tem raça e aqueles que são comuns, produzindo o sentido de que as coisas são assim mesmo, e que não poderiam ser diferentes. Como foi dito acima a respeito da ideologia, ela funciona justamente pela ocultação da verdade de que as coisas poderiam ser diferentes, que todos os gatos poderiam ser iguais, sem distinções.

Ao estabelecer uma diferença entre os “de raça” e os “comuns”, coloca que existem diferenças sociais, que isso é natural e não existe outro modo de ser. O preconstruído funciona como o impensado do pensamento, o enunciado apresenta a diferença entre um gatinho específico e ou outros todos, um é comum enquanto os outros são de raça. No entanto, já apresenta como anterior e exterior que “comum” e “de raça” são coisas diferentes, lugares diferentes.

O que interessa ao trazer essa sequência neste grupo organizado pela temática, é que não se trata mais de uma tradução ou versão do conto O patinho feio, mas de uma nova história que dialoga com ele. Poderia se pensar que apenas os contos tradicionais, as histórias mais antigas funcionassem predominantemente pela manutenção, e que as histórias modernas – em especial estas que se propõe como inversões⁷⁸ de contos clássicos – fossem mais voltadas a despertar na criança um espírito crítico. Isso é verdade e, ao mesmo tempo, não é.

⁷⁸ (in)versões.

Realmente, as obras contemporâneas da literatura infantil têm como proposta provocar a reflexão da criança, mas ao mesmo tempo não deixam de trazer esses elementos preconstruídos que retornam, como disse Pêcheux (1997), como *o impensado do pensamento*.

3.2 A Voz da Sabedoria

Nessa temática se agrupam quatro sequências que trazem conselhos e tentativas de convencimento e adequação de outras personagens sobre o patinho feio. Embora na temática anterior se tenha mostrado as coisas do mundo às personagens-criança, essa apresentação era feita mostrando os fatos do mundo de uma forma generalizada. Nas sequências seguintes, os conselhos das personagens que se constroem como mais sábias que o patinho, falam diretamente com ele, interpelando sob a forma “ei, você, é com você que estou falando”, tentando adequar o patinho àquilo que acreditam que seja o melhor para ele. A categoria principal da análise é a interpelação subjetiva.

SDR 4

V1: (1943-33) - *Não seja tolo e trate de agradecer aos céus a sorte que teve de encontrar gente boa como nós aqui. Tem uma casa confortável e devia aproveitar melhor a convivência com pessoas bem educadas, como nós.*

V2: (1958 M. Lobato) - *Não acaricie esses pensamentos loucos, meu filho; antes agradeça a Deus pelo acolhimento que teve aqui.*

V3: (1995) - *Pare de fazer bico, meu filho, e agradeça a hospitalidade e o carinho que lhe dão. Por acaso não foi recebido numa cozinha quentinha, não achou amigos que lhe ensinam as coisas da vida?*

V4: (2005) *Controle-se criança! Você deveria estar grato ao seu Criador por todas as coisas boas que já encontrou. Não foi bem recebido numa casa quente por pessoas que podem lhe ensinar alguma coisa?*

O que chama a atenção, em um primeiro olhar, são as formas diferentes que as 4 versões contam o mesmo diálogo. Enquanto V1 trata mais marcadamente do material, tenta convencer o patinho pelo aspecto material, que ele teve sorte em encontrar um lugar confortável para viver, se ele não aproveitar é um tolo; em V2 apela para o discurso religioso, espiritual, “agradeça a Deus pelo acolhimento”, em que o patinho é chamado “meu filho”, no

sentido de que os filhos de Deus serão acolhidos. A versão 3, por sua vez, apela para um discurso mais carinhoso, familiar, não faça birra filho, porque aqui você tem carinho, cozinha quentinha, aqui somos todos amigos. Já a versão 4 se coloca em tom imperativo, autoritário: controle-se! Alerta para o perigo de não se controlar, como uma ameaça.

Através do efeito metafórico, muda a forma de dizer para dizer o mesmo, encontramos aqui o movimento tenso entre a paráfrase e a polissemia de que fala Orlandi (2007). Na formulação dos sentidos, cada versão constrói de uma maneira diferente, mas em todas elas o diálogo tem o mesmo objetivo de convencimento. A galinha tenta convencer o patinho a se acomodar e a reproduzir as “coisas do mundo”, e ela só precisa fazer isso porque ele está escapando. Se não houvesse possibilidade de escapar, não haveria razões para os constantes movimentos de inculcação dos sujeitos, chamados a reproduzir a sociedade em que vivem. O processo de interpelação do sujeito, que se dá anteriormente ao mesmo sujeito, se mantém constantemente através da inculcação (pela família, pela escola, pela religião, pela literatura, pela mídia, etc.).

Nessa SDR, onde a galinha dá conselhos ao patinho para que se acomode e deixe de pensar em nadar e mergulhar no lago, a voz da galinha reproduz sentidos pertencentes aos domínios de saber da Formação Discursiva da Socialização da Criança, que trabalha em uma região de produção de sentidos em que são convocados os discursos material, religioso e familiar, com um funcionamento ora de convencimento pelo carinho, ora pela autoridade.

O discurso religioso, em cujos elementos de saber pode-se chegar pelas palavras *céus* (V1); *Deus* (V2); *Criador* (V4); faz parte do seu campo de significação. A fala da galinha traz o discurso cristão de que todo sofrimento neste mundo é válido, que é preciso conformar-se ao mundo como ele é, aceitar aquilo que se recebe como uma graça, uma bênção dos céus, pois a recompensa virá do Reino dos Céus, e que o ser humano deve ser grato ao que receber na vida. Os enunciados do conto relacionam-se com os dizeres da Bíblia, como na passagem abaixo:

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;” (Mateus; 5, 3-10).

Aqueles que choram serão consolados, os mansos herdarão a terra, os pacificadores, os

que sofrem, os que são injustiçados. Todo o sofrimento e a injustiça serão recompensados por Deus. A moral cristã se faz presente através da noção de que o sofrimento aproxima de Deus, que é preciso sofrer para dar valor ao que se conquista em vida, ou mesmo para ser feliz após a morte. Essa noção é produtora de conformação da classe oprimida, bem como de justificativa para a opressão e a exclusão. Como fala Hannah Arendt (2000, p. 43) “... por mais 'mundana' que se tornasse a Igreja, o que mantinha coesa a comunidade de crentes era essencialmente uma preocupação extraterrena.”⁷⁹

A religião é apresentada como algo acolhedor, familiar, carinhoso, já que entra em equivalência com esses adjetivos: em V1, V2 e V4, o patinho deve agradecer aos céus, a Deus e ao Criador, em V3 deve agradecer a hospitalidade e o carinho. No movimento de tradução da narrativa, as metáforas religiosas se tornaram metáforas familiares, indicando que ambos os registros discursivos atuam, neste discurso, de forma harmônica, que os sentidos religiosos e familiares entram em equivalência. Dentro do discurso religioso existem elementos de saber trazidos diretamente do discurso da família, das relações familiares, quando se apresenta Deus como o grande pai e Cristo como seu filho, irmão dos homens, que os trata como seus iguais, que os acolhe. O laço religioso muitas vezes traz enunciados esses sentidos, por exemplo, quando se fala em “irmandade cristã”, “irmãos em Cristo” ou “irmão espiritual”, “pai filho, espírito santo”, “sagrada família”, etc.

O discurso da socialização também se faz identificar pelas palavras ou expressões: *bem educadas (V1)*; *ensinam (V3)*; *ensinar (V4)*; que são elementos de sentido constitutivos desse discurso. A fala da galinha se coloca como espelho de sentidos da educação de crianças, que envolve família e religião. A criança é tomada como um pequeno “selvagem” que é preciso domesticar para que se torne um adulto bem educado. Trata-se de um processo de inculcação, não apenas de conteúdos (que não são ideologicamente neutros), mas das regras de convivência e da moral burguesa, cujos pilares são, entre outros (em especial o aparelho jurídico, como mecanismo de regulação social), a Escola, a Família, a Religião, que garantem a reprodução da ideologia dominante.

Ao invés de ação, a sociedade espera de cada um dos seus membros um certo tipo

⁷⁹ É o que também diz Shakespeare, pela boca de Hamlet (2001, p.56): “... quem suportaria os insultos e desdêns do tempo, a injúria do opressor, a afronta do soberbo, as angústias do amor desprezado, a morosidade da lei, as insolências do poder e as humilhações que o paciente mérito recebe do homem indigno, quando ele próprio pudesse encontrar repouso numa lâmina fria? Quem gostaria de suportar tão duras cargas, gemendo e suando sob o peso de uma vida afanosa, se não fosse o temor de alguma coisa depois da morte, região misteriosa de onde nenhum viajante jamais voltou, confundindo nossa vontade e impelindo-nos a suportar aqueles males que nos afligirem em vez de nos lançarmos a outros que desconhecemos?”

de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a “normalizar” os seus membros, a fazê-los “comportarem-se”, a abolir a ação espontânea ou a reação inusitada. (ARENDR, 2000, p.50)

É o que a galinha está fazendo com o patinho (e, por identificação, o que o sujeito do discurso está realizando em seu destinatário), impondo um tipo de comportamento aceitável, com suas regras de aceitação e convivência, para que ele faça parte da norma, para que se comporte (controle-se!), e tentando justamente abolir a diferença, a ação que não se espera, não se prevê.

O sujeito do discurso da socialização é aquele que não questiona a sociedade, que se procura manter através de ensinamentos dirigidos. A escola tem a tarefa de educar para o mundo, para a vida, para o trabalho. Segundo Pêcheux (1997) os conteúdos, bem como os sentidos reproduzidos pela escola, são ideologicamente marcados.

O reconhecimento desse ponto crucial nos permite compreender que todo efeito pedagógico se apóia sobre “o sentido” pré-existente, sentido este produzido em formações discursivas “sempre-já-aí e que lhe servem de matéria-prima (...) a transmissão-reprodução dos conhecimentos é identificada praticamente a uma inculcação. (PÊCHEUX, 1997, p.218)

Mas a inculcação, o adestramento da criança, para que se torne um adulto bem educado e bom reprodutor das regras sociais, não poderia deixar de ter o aparelho familiar⁸⁰ a seu serviço. A família – célula-máter da sociedade burguesa – trabalha os sentidos a partir do amor, do carinho, do acolhimento, bem como pela obediência (ao pai, ao professor). O convencimento do sujeito se dá através da voz da experiência, chamando, seduzindo, “olha como eu estou bem e feliz, você pode ficar assim também, basta aceitar as regras”. É a voz da maturidade, do adulto, do consenso.

Além disso a família, como se conhece hoje, se desenvolveu ao mesmo tempo, e como instrumento, da ascensão da burguesia e consolidação do modo de produção capitalista⁸¹. É na família, especialmente, que as crianças apreendem o funcionamento do mundo como algo natural, que não pode ser de outra forma. A família moderna também se torna a forma de manter a acumulação do capital nas mãos dos capitalistas, através da herança e dos filhos legítimos. Por outro lado, a família operária, conforme Marx (2008), é o local de “fabricação” das próximas gerações de operários.

⁸⁰ Quando se fala em Aparelho Escolar, Familiar, etc. está se fazendo referência à terminologia de Althusser em “Os Aparelhos Ideológicos do Estado”(1985), da forma como esta formulação é retomada em Pêcheux (1997), com relação às Formações Ideológicas.

⁸¹ Conforme se viu no segundo capítulo deste trabalho.

... a grande indústria converteu a autoridade paterna em dependência do maquinismo social, destinada a fornecer direta ou indiretamente crianças ao capitalista pelo proletário, que sob pena de morte tem que desempenhar o seu papel de abastecedor e de mercador de escravos. (MARX, 2008, p.146)

Segundo Hannah Arendt (2000, p.49), ao analisar o fenômeno do conformismo, a sociedade moderna se apresenta sob uma perspectiva familiar:

... a sociedade exige sempre que os seus membros ajam como se fossem membros de uma enorme família dotada apenas de uma opinião e de um único interesse. Antes da moderna desintegração da família, esse interesse comum e essa opinião única eram representadas pelo chefe da família, que comandava segundo essa opinião e esse interesse, e evitava uma possível desunião entre os membros de sua casa.

Através do oferecimento de segurança, conforto, carinho, nessa sequência, a família se coloca como esteio, como refúgio para o sujeito, o calor do lar (*cozinha quentinha*, V3; *casa quente*, V4). É nesse seio que ele se desenvolve e que seus padrões de interpretação do mundo são moldados. A fala da galinha traz elementos que produzem sentidos do discurso familiar: *casa confortável* (V1); *acolhimento* (V2); *hospitalidade* (V3); *carinho* (V3); *cozinha quentinha* (V3); *casa quente* (V4); O processo de acomodação pela família se dá através do convencimento, da convivência e oferecimento de um mundo seguro, de um falar que se envolve em tom de sabedoria, conforme coloca um dos educadores do século XVII:

... familiarizar-se com os próprios filhos, fazê-los falar sobre todas as coisas, tratá-los como pessoas racionais e conquistá-los pela doçura é um segredo infalível para se fazer deles o que se quiser. As crianças são plantas jovens que é preciso regar e cultivar com freqüência: alguns conselhos dados na hora certa, algumas demonstrações de ternura e amizade feitas de tempos em tempos as comovem e as conquistam. (GOUSSAULT, 1646; *apud* ARIÉS, 2006, p.104)

Além disso, as sequências apresentam duas definições: a do patinho (que se identifica como a criança a quem se destina a literatura infantil, e que deve tornar-se um adulto bem orientado) e a daqueles a quem a galinha representa em sua voz: o discurso educacional (reunindo Família, Escola e Igreja). O processo da adjetivação, sob uma perspectiva discursiva, pode ser tomado não como a ocorrência, mais ou menos pontual, da classe dos adjetivos, mas do processo de definição, de caracterização de um sujeito através do funcionamento metafórico.

De fato, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituições, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. (PÊCHEUX, 1997, p.263)

O funcionamento metafórico da adjetivação, nessa sequência, permite a relação dos

sentidos, como pode ser melhor visualizado no quadro a seguir:

VERSÃO	PATINHO FEIO	GALINHA
V1	toló	gente boa confortável bem educada
V2	pensamentos loucos filho	acolhedora
V3	faz bico filho	hospitaleira carinhosa quentinha amiga ensina
V4	criança descontrolada ingrato	coisas boas quente ensina

Ao lado da definição do patinho [que é] feio, no eixo vertical, apresentam-se as características (adjetivação como metáfora) da criança tola, descontrolada, que não sabe o que faz e o que quer. O patinho é chamado de “filho”. Filho de quem? Pela relação com os discursos que produzem os sentidos no processo de socialização, no seio do qual se constrói a literatura infantil, filho de uma família, alguém que pertence a uma família, ou filho de Deus, que segue os ensinamentos da família ou de Deus. É a atuação dos discursos familiar e religioso chamando esse ser feio para dentro de seus braços confortáveis e acolhedores. É uma promessa de apacramento de todo o sofrer, no Reino dos Céus, ou no ambiente familiar. No outro eixo, a adjetivação discursiva apresenta representações da Família (conforto, acolhimento, hospitalidade, abrigo), da Escola (educadas, ensinam, aprender) e da Religião (céus, Deus, Criador), relacionadas à personagem-galinha. E todos eles permeados por sentidos que os unem em uma mesma caracterização: são gente boa, oferecem carinho, são amigos, e representam o Bem. A adjetivação da galinha apresenta as características de um sujeito que se identifica com o seu lugar (bom sujeito), bem como os ganhos em repetir os comportamentos esperados.

Portanto, nessa sequência, o patinho está se rebelando contra o modo de ser do ambiente em que se encontra (se ele não estivesse se rebelando, a galinha não precisaria aconselhar), assim como só é preciso haver inculcação através do processo de socialização da criança porque há possibilidade de escapar. No entanto, não se pode dizer que se configure

como uma posição-sujeito contrária (contraidentificação ou mau-sujeito), porque está tentando constantemente ser um “bom menino”, está em busca de suas origens, de sua natureza. É no movimento de inadequação ou adequação ao ambiente social que se configura o patinho como feio ou belo.

Na sequência seguinte (SDR 5), apresentam-se duas posições-sujeito, a da galinha, que continua tentando convencer o patinho de que o modo de vida dela é o único correto, e a do patinho, que pensa em nadar, flutuar na água, desejos que não são desejos de galinha, mas de cisne.

SDR 5

V1: (1943-44) - Está doido? Você não tem o que fazer! É por isso que traz a cabeça cheia de caraminholas. Trate de pôr ovos ou de bufar. E assim se esquecerá de suas maluquices. – O patinho feio suspirou: - Ah! Mas é tão bom flutuar na água! É delicioso enfiar a cabeça bem no fundo, num mergulho...

V2: (1958 M. Lobato) - Todas essas fantasias vêm á sua cabeça porque você não tem serviço. Se estivesse fazendo alguma coisa, pondo ovo ou rosnando, não teria tempo de imaginar bobagens. – Mas é tão gostoso nadar, sentir a água fechar-se sobre nossa cabeça quando mergulhamos... explicou o patinho.

V3: (1995) - O que deu em você? – perguntou ela. – É tédio, você está com essas manias bobas porque está entediado. Ponha ovos ou ronrone que passa. – Mas é tão gostoso boiar na água! – disse o patinho. – É tão divertido enfiar a cabeça na água e mergulhar até o fundo!

V4: (2005) - O que há com você? – ela perguntou. – Você não sabe fazer nada, isso é o que há de errado com você! Comece a pôr ovos ou a ronronar e sua depressão acaba. - Mas é muito legal flutuar na água – explicou o patinho - , é gostoso mergulhar a cabeça até lá embaixo!

Pode-se dividir, a fim de análise, essa sequência em três partes:

Parte 1: V1: Doido/não tem o que fazer **por isso** tem caraminholas; V2: Fantasias **porque** não tem serviço; V3: Manias bobas **porque** está entediado; V4: Não sabe fazer nada, **isso é que** – está errado; A proposição explicativa (que reaparece em outras seqüências analisadas), articula os elementos formando uma relação de causa-efeito. Aquele que não tem o que fazer (não tem serviço, está entediado, não sabe fazer nada) tem, como consequência,

caraminholas na cabeça (é doido, tem fantasias, manias bobas, está errado). Da mesma forma, as caraminholas e fantasias tem como causa a falta do que fazer. O discurso que se faz presente aqui, através da fala da galinha, é o discurso dominante constatando algo que não está de acordo com o que deveria ser, a voz que fala contra o sujeito desocupado. A articulação coloca os elementos de saber em relação uns com os outros, traçando uma relação entre eles.

Parte 2: V1: pôr ovos ou bufar – esquecer maluquices; V2: pôr ovos ou rosar – não imaginar bobagens; V3: ponha ovos ou ronrone; V4: por ovos ou ronronar – depressão acaba. Na primeira parte, constrói-se o sentido de que algo estava errado com o patinho, que essas fantasias e manias bobas são algo errado, e tem como causa a falta de atividade. Nessa segunda parte, a galinha dá a solução para isso que se constatou estar errado, chamando para o trabalho e para a aceitação das regras e do funcionamento social. O que marca a diferença entre o discurso do patinho e o discurso da galinha é que o cisne é uma ave migratória, livre, que pode se deleitar com mergulhos e flutuações, enquanto a galinha é um animal doméstico, que tem uma função específica de colocar ovos. No funcionamento das “coisas do mundo”, para uma galinha, se envolver em fantasias seria uma tolice, um risco para a sua vida. É nesse sentido que se aconselha o patinho, pois é esse o funcionamento que ela conhece.

Parte 3: Essa é parte do enunciado que apresenta o discurso da dúvida, do agito, através do articulador **mas**. O **mas** abre para a contradição, para o questionamento dos sentidos. “eu entendo tudo isso que você está dizendo, mas...” Após o **mas** a sequência apresenta: V1: bom, delicioso; V2: gostoso; V3: gostoso, divertido; V4: legal, gostoso; E o patinho ainda *suspira* (V1). O **mas** abre espaço para um outro sujeito falar no enunciado, dando entrada a um movimento de contestação do discurso anteriormente pronunciado. A galinha fala e produz sentidos conforme as necessidades da sociabilidade em que vive, enquanto o patinho coloca uma possibilidade de vida não pautada pelo trabalho, mas pelo prazer, pela fruição, pelo suspirar... identificado ao lugar dos cisnes e não ao lugar da galinha. Para o discurso do trabalho, do qual a galinha é porta-voz, o patinho é desocupado, fica suspirando, e é o trabalho que acaba com as maluquices.

Temos, nesse enunciado, duas vozes e duas posturas se opondo: a galinha, falando do lugar da sabedoria, da razão, do trabalho, da utilidade; e o patinho falando do prazer e do gozo, da fruição, da fantasia. Em todo discurso a contradição está presente, e há sempre esse movimento pelos sujeitos de aceitação, reprodução e transformação das condições de sua existência, no entanto, a posição dominante nesse discurso (da literatura infantil) é a posição

conservadora. A história do patinho mostra que é possível sonhar, suspirar, não se envolver em questões práticas da vida, mas que isso traz sofrimento.

O sujeito do discurso é porta-voz de uma contradição inerente à sociedade dividida em classes, existem posições diferentes e possibilidades diferentes para sujeitos diversos. Sendo assim é necessário, para manter os sujeitos em seus lugares, desse processo constante que Pêcheux chama de “inculcação”, do qual a literatura infantil é um entre os instrumentos e que, do ponto de vista sobre a criança, chamamos nesta pesquisa de processo de socialização, que é o processo que constrói as diferenças entre as pessoas do mundo como se fossem naturais.

Penetração que se opera “por si só”, e, ao mesmo tempo, *inculcação* que trabalha conscienciosamente sobre o resultado dessa penetração para “se acrescentar a ela”, de modo que, no total, cada “sujeito” saiba e veja que as coisas são realmente assim. (PÊCHEUX, 1997, p.224)

O constante processo de inculcação que as práticas discursivas produzem nos sujeitos se acrescenta constantemente à interpelação ideológica, que é anterior ao sujeito, através do preconstruído que traz as “coisas do mundo” como fatos e dos conselhos que a voz da sabedoria, da experiência, coloca para o patinho, chamando para que ele se identifique e compreenda que as coisas são como são, e que ser diferente traz sofrimento.

Apesar do enunciado estar dividido em duas posições sujeito diferentes, não se compreende que se possa falar aqui de duas formações discursivas dividindo o enunciado. Trata-se de uma mesma Formação Discursiva da Socialização da Criança, mas enquanto a galinha se coloca como a verdade, identificada a esse processo de socialização da sociedade capitalista, de manutenção e aquietação do sujeito explorado, o patinho fala de um outro lugar, que no momento é de questionamento, pois ele está no mundo da galinha, mas que diz da sua natureza. Afinal, ele é um cisne e não uma galinha. Sendo a posição da galinha a dominante na sequência, a posição do patinho se configura aqui como contradiscurso.

O “mas” serve como marcador discursivo para linearizar, sintagmatizar esses elementos dessemelhantes no fio do discurso. A posição-sujeito contraidentificada faz trabalhar a forma-sujeito, pois permite que saberes diferentes sejam trazidos para dentro do discurso, trazendo outras vozes – a contradição – para o interior da formação discursiva. São esses movimentos que fazem com que, volta e meia, novos sentidos possam ser produzidos no interior das formações discursivas e que elas não possam ser vistas como um conjunto fechado de dizeres, recortado definitivamente do interdiscurso, mas um espaço dinâmico de formação de sentidos.

O sujeito identificado de uma formação discursiva pode ser o que se contraidentifica

com outra, pois quando o sujeito chega a se desidentificar (terceira possibilidade, além da identificação e da desidentificação) de uma formação discursiva, já está falando a partir de outra; ou ainda no interior mesmo de uma formação discursiva, por seu caráter heterogêneo, pode ser investido como discurso ou contradiscurso.

... todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida,... (PÉCHEUX, 2006, p.56)

Enfim, o discurso é tanto efeito da identificação aos sentidos da formação discursiva, quando trabalho de reformulações e deslocamentos, ressignificações de sentidos. No interior da Formação Discursiva Educacional a posição-sujeito dominante é a que reproduz a sociedade dividida em classes e a necessidade do trabalho para a sobrevivência. No entanto outras posições, como a do patinho, produzem questionamento dessas necessidades.

Retomando a sequência:

V1: (1943-44) - *Está doido? Você não tem o que fazer! É por isso que traz a cabeça cheia de caraminholas. Trate de pôr ovos ou de bufar. E assim se esquecerá de suas maluquices. – O patinho feio suspirou: - Ah! Mas é tão bom flutuar na água! É delicioso enfiar a cabeça bem no fundo, num mergulho...*

V2: (1958 M. Lobato) - *Todas essas fantasias vêm á sua cabeça porque você não tem serviço. Se estivesse fazendo alguma coisa, pondo ovo ou rosnando, não teria tempo de imaginar bobagens. – Mas é tão gostoso nadar, sentir a água fechar-se sobre nossa cabeça quando mergulhamos... explicou o patinho.*

V3: (1995) - *O que deu em você? – perguntou ela. – É tédio, você está com essas manias bobas porque está entediado. Ponha ovos ou ronrone que passa. – Mas é tão gostoso boiar na água! – disse o patinho. – É tão divertido enfiar a cabeça na água e mergulhar até o fundo!*

V4: (2005) - *O que há com você? – ela perguntou. – Você não sabe fazer nada, isso é o que há de errado com você! Comece a pôr ovos ou a ronronar e sua depressão acaba. - Mas é muito legal flutuar na água – explicou o patinho - , é gostoso mergulhar a cabeça até lá embaixo!*

A galinha se coloca no lugar da Verdade, e, como tal, não admite como verdadeira a

opinião ou o comportamento diferente⁸². A galinha dá conselhos ao patinho feio, mostrando-lhe como o mundo funciona, tentando fazê-lo compreender as “coisas do mundo”. O sentido de infância é construído, na literatura infantil (por seu comprometimento com o processo de socialização), como de alguém despreparado, que precisa ser ensinado, guiado e moldado para o bom caminho. Pode-se dizer, então, que o sujeito a quem se dirige o discurso da literatura infantil é a criança, em formação, mas o sujeito desse discurso é o adulto educador, investido da função de guia do desenvolvimento humano, direcionado a manter a sociedade através da formação dos sujeitos necessários à sua reprodução.

Unindo as duas sequências analisadas acima (SDR 4 e SDR 5), pode-se traçar um paralelo entre as designações que atingem o patinho (a criancinha que precisa aprender) e a fala de quem sabe, quem ensina. O discurso da socialização se faz identificar de modo muito forte nesses enunciados – o de que se trata é de ensinar a um indivíduo seu lugar de sujeito (pertencente a uma ordem). A criança é tola, tem pensamentos loucos, faz bico (birra), e precisa aprender a ser boa gente, bem educada, para ter acolhimento, carinho e amigos. O contradiscurso aparece, por contradição, através dos adjetivos que o patinho usa para descrever o seu prazer de mergulhar na água: é gostoso e divertido (e suspira). Agita uma formulação aparentemente fechada e permite o questionamento. Ser criança, desocupado, imaginar bobagens, então, também tem algo de bom? Mas é preciso abandonar essas fantasias tolas de “gostosuras e bobices” para garantir um mundo seguro e confortável, e para se afastar do tédio e da depressão. A criança é negada para dar lugar ao adulto, trata-se de uma criança que é convidada constantemente a crescer⁸³ e aceitar a sociedade, as coisas como elas são. O sujeito adulto é o espelho para o sujeito que está sendo interpelado, capturado pelo sujeito ideológico. A galinha se apresenta como espelho para o patinho, “afaste-se das maluquices e se torne uma pessoa educada, pois receberá assim somente vantagens” (acolhimento, conforto, carinho, amigos..).

⁸² “É que narciso acha feio o que não é espelho (...) afasto o que não conheço.”

⁸³ São várias as histórias clássicas que convidam a criança ao crescimento, como exemplo o conto “Os três porquinhos”, em que cada porquinho age de uma forma diferente, e o caminho progressivo leva da irresponsabilidade de construir uma casa de palha, até o meio termo de uma casa de madeira, que ainda não protege, culminando em uma casa construída solidamente, com tijolos e cimento. É preciso crescer, ter responsabilidade, planejar suas ações e saber esperar o tempo certo para a fruição – “primeiro o dever, depois o prazer”.

PATINHO/ CRIANÇA	GALINHA/ADULTO
doido, tem caraminholas na cabeça, maluco, tolo (V1); fantasia, imagina bobagens, tem pensamentos loucos (V2); tem manias bobas, faz bico (V3); criança descontrolada (V4)	gente boa, , bem educada (V1); carinhosa, quentinha, amiga (V3); coisas boas, quente (V4)
não tem o que fazer (V1); não tem serviço (V2); entediado (V3); não sabe fazer nada, deprimido (V4)	confortável (V1); acolhedora (V2); hospitaleira (V3)
errado, ingrato (V4)	ensina (V3); ensina (V4)
suspira, bom, delicioso (V1); gostoso (V2); gostoso, divertido (V3); legal, gostoso (V4)	

Para se tornar um adulto adequado, adaptado ao mundo, a criança precisa deixar as características da infância. É o convite do conto para o crescimento, pois continuar nos comportamentos infantis ao crescer formaria um sujeito que não reproduz a sociedade. O mau-sujeito se envolve em fantasias e imaginações, não tem o que fazer, mas isso é ruim (errado), pois o deixa entediado. O bom-sujeito é boa gente, educado, quente, amigo. Oferece uma compensação pela perda do prazer do suspiro: sua amizade, o acolhimento. O adulto é esse bom-sujeito que pode ensinar a criança a assumir um lugar adequado no mundo. A análise permite questionar: a quem serve/interessa que as coisas se passem desse jeito, que a criança, em seu processo de maturação, aceite e reproduza os sentidos preestabelecidos e assumo o “seu” lugar? Responde-se: à Formação Ideológica Dominante, do ponto de vista do Capital⁸⁴.

A expressão “não tem serviço” remete a, no mínimo, três possibilidades de sentido dentro da linha que se está analisando: serviço pode levar a servir, servilismo... à condição de servo, serviçal, daquele que obedece. “Você não tem serviço”, você não serve ao seu senhor, não trabalha como deveria, não se submete a um patrão; pode também levar a servir como “prestar”, “valer”, “você não tem serviço”, não presta para nada... não vale nada, pois não está fazendo nada em termos produtivos, não tem utilidade, préstimo, serventia; ou ainda “não tem serviço”... não serve, não se enquadra, não se encaixa no sistema.

A fala da galinha coloca a questão do trabalho como saída para não pensar em

⁸⁴ Conforme definição de Amaral (2007), que diferencia duas grandes Formações Ideológicas na sociedade capitalista: uma do ponto de vista do Capital (dominante) e uma do ponto de vista do Trabalho.

bobagens, é preciso que os trabalhadores ocupem o seu tempo com trabalho ou com instrução para o trabalho, para não se aventurarem no âmbito das idéias, é o que acredita a galinha. Aquele que tem o seu dia ocupado com o trabalho não tem tempo para a depressão e o tédio, nem para ansiar e sonhar.

Entra como preconstruído que esses sentimentos e pensamentos do mundo da fruição (delicioso, bom, gostoso, divertido, legal) pertenceriam a um outro grupo de seres. Animais como a galinha, animais domésticos, vivem no mundo do trabalho, enquanto os cisnes, animais migratórios, livres, podem desfrutar dos prazeres. A produção de sentidos se refere à sociedade dividida em classes, e às possibilidades que cada sujeito, ao se reconhecer e se identificar com o lugar que ocupa, pode ter para falar e significar.

Sobre isso, Pêcheux (1997), falando sobre as formas combinatórias da Lógica e da Retórica, nos diz que as crianças (assim como os operários, os trabalhadores) são tratadas – em termos de comunicação – com um realismo concreto, ou seja, só compreenderiam o que é concreto, sendo-lhes ensinado apenas o essencial para se situarem no mundo, e não para o transformarem.

A retórica do concreto e da situação “fala” às crianças (e aos operários que, como todo mundo sabe, são “crianças grandes”!) e os alça, com dificuldade, até o “essencial”, isto é, até o indispensável que é necessário saber para se situar utilmente, para evitar a confusão de tudo. (PÊCHEUX, 1997, p.27)

A galinha, como analisado acima, chama para o trabalho, trata-se de uma aprendizagem, de um processo educacional, uma preparação para aceitar e reproduzir as relações de trabalho e a formação social capitalista, que vive da exploração do trabalho. O processo de interpelação do sujeito, chamado a ser sujeito pela ideologia, se dá no momento mesmo da constituição desse sujeito, e da sua constituição em lugares ou posições desde antes definidos historicamente. Mas, como “O Patinho Feio” mostra, sempre há uma possibilidade de rebeldia à essa determinação.

Do lado das relações sociais, a ideologia é um processo que produz e mantém as diferenças necessárias ao funcionamento das relações sociais de produção em uma sociedade dividida em classes, e, acima de tudo, a divisão fundamental entre trabalhadores e não trabalhadores. Neste caso, a ideologia tem como função fazer com que os agentes da produção reconheçam seu lugar nestas relações sociais de produção. (HENRY, 1997, p.24)

O agenciamento dos lugares a serem ocupados, no processo de exploração do trabalho que caracteriza a sociedade capitalista, se dá antes mesmo da existência dos sujeitos-falantes. Então, se poderia perguntar: se o lugar já está dado de princípio, qual a função da educação,

desse processo de “adestramento” que envolve a criança? É justamente porque o ritual da interpelação ideológica tem falhas, porque o sujeito tem a possibilidade de se contraidentificar, de se rebelar, abrindo espaço para a dúvida, para o contradiscurso, que existem mecanismos de manutenção ideológica⁸⁵, sendo a Escola, a Família e a Religião alguns desses mecanismos.

No entanto, mesmo colocando um questionamento no enunciado, através da adversativa “mas”, o patinho não se constitui como um contradiscurso. Ele fala de um outro lugar, e está constantemente tentando se encontrar, ser um bom menino. Ele não se rebela e não modifica os sistemas de regras dos locais onde passa (o galinheiro e a casa da velha), apenas percebe que não se enquadra e segue adiante, em sofrimento até encontrar o seu lugar entre os iguais, da mesma espécie. O contradiscurso da Formação Discursiva da Socialização da Criança aparece na sequência seguinte (SDR 6), onde o jovens gansos tentam “aliciar” o patinho para a vida selvagem.

SDR 6

VI: (1943-44) Ficou lá durante dois dias. Dois gansos selvagens vieram falar-lhe. Eram ainda novinhos e, portanto, muito vivos e despachados.

- Camarada, você é tão feio que sua feiúra nos atraiu! Gostamos de você. Quer vir para nossa companhia e tornar-se uma ave nômade? Há aqui perto outro brejo com encantadores gansos selvagens. Há cada senhorinha tão linda, que você nem pode imaginar. São muito bondosas e terão compaixão de sua feiúra.

Bem nesse momento ouviram dois tiros: Pum!... Pum!... Os dois gansos selvagens tombaram mortos no chão, entre os caniços, e a água ficou toda tingida de sangue vermelho.

V2: (1958 M. Lobato) Dois dias ali ficou, ao fim dos quais se encontrou com dois gansos ainda novos e por isso mesmo muito petulantes.

- Olá amigo, você é tão feio que até dá dó! disse um deles. Mas no brejo vizinho moram umas gansinhas muito dengosas que talvez queiram casar-se com você. Por que não tenta isso?

Nesse momento dois tiros cortaram os ares e os dois gansos caíram mortos na água, que imediatamente se tornou vermelha.

V3: (1995) O patinho passou dois dias inteirinhos no meio dos juncos. No terceiro

⁸⁵ Que Althusser (1985) chamou de Aparelhos Ideológicos do Estado, atuando em conjunto com os Aparelhos Repressivos do Estado.

apareceram dois gansos selvagens. Eles tinham saído da casca poucas horas antes, por isso estavam tremendamente orgulhosos de si.

- Ei, amigo! - disseram. - Você é tão feio que estamos simpatizando com você. Você não quer ser nosso companheiro e virar ave migratória? Há um outro pântano não muito longe daqui onde vivem muitas gansas selvagens, essas criaturas doces e encantadoras, todas elas solteiras e todas craques na arte de dizer “quí”. Feio desse jeito, imagine o sucesso que você ia fazer!

- Bang! Crac!

De repente ouviu-se um estrondo e os dois gansos selvagens caíram mortos entre os juncos.

V4: (2005) Dois dias depois os gansos selvagens chegaram. Eles eram machos, muito jovens e, portanto, muito petulantes.

- Ei, amigo – eles grasnaram. – É tão feio que gostamos de você. Por que não migra conosco? Conhecemos umas garotas legais, gansinhas bem atraentes, num lago não muito longe daqui. Elas vão fazer você dizer “quí!”. Talvez encontre a felicidade, embora seja tão feio!

Bangue! Bangue! Os tiros soaram acima deles, e dois gansos selvagens caíram mortos no bambuzal. A água ficou vermelha de sangue.

A relação construída na primeira parte do enunciado produz uma relação de sentidos articulada pelo elemento explicativo (portanto/por isso), funcionando como discurso-transverso, produzindo efeito de sustentação, como se pode ver no quadro a seguir:

V1	selvagens novinhos	portanto	vivos despachados
V2	novos	por isso	petulantes
V3	selvagens recém saídos da casca	por isso	orgulhosos
V4	selvagens machos muito jovens	portanto	petulantes

Aqui podemos trabalhar com a questão de efeitos de sentido, nas suas duas formas fundamentais, segundo Pêcheux (1997): a equivalência e a implicação. Na implicação entra

em jogo o discurso-transverso, que aqui definimos como o elemento “portanto”/”por isso”, que faz a ligação entre: *selvagens, novos, jovens, recém-nascidos* (saídos da casca); com: *orgulhosos e petulantes, vivos e despachados*. A expressão “portanto”/”por isso”, aqui, recebe sentido explicativo-lógico. Sobre isso, diz Pêcheux:

...a proposição explicativa (que, como salienta Frege, pode, entre outras possibilidades, ser parafraseada por uma subordinada introduzida por “porque”) intervém como suporte do pensamento contido em uma outra proposição, e isso por meio de uma relação de implicação entre duas propriedades, α e β relação essa que enunciamos sob a forma “o que é α é β ”. Daremos a essa relação o nome efeito de sustentação, destacando que é ela que realiza a articulação entre as proposições constituintes. (PÊCHEUX, 1997, p.110).

Cria-se assim uma relação de causa – efeito através do “portanto”/”por isso”, como se todos os machos jovens fossem selvagens, por equivalência, e petulantes, por implicação, ou ainda, por retroação, que a petulância e o orgulho são características exclusivas da juventude. Aqui adentra-se um dos sentidos de juventude, efeito de sentido, relacionado ao infantil enquanto ignorante das coisas do mundo⁸⁶. É um sentido análogo a quando, querendo falar da atitude irresponsável de alguém, se diz: “Ele(a) é infantil”. Como já foi analisado nas sequências anteriores, a pata apresentando o mundo, explicando-o às suas crianças, aqui a história continua essa apresentação, aos jovens, a esses “estúpidos” que não conhecem bem as coisas do mundo, como ele funciona, e, “por isso mesmo” se envolvem em iniciativas de revolta, tentando modificá-lo. Lembrando sempre que a literatura infantil tem como destinatário a criança, e como objetivo formar o indivíduo, educá-lo. Então se é assim... podemos pensar que o sentido de infantil como ignorante, e de sabedoria associada à idade, refere-se, entre outras possibilidades, à relação entre adultos e crianças, conforme já comentamos em análise acima.

Desta forma, a relação entre juventude (infantilismo) e petulância, ousadia, revolta, torna-se, no texto, efeito de evidência de sentido. Ora, é evidente também que a revolta ocorre, por exemplo, nos movimentos estudantis e de operários, não por uma injustiça crucial do sistema de produção, da opressão ou dos lugares sociais, da exploração do trabalho, mas sim pela irresponsabilidade e sugestionabilidade da juventude e da classe trabalhadora...⁸⁷. A “origem” da revolta da juventude infantilizada não é, segundo esse efeito de sentido, contra as injustiças e a ordem social, mas sim por uma característica dos indivíduos que compõem as

⁸⁶ A teoria psicanalítica, que atualmente não deixa de fazer parte do domínio de saberes da Formação Discursiva Educacional, já traçava, desde Freud (1996, Vol. XVIII), a relação entre os povos primitivos e as crianças.

⁸⁷ Que também é relacionada ao infantil, como já citamos em Pêcheux.

massas revoltadas, e que se busca apagar, congelar, "adultizar", adulterar.

O patinho sai do galinheiro, o lugar dos animais doméstico, domesticados⁸⁸, criados para o abate, que fazem do próprio corpo o instrumento de trabalho e de sobrevivência, e chega até onde vivem os patos selvagens⁸⁹, a natureza não humanizada, bárbaros, primitivos, que não pertencem a uma ordem.

O processo de socialização da criança, no seio do qual se consolida a literatura infantil, é um processo onde as relações para a manutenção/reprodução da ideologia dominante e dos sentidos preestabelecidos é maior do que para a sua transformação. É o que as autoras Zilberman e Magalhães (1987) perguntam em seu trabalho: trata-se, na literatura infantil, de autoritarismo ou de emancipação? Embora a maior parte da literatura infantil tenha como característica principal o autoritarismo (a manutenção da relação de dominância do adulto sobre a criança), segundo a pesquisa das autoras citadas, existem obras que tendem mais para a emancipação do sujeito-criança. Algo para dizer que sempre há uma brecha, uma falha no ritual, se não para a subjetividade, mas para a transformação da forma-sujeito, ou seu desdobramento⁹⁰.

Pode-se remeter, então, ao dizer de Sartre (1993, p. 13) sobre os poetas: “O homem que fala está além das palavras, perto do objeto; o poeta está aquém. Para o primeiro, as palavras são domésticas; para o segundo, permanecem em estado selvagem.” Os poetas, por “brincarem” com as palavras (metáforas), foram inúmeras vezes comparados às crianças, e vemos então novamente a oposição entre doméstico e selvagem, o selvagem como inumano, não pertencente à ordem da humanidade, como volta a trazer Sartre (p.14): “O poeta está fora da linguagem, vê as palavras do avesso, como se não pertencesse à condição humana...”. A criança é como o poeta, pois cria realidades metafóricas em sua imaginação, e para a fantasia não existe apenas um mundo⁹¹. “Nada da poesia é estranho à língua. Nenhuma língua pode

⁸⁸ Domesticação: s.f. 1. Amansamento ou adestramento de animais para convívio doméstico 2. Transformação de uma espécie selvagem em espécie submissa à exploração do homem, para o fornecimento de produtos ou serviços.

Doméstico: adj. (lat. *Domesticus*, de casa, do lar). 1. Relativo à casa ou à família, familiar. 2. Animais domésticos, por oposição aos selvagens, os que vivem e se criam em ambiente humano 3. Indivíduo que trabalha em casa de outro mediante retribuição, criado. (*Larousse Cultural – Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1992)

⁸⁹ Selvagem: que se manifesta numa natureza não humanizada; agreste; silvestre; incivilizado; primitivo; bárbaro; deserto; inculto; grosseiro; rude; intratável; mal-educado. (*Larousse Cultural – Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1992)

⁹⁰ Os dizeres da personagem “Emília”, de Monteiro Lobato (1962), são o que se poderia chamar de dizeres emancipatórios, como exemplo.

⁹¹ “Lili vive no mundo do faz-de-conta... Faz-de-conta que isto é um avião. Zzzzuuu... Depois aterrissou em piquê e virou trem. Tuc tuc tuc tuc... Entrou pelo túnel, chispando. Mas debaixo da mesa havia bandidos. Pum! Pum! Pum! O trem descarrilou, E o mocinho? Onde é que está o mocinho?! No auge da confusão, levaram Lili

ser pensada completamente se aí não se integra a possibilidade da poesia” (PÊCHEUX, 1990, p.51).

Para a AD, nenhuma palavra, proposição ou expressão tem um sentido literal, fechado em si mesmo (PÊCHEUX, 1997), mas sempre se relaciona com outras palavras, proposições ou expressões, através do processo metafórico (substituições, paráfrases, sinonímias), ou seja, uma mesma palavra pode receber sentidos diferentes de acordo com a formação discursiva na qual se insere, bem como palavras diferentes podem cumprir a mesma função semântica no interior de uma formação discursiva. Por isso é que Pêcheux não fala em sentido literal, mas em efeitos de sentido.

Pode-se pensar que os sentidos, dentro de uma dada formação discursiva, funcionam de forma análoga à noção de campo semântico⁹², por exemplo, nos sentidos analisados, a relação selvagem... jovem... infantil... orgulhoso... inadequado... tolo... inexperiente... onde as palavras mantém, umas com as outras, uma relação de significação. No entanto, enquanto o campo semântico apresenta uma homogeneidade mais concreta, sendo as formações discursivas heterogêneas, essa relação dos sentidos produzidos em seu interior funciona, o tempo todo, em um movimento tenso e complexo de homogeneidade e heterogeneidade (paráfrases e polissemias, metáforas e metonímias).

A identificação (imaginária) do sujeito consigo mesmo (efeito ideológico elementar) é também, conforme Pêcheux (1997) uma identificação com o outro, criando um efeito de intersubjetividade que se caracteriza pelo consenso, convivência, cumplicidade. Por que os indivíduos, investidos enquanto sujeitos, refletem e concordam entre si? Pêcheux fala da intersubjetividade como efeito da identificação às formações discursivas e o espelhamento (a convivência e cumplicidade dos sentidos) que daí decorre.

Nessa perspectiva, o autocomentário pelo qual o *discurso do sujeito* se desenvolve e se sustenta por si mesmo (ao se articular por “incidentes” que – como acabamos de ver – sintagmatizam elementos substituíveis) é um caso particular dos fenômenos de paráfrase e de reformulação (como forma geral de relação entre substituíveis) constitutivos de uma formação discursiva dada, na qual os sujeitos por ela dominados se reconhecem entre si como espelhos uns dos outros... (PÊCHEUX, 1997, p.167)

Além disso, pode-se analisar a forma como os gansos selvagens tentam chamar o patinho a ser um deles – interpelar. Através da invocação “camarada/olá amigo/ei amigo”,

para a cama, à força. E o trem ficou tristemente derrubado no chão, fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.” (QUINTANA, 2003, p.10)

⁹² Chama-se campo semântico a área coberta, no domínio da significação, por uma palavra ou por um grupo de palavras da língua. (DUBOIS, 1973, p.532).

eles chamam, no sentido do que Pêcheux (1997) fala sobre a interpelação, sobre o efeito ideológico elementar, que é o efeito-sujeito. É evidente que a interpelação “Ei, você aí.”, produz no sujeito a identificação consigo mesmo, que o faz responder e compreender que “ele é ele mesmo”. Através desse chamado, os gansos estão dizendo: “é com você que estamos falando”. Em seguida, os gansos vão tentar convencer o patinho de que a sua feiura não é tão ruim assim, vão ressignificar o sentido de feiura:

V1	FEIO	atrai; gostamos de você
V2	FEIO	dá dó
V3	FEIO	simpático; sucesso
V4	FEIO	gostamos de você

Em V1 (1943-44), a desconstrução do sentido de feiura se dá porque o feio se torna atraente, e faz com que os gansos gostem do patinho. Através do funcionamento do enunciado, o sentido de feiura se constrói como o seu contrário, a atratividade. O que os gansos estão dizendo ao patinho é que o que é feio para os outros, para eles é atraente. Os animais do galinheiro, de onde o patinho fugiu, eram animais domésticos, estes são selvagens. O patinho é um marginalizado, não se enquadrava na forma-sujeito do galinheiro, agora recebe a tentativa de enquadramento em uma outra forma-sujeito – de animal selvagem, ave nômade, sem raízes, sem lugar fixo. A sedução se dá por uma promessa de felicidade, de que as gansas bondosas tenham compaixão da sua feiura, e de encontrar “camaradas” que gostem dele.

Em V2 (1958 M. Lobato), os gansos aceitam e convidam o patinho a seguir com eles porque sentem pena (dá dó), o feio é digno de pena, não é atraente, como em V1, mas também não é tratado com a crueldade do galinheiro. Também ressignifica o sentido de feiura que o próprio conto estava construindo através do tratamento que o patinho recebeu no galinheiro, de que a feiura merece ser castigada e maltratada. Para os gansos, o que o feio merece é dó. “Ter dó” é se doer por alguém, se colocar no lugar do outro e imaginar seu sofrimento. Os gansos se colocam em um lugar amigável para o patinho.

A interpelação já se dá de forma amigável (olá amigo). Os gansos acenam com uma aceitação mais comedida que a anterior (em V1), mas também permitem o vislumbre de uma situação favorável com as gansas “dengosas”. O convite se dá pela pergunta: porque você não tenta isso? Não há uma promessa de felicidade, mas se produz o sentido de que o patinho já

foi tão maltratado e rejeitado, que não tem nada a perder, não custa tentar.

Em V3 (1995), novamente ele é interpelado como amigo (ei amigo), é chamado a ser amigo, a fazer parte, a ser companheiro. A fala dos gansos é colocada de forma diferente do que “era de esperar”: se acharia natural dizer “você é feio, apesar disso gostamos de você”, onde o feio seria uma qualidade negativa; mas, na resignificação que os gansos fazem da feiura para trazer o patinho para o seu bando de aves migratórias, produzem “você é tão feio que estamos simpatizando com você”. O elemento transversal “tão que” produz a relação de implicação entre as partes do enunciado, resignificando o sentido de feiura. Essa resignificação se dá no sentido de aceitação da feiura pela benevolência, pela compaixão.

A sedução pelo oferecimento das fêmeas coloca as características do feminino que a sociedade construiu, enquanto imaginário – doces e encantadoras – além disso são solteiras (estão disponíveis) e craques na arte de dizer quá. Enquanto “doces” e “encantadoras” se referem ao feminino em geral, “solteiras” e “craques na arte de dizer quá” se referem a um tipo específico de fêmeas, que, como os gansos, também são selvagens, não tem compromisso, não tem raízes. São mulheres que podem gostar do patinho, mesmo ele sendo feio. A imagem da mulher-prostituta é trazida aqui pelo elemento “craque” - especialista, na arte de dizer quá, que dialoga com o preconstruído sobre a “arte do amor”, “craque na arte do amor”.

Já em V4 (2005), além da interpelação amigável (ei amigo), da resignificação da feiura para os gansos (é tão feio que gostamos de você), do convite a fazer parte do grupo (por que não migra conosco?) e do oferecimento de mulheres (legais, atraentes, vão fazer você dizer quá), o enunciado traz uma frase que deixa escapar, no discurso dos gansos, que a feiura não é sinônimo de coisas boas, como eles vinham prometendo ao patinho. “Talvez encontre a felicidade, embora seja tão feio.” A felicidade que o patinho poderia conseguir estando com eles não é uma certeza (talvez). Ainda, a felicidade é colocada em oposição à feiura, através do elemento articulador “embora”.

Pêcheux (1997) pensava o intradiscurso formado pelo interdiscurso enquanto preconstruído (o impensado do pensamento) articulado pelo interdiscurso enquanto discurso-transverso (o retorno do saber no pensamento). Nesta sequência, o elemento-transverso permite a resignificação do que até então, no conto, se entendia por feiura.

A adjetivação que o conto traz sobre o patinho, até aqui, que se relaciona à sua feiura produz os seguintes sentidos: o patinho, que é feio, é horroroso, monstruoso, grandalhão, cinzento, desajeitado (V1); esquisito, desajeitado (V2); horrível, enorme, esquisito (V3);

grande, horrível, cinzento, esquisito (V4). Nesta sequência, porém, que trata da tentativa de sedução do patinho pelos gansos selvagens, para que ele também se torne um selvagem, migratório, ser feio é relacionado com: atração, gostamos de você (V1), dó (V2), simpatia, sucesso (V3), gostamos de você (V4). Ou seja, a articulação do discurso-transverso produz a relação explicativa:

V1 (1943-44): gostamos de você, você é atraente **porque** é feio;

V2 (1958 M. Lobato): sentimos dó de você **porque** é feio;

V3 (1995): você é simpático, vai fazer sucesso, **porque** é feio;

V4 (2005): gostamos de você **porque** é feio;

A qualificação adjetiva dos gansos (selvagens), a interpelação do patinho (ei amigo) e a ressignificação da feiura tem o intuito de convidá-lo a fazer parte desse bando de selvagens. O patinho, assim como os gansos e as fêmeas “craques”, está marginalizado na sociedade em que vive, pois não encontra um lugar seu nessa sociabilidade. É nessa hora que ele recebe o convite do sujeito contraidentificado.

Psiquicamente, o transgressor afasta-se da ideologia social e, querendo afirmar o direito á liberdade de pensamento e de ação, aproxima-se da axiologia do vilão, que vive à margem da sociedade e não aceita suas leis. (...) Além disso, a vítima cai na armadilha porque o inimigo se apresenta mascarado. O agressor oculta sua natureza, fingido ser amigo e ajudante da futura vítima. (D'ONOFRIO, 2007, p.68)

Os gansos selvagens não se identificam com o mundo que é apresentado pelo conto. Não aceitam as “coisas do mundo” como elas são, não se conformam com o mundo “grande” que seu olhos vêem, não são animais domésticos, mas selvagens, petulantes e orgulhosos. São esses seres transgressores que tentam “aliciar” o patinho para viver, como eles, fora dessa sociabilidade que o fez sofrer. Para chamar o patinho, interpelá-lo como parte do “bando”, eles recorrem à amizade e à aceitação incondicional – que faltou ao patinho até então. Mas a mensagem da literatura infantil para a criança não poderia ser a da transformação da personagem principal em um “camarada”⁹³, que faz parte de um “bando”⁹⁴ de “selvagens” - como dissemos, quando se escreve para crianças não se pode escrever qualquer coisa.

O processo de socialização também se realiza ao mostrar o perigo que se corre ao se envolver com pessoas que não reproduzem e não aceitam o funcionamento social, pois, bem

⁹³ Remete a uma construção de sentidos referente aos comunistas, os camaradas vermelhos, os companheiros. Os “camaradas” comunistas são construídos como selvagens sem raízes (nômades), sem família, em oposição à sociedade capitalista que tem na família nuclear a sua base.

⁹⁴ Na construção de sentidos, bando significa tanto um grupo de animais quanto uma quadrilha de ladrões ou de marginais.

no instante em que os gansos selvagens acenam ao patinho a promessa de felicidade (se ele entrar para o bando deles), uma caçada se inicia e os dois gansos caem mortos no chão. A descrição da morte imediata, com o sangue tingindo a água de vermelho, e toda a confusão que se segue, o medo, o desespero que o patinho sente, o temor pela própria vida, mostra para a criança que se envolver com os selvagens não traz boas coisas, é perigoso. A ideologia da sociedade capitalista mantém os explorados sem se revoltarem com sua condição através de vários discursos, da família, da religião, da pedagogia, da literatura infantil, da mídia. O conto “O Patinho Feio” funciona mostrando que, entre o sofrimento e o envolvimento com “bandos” marginalizados, é mais seguro sofrer por bastante tempo, com a promessa de compensação no final.

Para entendermos o arranjo das funções contratuais, é preciso pressupor um contrato natural e implícito, subjacente a toda organização social: o indivíduo deve admitir uma hierarquia de valores e a ela subordinar-se. Em troca de conforto, da proteção e de outros numerosos benefícios que a vida em sociedade lhe oferece, o indivíduo obriga-se ao respeito das normas impostas pelo viver em comunidade. A transgressão de uma ordem por parte de um membro da sociedade implica a ruptura desse contrato natural, implicitamente aceito. (...) A ruptura do contrato tem como consequência uma punição, pois, ao desrespeitar as normas sociais em favor da afirmação de sua individualidade, o transgressor priva-se do auxílio que a sociedade lhe oferece e mostra o flanco aberto ao inimigo da sociedade. (D'ONOFRIO, 2007, p.67)

Enquanto nas SDR 4 e 5, os conselhos se referiam à aceitação da sociedade, das suas normas de funcionamento, na SDR 6 os gansos aconselham o contrário, a negação dessa sociedade – o contradiscurso, que é silenciado com a morte. Se existe um momento do conto em que a voz contrária se manifesta, é através do convite dos gansos selvagens, mas as condições de produção e de circulação do discurso da literatura infantil não podem dar voz ao contradiscurso, não podem dar um “final feliz” àqueles que acenam com a possibilidade das “coisas do mundo” funcionarem de outra forma. A morte dos gansos é o silenciamento de seu discurso, e para o patinho (bem como para a criança, destinatário do conto) fica a “lição” de que escutar essa voz é perigoso.

Já na SDR 7, o patinho foge da caçada que mata os gansos selvagens e vai encontrar abrigo na casa de uma velha que não enxerga muito bem. Ela o confunde com uma pata e espera que ele coloque ovos. Nesta sequência, os conselhos não são dados diretamente ao patinho, mas é dito pelo enunciado o que a velha espera dele, e que é algo que ele não pode se enquadrar, já que não é uma pata.

SDR 7

V1: (1943-44) - *Que achado! Poderemos comer ovos de pata – salvo se for pato! Vamos esperar para ver se o bicho põe ou não ovos. - O patinho feio lá ficou durante três semanas, como experiência. Mas não aparecer ovo algum.*

V2: (1958 M. Lobato) - *Que é isto? Perguntou a velha que não enxergava bem e o tomou por uma pata choca que viera parar ali. Que boa coisa! Logo terei dois ovos por dia, a não ser que seja pato. Esperemos. - Ali ficou o patinho durante três semanas, mas não pôs nenhum ovo.*

V3: (1995) - *Ótimo – comentou. – Agora vou comer ovo de pata à vontade. Tomara que não seja macho. Veremos. – O patinho recebeu permissão para ficar morando com eles por três semanas, mas evidentemente não pôs ovo nenhum.*

V4: (2005) - *O que é isso? – a velha senhora perguntou, mas, como não enxergava muito bem, pensou que o patinho fosse uma pata gorda que se perdera. – É um achado e tanto! – ela disse. – Agora posso ter ovos de pata, a não ser que seja um pato. Não custa tentar. E, assim, o patinho foi aceito para um período de testes de três semanas. Mas ele não pôs nenhum ovo.*

O que se traz ao discurso, nesta seqüência, são elementos de sentido da sociedade capitalista, que vive da exploração do trabalho e do lucro, convidando a criança – destinatário do conto – a entender essa sociedade como a única possível.

VERSÕES	ATIVIDADE	TEMPO	CONTROLE	RESULTADO
V1	pôr ou não ovos	3 semanas	esperar para ver experiência	
V2	2 ovos por dia	3 semanas	esperemos	
V3	ovo de pata à vontade	3 semanas	veremos	permissão
V4	ter ovos de pata	3 semanas	não custa tentar período de testes	aceito

Na sociedade capitalista, aos trabalhadores, se oferece uma posição de trabalho determinada, que tem uma atividade definida, uma meta a ser atingida, um tempo para atingir essa meta (e para a experiência). “ Em todos os países em que reina a produção capitalista não se paga a força de trabalho sem que tenha funcionado durante certo tempo, fixado no contrato, ao fim de cada semana por exemplo.” (MARX, 2008, p.81). A tática do controle propicia que

se verifique a adequação do candidato ao posto, para que ele receba como resultado de seu trabalho um valor, no caso do enunciado, a aceitação e a permissão de continuar na casa da velha senhora, o que, por sua vez, significa abrigo contra o frio e alimento – o “salário” que permite a satisfação de suas necessidades básicas, de sobrevivência. Mas o patinho não coloca nenhum ovo, não paga o sustento que teve na casa durante o período de experiência, contradizendo a ausência de custos (não custa tentar, V4), e vai embora sem deixar nenhum lucro.

Nas relações de exploração do trabalho, o sujeito adulto-trabalhador, aquele que não se envolve em fantasias (SDR 4, V2), que recalca as maluquices (SDR 4, V1) - o sujeito que a criança é chamada a investir -, ocupa uma posição e exerce uma atividade, não fica suspirando por aí (SDR 4, V1). A atividade que a galinha propõe é pôr ovos. Existe uma meta: dois por dia. Para além do necessário, é bom (bonito) que se produza quantos forem possíveis (à vontade), pois o capitalismo – o mundo das relações de exploração do trabalho – vive não da produção do que é estritamente necessário à sobrevivência, mas do lucro, da mais-valia.

Em resumo, o que tem sido organizado até agora de diferentes maneiras, exclusivamente conformes com a diversa situação econômica dos meios e das épocas, é a satisfação das necessidades de uma parte da coletividade mediante o trabalho da outra parte. Uns consomem superfluamente o que os outros produzem obrigados pela necessidade, recebendo para si apenas o estritamente necessário. (DEVILLE, 2008, p.17)

Para o trabalhador, a consequência da produção, seu resultado, é a permissão, a aceitação. Em troca dos ovos, o patinho receberia acolhida, permissão para continuar na casa, abrigo e alimentação. O trabalhador produz para o lucro do capitalista, e para sua própria sobrevivência. A alienação do trabalhador, nesse processo, é o apagamento de que, a cada ovo que coloca, ele perde algo de sua força produtiva, morre um pouco.

Para que o trabalhador seja aceito e acolhido no seu posto de trabalho, é necessário que se adapte a ele (o homem certo para o lugar certo⁹⁵). O posto tem exigências básicas que é preciso cumprir. O enunciado traz a questão do tempo necessário para se avaliar a adequação ou inadequação do candidato ao trabalho – três semanas – um período de experiência, de testes. Se o sujeito não se enquadra nas tarefas que lhe são designadas, perde o emprego, o salário, a manutenção de suas necessidades básicas.

Sendo a força de trabalho uma faculdade do indivíduo vivente, é preciso que esse se conserve para que aquela subsista. O indivíduo necessita, para seu sustento ou para sua conservação, de certa quantidade de meios de subsistência. A força de trabalho

⁹⁵ Enunciado do discurso empresarial.

tem, pois, exatamente o valor dos meios de subsistência necessários ao que a põe em ação, para que possa começar no dia seguinte em iguais condições de vigor e de saúde. (MARX, 2008, p.80)

A literatura infantil funciona articulando as questões da sociedade em que vive a criança, seu destinatário, reproduzindo e fazendo reproduzir seus sentidos. O enunciado traz o mundo do trabalho, da exploração e do lucro para dentro do conto infantil, auxiliando na produção da subjetividade necessária à esse mundo, através do processo de socialização que, continuamente, coloca para as crianças a sociedade dividida em classes como a única possível, e seus sentidos como as “coisas do mundo” - funcionamento do preconstruído que está colocado anteriormente e exteriormente ao sujeito.

Mas o patinho não atinge a meta que a velha senhora coloca para ele. Apesar desse movimento constante de não aceitação, de busca, de fuga dos ambientes em que vive, o patinho não é um contestador da ordem. É certo que ele não se comporta com esperam dele, mas faz isso porque não é um pato, porque não é uma pata, mas sim um cisne. O que ele faz durante toda a narrativa é não se acomodar até encontrar o seu lugar nestas relações sociais. O patinho não se acomoda enquanto não encontra o seu ninho.

3.3 O Estranho no Ninho

Esta temática se refere ao estranhamento que o patinho causa em seu nascimento, o incômodo que uma forma estranha causa e os mecanismos sociais de classificar o diferente e de se relacionar com ele. Na antiguidade clássica, as crianças que nasciam diferentes (com algum tipo de deformidade ou disfunção) eram mortas, jogadas de penhascos ou em outras práticas. Nos povos primitivos, vários rituais diferentes visam dar conta desse incômodo que o diferente causa, práticas que incluíam matar os bebês diferentes, ou os gêmeos, tudo aquilo que fugia à regra comum.

SDR 8

VI: (1943-44) Finalmente partiu-se o grande ovo. O filhote balbuciou: - Chip!...Chip!...Chip!... E saiu de dentro da casca, meio tonto. Como era horroroso! A pata fitou-o tremendo: Disse: - Este filhote é monstruoso. Nenhum dos irmãos se parece com ele. Será que é mesmo um peruzinho?

V2: (1958 M. Lobato) Afinal o ovo picou e de dentro saiu um patinho esquisito, feio e desajeitado, além de maior do que os outros. A pata olhou para ele desconfiada. – Será

mesmo um pintinho d'Angola? Pensou ela consigo.

V3: (1995) *Até que finalmente o ovão estalou. Tropeçando, saiu lá de dentro um filhote horrivelmente grande e feio. – Piu!Piu! – dizia ele. – Que patinho enorme esse aí! – disse a pata quando viu. – Diferente de todos os outros! Com certeza é filho de peru.*

V4: (2005) *Pip, pip! – fez o recém-nascido ao sair. Ele era grande e feio. A mamãe pata olhou para ele. - Esse patinho grande é realmente horrível – ela admitiu. – Nenhum dos outros é assim! Mas não pode ser filhote de peru.*

Através das palavras “finalmente” e “afinal” se constrói o sentido de que a pata estava já cansada de esperar aquele ovo abrir – os outros já tinham nascido. Entra o sentido da maternidade – padecer no paraíso – de que a mãe suporta sofrimentos, cansaços, noites sem sono, pelo bem de seus filhos. É o sentido construído do amor materno incondicional, que foi e é continuamente inculcado, penetrado, naturalizado nas práticas sociais – entre elas a discursiva – que se referem à mulher.

O narrador então qualifica o patinho através da adjetivação como: tonto, horroroso (V1); esquisito, feio e desajeitado (V2); tropeçante, horrível, grande e feio (V3); grande e feio (V4)⁹⁶. A construção dos sentidos, nesse conto, bem como em grande parte da literatura infantil, produz a feiúra e beleza, em relação à semelhança ou diferença. O belo é aquilo que é conforme, harmonioso, semelhante, enquanto feio é o diferente, destoante, desarmônico.

O patinho não está conforme essas regras, não está na mesma medida dos irmãos, ele é diferente, e a diferença produz o sentido de inadequação. Questiona-se, no final do enunciado, se o patinho pertence à mesma raça dos outros, já que se apresenta de forma tão diferente. “Para nós, a aparência – aquilo que é visto ou ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade. (...) A presença de outros que vêem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos;” (ARENDT, 2000, p.60). É o imaginário social que constitui o que a sociedade entende por belo e feio, por pertencente ou desviante.

A conformidade dá o sentido de pertença a um grupo, a um mundo, como já dizia

⁹⁶ Umberto Eco (2007) faz um apanhado da noção de feiúra através da história, em que encontra, entre outros, os seguintes sentidos para o belo e o feio:

- Belo: bonito, gracioso, prazenteiro, atraente, agradável, garboso, delicioso, fascinante, harmônico, maravilhoso, delicado, leve, encantador, magnífico, estupendo, excelso, excepcional, fabuloso, legendário, fantástico, mágico, admirável, apreciável, espetacular (espetáculo?), esplêndido, sublime, soberbo;

- Feio: repelente, horrendo, asqueroso, desagradável, grotesco, abominável, vomitante, odioso, indecente, imundo, sujo, obsceno, repugnante, assustador, abjeto, monstruoso, horrível, hórrido, horripilante, nojento, terrível, terrificante, tremendo, revoltante, repulsivo, desgostante, aflitivo, nauseabundo, fétido, apavorante, ignóbil, desgracioso, desprezível, pesado, indecente, deformado, disforme, desfigurado;

Pêcheux (1997, p.167), a respeito do processo de identificação – desidentificação do sujeito à formações discursivas:

Ora, essa identificação do sujeito consigo mesmo é – como dissemos –, simultaneamente, uma identificação com o outro (com *o* minúsculo) enquanto outro “ego”, origem discrepante, etc.: o efeito-sujeito e o efeito de “intersubjetividade” são, assim, rigorosamente contemporâneos e coextensivos. Nessa perspectiva, o autocomentário pelo qual o *discurso do sujeito* se desenvolve e se sustenta sobre si mesmo (ao se articular por “incidentes” que – como acabamos de ver – sintagmatizam elementos substituíveis) é um caso particular dos fenômenos de paráfrase e de reformulação (como forma geral de relação entre substituíveis) constitutivos de uma formação discursiva dada, na qual os sujeitos por ela dominados se reconhecem entre si como espelhos uns dos outros: o que significa dizer que a coincidência (que é também convivência – e mesmo, cumplicidade) do sujeito consigo mesmo se estabelece pelo mesmo movimento entre os sujeitos, segundo a modalidade do “como se” (como se eu que falo estivesse no lugar onde alguém me escuta), modalidade na qual a “incorporação” dos elementos do interdiscurso (pré-construído e articulação-sustentação) pode se dar até o ponto de confundi-los, de modo a não haver mais demarcação entre o que é dito e aquilo a propósito do que isso é dito.

A questão da feiura como representação da dessemelhança permite compreender que, nas formações discursivas, os sujeitos se reconhecem entre si pelos sentidos produzidos, na formação do consenso. A forma-sujeito de uma formação discursiva é o espelho para os sujeitos que se produzem a partir dela. Os animais do galinheiro, reconhecendo-se uns aos outros como belos, vêem o patinho (que é um cisne) como um estranho, logo, feio. Os ataques ao patinho são justificados porque ele é feio, e precisa sofrer um pouco, o que denuncia a exclusão do diferente. “Ser diferente é ser anormal, e a anormalidade deve ser punida. O etnocentrismo pretende saber o que é melhor para o sujeito e pode, assim, dizer qual o lugar que ele deve ocupar.” (Zilberman; Magalhães, 1987, p. 51).

Em seguida, no enunciado, é a vez da mãe pata tentar dar um lugar para esse ser estranho que nasceu no seu ninho. Na versão 1, a mais antiga, ela diz que o filhote é monstruoso, que não se parece com os irmãos e se pergunta se ele não seria um peruzinho. Há uma dúvida se ele pertence ou não à sua raça, se é mesmo seu filho, e a suposta mãe olha tremendo para a monstruosidade do patinho.

Nessa sequência, que representa bem a relação do patinho com as outras personagens, traz o discurso da diferença, da anormalidade. O patinho, por ser diferente, estranho, é visto como anomalia na vida cotidiana do galinheiro. Conforme fala Foucault (2002):

A noção de monstro é essencialmente uma noção jurídica – jurídica, claro, no sentido lato do termo, pois o que define o monstro é o fato de que ele constitui, em sua existência mesma e em sua forma, não apenas uma violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza. (p.69)

Na versão 2, de Monteiro Lobato, a mãe olha para o patinho e “desconfia” que ele pode ser pintinho D'Angola. Os adjetivos sobre a feiura são deixados para o narrador. A mãe apenas estranha. Um V3, uma outra forma de dizer, onde a mãe qualifica o filho de enorme e diferente dos outros, e tem “certeza” de que é filho de peruá. A certeza de que o patinho não é seu filho é acompanhada de um tom de desprezo (“esse aí”) - não sendo seu, é um qualquer.

Com a construção da maternidade como sentimento universal de aceitação dos filhos, com qualquer problema ou defeito que a criança possa apresentar, a mãe, no imaginário social, é aquela que vai amar e aceitar incondicionalmente, vai lutar pelo filho, pela sua felicidade, em quaisquer condições. Nesta sequência, nesta versão, o desprezo da mãe pata é justificado pela certeza de que o patinho é de outra raça, é um filho de peruá, não é um dos seus, é um qualquer, “esse aí”.

Enquanto em V1 o tom é de espanto pela monstruosidade (a pata fitou-o tremendo); em V2 é de desconfiança (a pata olhou para ele desconfiada); e em V3 é de desprezo e certeza de não ser seu filhote (que patinho enorme esse aí; com certeza é filho de peruá). Em V4, por sua vez, se apresenta como uma constatação racional: a mãe pata parece analisar o filhote e tecer sobre ele suas considerações, sem aparentar emoções (ele é realmente horrível), fala da realidade, de fatos. Ela admite. Quem admite, admite uma verdade, um fato constatado.

Apesar das diferentes formas de dizer, o que a sequência produz como sentido, para a criança, destinatário do conto, é que ser diferente traz sofrimento, portanto, ela deve seguir o funcionamento social, as regras, valores e imagens que a sociedade constrói para a sua manutenção. A literatura infantil, parte do processo de socialização da criança, funcionando prioritariamente pela reprodução da sociedade (através da produção de sentidos dominantes pela Formação Discursiva da Socialização da Criança) mostra para a criança que ela deve seguir as orientações dos adultos, pois não fazer isso “é feio”, e aqueles que insistem em se rebelar contra as regras não tem o conforto e a proteção da sociedade, podendo até correr riscos, como ocorre com os gansos selvagens.

Enquanto na sequência 8 o patinho é apresentado ao leitor em suas características, na seguinte, ele é apresentado aos animais do galinheiro, que lhe dão o tratamento destinado ao diferente.

SDR 9

V1: (1943-44) - Eu sei que ele não fez nada, mas é feio que dói. Precisa apanhar.

V2: (1958 M. Lobato) - Sim, mas é feio e muito grande; precisa de batismo.

V3: (1995) - *É, mas ele é muito grande e esquisito – disse o pato da bicada.*

V4: (2005)- *É, mas ele é muito grande e esquisito – disse o pato que o atacara. – Então ele precisa sofrer um pouco.*

No conto, o patinho é atacado pelos animais do galinheiro. Então, a mãe o defende, dizendo a todos que ele nunca fez mal a ninguém. A SDR 9 é a resposta que os animais lhe dão. O articulador **mas** funciona, mais uma vez, para trazer a oposição para dentro do enunciado. Antes do **mas**, os bichos estão concordando com a mamãe pata, aceitando sua fala e sua defesa ao patinho, após o **mas** o enunciado traz os sentidos que a figura do patinho provoca: é feio que dói (V1); feio, muito grande (V2); grande, esquisito (V3); grande, esquisito (V4).

Entram no discurso – em se tratando de literatura infantil – os dizeres para a criança: quando esta se põe a fazer algo que os adultos consideram incorreto, inadequado, ou mal-educado (não condizente com as regras da convivência social, com a ética ou a moral estabelecidas), diz-se “isso é feio”, ou “você é muito grande para fazer isso”, ou ainda “que feio, um menino tão grande se comportando assim”. São dizeres do discurso educacional que forma os sentidos da literatura infantil. A necessidade de educar as crianças através da proibição dos comportamentos inadequados, faz com que se busque eliminar as atitudes “selvagens” ou “bobas”, oferecendo padrões de interpretação do mundo, que passam a funcionar como filtros para o que é permitido ou proibido, aceitável ou “feio”.

Os educadores dos séculos XVI e XVII, época da reforma moralista dos costumes em toda a Europa, e que tiveram influência na formação do gênero hoje chamado de literatura infantil, já explicavam seus objetivos educacionais de acordo com o que foi analisado acima, trazendo também marcas do discurso religioso:

Conduzo aqui o menino bem educado desde o começo da infância até a juventude. Trato primeiramente de seu nascimento e depois de sua educação; refino suas maneiras e seu espírito ao mesmo tempo; instruo-o na religião e no decoro, para que não seja nem ímpio, nem supersticioso. (M. de Grenaille, 1643; *apud* ARIÉS, 2006, p.85)

Ainda, a solução encontrada pelos animais do galinheiro para conviver com a feiura do patinho: aquele que não está conforme as regras do grupo social em que vive é marginalizado (*repelido* em V3), afinal “... quando os homens se tornaram seres sociais, passaram a seguir unanimemente certas normas de conduta, de sorte que aqueles que não seguissem as regras podiam ser considerados sociais ou anormais.” (ARENDRT, 2000, p.52). Através do processo

de produção de sentidos da Formação Discursiva Educacional, aparecem os elementos *apanhar* (V1); *batismo* (V2) e *sofrer* (V4) – sendo que estes últimos trazem significações do Discurso Religioso, de que é preciso sofrer para se aproximar do sofrimento de Cristo, e de que o batismo (enquanto instituição da Igreja), faz com que um ser antes imperfeito – por conta do pecado original, de Adão e Eva – se torne um filho da Igreja.

O patinho, como ser que não ocupa o lugar que deveria ocupar, que não reproduz os sentidos estabelecidos (não se coloca como espelho, não reflete, não coloca os ovos que deveria colocar), está imperfeito, coberto pelo pecado, inacabado, disforme.

No entanto, a família é construída, na sociedade burguesa, como o refúgio do sujeito, o lugar em que ele será aceito e acolhido, não importando as condições. Como essa sequência é recortada de um momento, no conto, em que a mãe aceita que o patinho, embora feio, é mesmo seu filho, por isso muda seu olhar sobre ele, é o que ocorre na sequência seguinte.

SDR 10

V1: (1943-44) No meio deles estava o patinho feio, grandalhão, cinzento, desajeitado, mas felicíssimo dentro d'água. A mãe disse: - Não é peru! Olhem como mexe as patas lindamente! E que elegância! Sabe nadar de cabeça erguida. É meu filho! Afinal de contas, quando se repara bem nele, até que não é tão feio assim...

V2: (1958 M. Lobato) Todos, até o patinho feio e desajeitado. – Ele não tem nada de galinha d'Angola, disse a pata. Olhe só como nada com firmeza e graça. Não há dúvida de que é meu filho. E agora estou vendo que não é feio. Acho-o até bonitinho. Tudo depende de reparar bem.

V3: (1995) Todos forma para dentro da água, até o feioso, que nadava no meio dos outros. – Peru não é... – disse mamãe pata. – Olhem como ele sabe usar as pernas direitinho, como fica com o corpo bem reto... É mesmo meu filho, tenho certeza. E para falar a verdade, quando a gente olha bem... até que ele é bonito.

V4: (2005) Um patinho após o outro pulou atrás dela. Eles afundavam na água, mas logo reapareciam, e flutuavam muito bem. Suas pernas moviam-se automaticamente e todos estavam nadando. Até o feioso cinzento. - Não, senhor, esse aí não é peru! – riu-se a mãe. – Olhem como ele sabe usar as pernas, e sua postura, perfeita! É meu filho, sim, e é fofo, se você olhar bem.

Nesta sequência, se vê representado novamente o imaginário social do amor materno

que aceita e ama os filhos, com todos os defeitos que eles possam ter. No discurso sobre a família, os preconstituídos se referem à mãe (também os outros familiares, mas principalmente a mãe) como aquela que vê o filho com os melhores olhos, que admira mesmo o que não é admirável⁹⁷.

O patinho é feio, grandalhão, desajeitado, isto é um fato. A adjetivação do patinho o qualifica como ser único: ele não é um patinho qualquer, mas o patinho [que é] feio. “Mas”, apesar de feio, ele mexe as pernas lindamente, tem elegância, nada corretamente. A mãe não se reconhece nos defeitos do filho, só nas qualidades, tentando apagar e compensar os defeitos. Nesta sequência, o mesmo sujeito (o patinho) é, então, qualificado de duas formas diferentes:

	QUALIFICAÇÃO 1 - narrador	QUALIFICAÇÃO 2 - mãe
V1	feio, grandalhão, cinzento, desajeitado	elegante, não é tão feio assim
V2	feio, desajeitado	bonitinho
V3	feioso	bonitão
V4	feioso, cinzento	fofinho

Enquanto o narrador qualifica o patinho negativamente, a mãe pata (nesse momento) começa a ver comportamentos no filhote que a fazem pensar que ele é mesmo seu filho, e ressignifica o lugar do patinho em seu discurso. O narrador representa a visão geral sobre o patinho, sobre sua feiura, já a mãe representa uma visão particularizada, que analisa positivamente as qualidades do filho. Conforme já foi comentado acima, é esperado (preconstituído) da mãe que veja seus filhos com olhos diferentes do geral. A família nuclear da formação social capitalista, conforme foi visto no capítulo 2, se constitui a partir dos laços afetivos entre seus membros. O amor, segundo o imaginário social, faz com que se olhe o objeto amado com outros olhos, “quem ama o feio, bonito lhe parece”.

Ao colocar o patinho no lugar de reconhecimento, de pertencimento, no lugar de filho (é meu filho, V1; não há dúvida de que é meu filho, V2; é mesmo meu filho, tenho certeza, V3; é meu filho, sim, V4) e retirar dele o olhar de estranhamento, o olhar da mãe se

⁹⁷ Esse imaginário se materializa em práticas sociais como a do julgamento dos criminosos, em que a lei permite e prevê a prerrogativa de que os sujeitos não podem ser obrigados a testemunhar contra um parente ou alguém com quem tenha ligação muito próxima. O aparelho jurídico garante e reproduz a família como lugar de refúgio do sujeito, lugar onde ele é aceito e protegido – como célula principal de manutenção da sociedade.

ressignifica (repara bem, olha bem) e o qualifica com uma adjetivação oposta à do conto em geral (não é tão feio assim, V1; bonitinho, V2; bonitão, V3; fofinho, V4).

Os motivos da ressignificação se referem à postura do patinho: ele mexe as pernas lindamente, é elegante, nada de cabeça erguida (V1); nada com firmeza e graça (V2); usa as pernas direitinho, fica com o corpo reto (V3); sabe usar as pernas e tem postura perfeita (V4). Todas essas qualidades permitem que a pata o veja com um sentido de adequação, e são comportamentos esperados de um pato.

Essa questão do sentimento especial que a família tem sobre seus membros, que é um sentimento construído como natural na sociedade capitalista, também é encontrada em enunciados de outros contos que se relacionam com “O patinho feio”, como neste do conto “O gatinho feio” (SEIXAS, 2006):

- Quer saber? - falou para o gatinho. - Você não é de raça, nem é vira-lata. Não é uma coisa nem outra – nem isso tem a menor importância. E sabe por que? Porque você é meu. É o M-E-U gatinho. O gatinho que eu amo. E só por causa disso já é o gato mais lindo do mundo.

Ou ainda neste, de “O retorno do patinho feio”(COELHO, 2005)

- Gordo... pescocado... bicudo. Mas sabe que eu acho você uma gracinha?

Viveram felizes para sempre.

Nos dois enunciados acima, se produz o mesmo sentido que a SDR 10, de que o pertencimento apaga, anula o efeito de feiura, construindo as relações humanas, em especial as familiares, como relações onde o amor supera as diferenças, em que “quem ama o feio, bonito lhe parece”, o refúgio do sujeito é a família.

Da mesma forma, na sequência seguinte (SDR 11), a mãe pata vai definir o patinho a partir de um olhar específico, que traz não apenas a ressignificação da feiura no geral, mas na relação de gêneros.

SDR 11

V1: (1943-44) - Oh! Nobre senhora, isto seria impossível. Êle não é bonito, realmente, mas é boa criatura e nadou tão bem como qualquer dos irmãos. Creio que posso esperar que êle se vá embelezando com o tempo, ou talvez fique menorzinho. Tem as pernas compridas demais. Ê só isto.

A mãe inclinou-se carinhosamente sôbre o filhote, dando-lhe uma bicada amigável.

Acrescentou:

- Afinal de contas ele é macho. Não faz mal que seja feio. Vê-se que é muito forte. Há de vencer na vida.

V2: (1958 M. Lobato) - Não creio que seja possível, excelência, disse a pata. De fato êle não é bonito, mas, em compensação nada muito bem, ou talvez melhor que os outros. Há de crescer bastante e tornar-se mais bem feito de corpo. Acho que saiu assim por ter ficado muito tempo no ôvo, disse ela alisando-lhe as penas eriçadas do pescoço. E continuou: Mas isso não importa muito, pois é pato; se fosse patinha, sim, seria bem triste. Tenho esperanças de que ele cresça sempre forte para lutar pela vida quando grande.

V3: (1995) Ele não é bonito, mas é muito bem comportado e nada tão bem quanto os outros. Para falar a verdade, acho até que nada um pouco melhor do que os outros. Tenho certeza de que quando ele ficar mais velho vai ficar muito bonito. É que ele se atrasou no ovo e acabou ficando diferente!

V4: (2005) - Isso não é necessário, Sua Alteza! – respondeu a mamãe pata. – Ele pode não ter boa aparência, mas tem ótima índole. E sabe nadar tão bem quanto os outros. E ousou dizer que até melhor! Tenho certeza de que, depois de crescer, ele vai ficar muito bonito, ou mais proporcional. Ele simplesmente ficou muito tempo no ovo, por isso não tem a forma correta! – Então ela o aconchegou e alisou seu pescoço com o bico. – Além disso, ele é macho – acrescentou -, então a aparência não importa muito. Acho que ele vai ficar forte e conseguirá abrir seu caminho na vida.

Nesta sequência, a pata velha do galinheiro está dizendo à mãe que os filhos dela são muito bonitos, com a exceção do patinho feio. O enunciado é a resposta da mãe. Como já foi visto a respeito da SDR 3, a pata velha é alguém importante, que tem um valor especial, por isso sua opinião é respeitada (nobre senhora, V1; excelência, V2; sua alteza, V4). A mãe tenta convencê-la a aceitar o patinho no galinheiro, e para isso utiliza o discurso do bom comportamento, do crescimento e da diferença de gêneros.

Logo no início do enunciado, uma oração adversativa coloca em relação a feiura do patinho e os comportamentos que podem ser apreciados:

V1	não é bonito	mas	é boa criatura; nada tão bem quanto os outros
V2	não é bonito	mas	nada muito bem, melhor que os outros
V3	não é bonito	mas	é muito bem comportado; nada um pouco melhor do que os outros
V4	não tem boa aparência	mas	tem ótima índole; nada tão bem quanto os outros, até melhor

Através da ligação “mas” se constrói o sentido, no conto infantil, de que a feiura, a aparência estranha, diferente, não é característica de um ser de boa índole, de bom comportamento. O feio está associado ao mal, à maldade, em especial nos contos infantis clássicos (a figura da bruxa, do gigante, do ogro). Mas o que o conto “O patinho feio” traz é a beleza por trás da feiura, que o feio também é humano.

A noção de que o feio, o anormal, o diferente, não teria alma humana, mas animal, fez com que se explorassem as pessoas que nasciam com algum tipo de deformidade durante um longo período da história. Segundo Courtine (2008), esse olhar sobre a monstruosidade vai se deslocando, juntamente com um conjunto de práticas sociais que se traduzem na decadência da lucratividade dos espetáculos de exibição de monstros humanos, e um policiamento do olhar e do gosto do público. Pouco a pouco, vai nascendo, em relação aos monstros, o que hoje conhecemos como compaixão e direito à igualdade. É então que Courtine fala de um apagamento, silenciamento da monstruosidade, através do exercício de uma negativa do olhar, que não pode, não deve, não se detém mais na deformidade, na diferença. Um apagamento que dilui, dissolve, toda a diferença em uma massa de igualdade e inclusão. Um olhar policiado, recalcado, abafado. Um olhar que se auto-recrimina.

Para além do que diz Courtine, pensamos poder falar em um deslizamento atual do sentido de monstruosidade. Onde antes o substantivo “monstro” e o adjetivo “monstruoso” se referiam ao exterior, à deformidade, à diferença, ao estrangeiro, anormal, esquisito, enquanto casca, estética, hoje o sentido se desloca para o interior, para as atitudes de um sujeito, sua moral e suas emoções (ou a falta delas). Monstro, monstruoso é o sujeito que se envolve em práticas contrárias aos valores da humanização (surgidos conjuntamente com as práticas de “desvio” do olhar para os monstros). É aquele que comete atos monstruosos, atos violentos, contra o estatuto do humano. Hoje, o sentido de monstro se desloca na história do Patinho

Feio, os monstros da história hoje são os animais do galinheiro, que tripudiam em cima de algo que não pode ser visto, a deformidade, a diferença de raça, credo, etc., em uma atitude etnocêntrica. A prática dos animais do galinheiro, de exclusão do patinho que nasceu diferente, hoje, nas escolas, é de forma análoga policiada, recalcada, abafada. O olhar para a diferença é velado e desviado pela questão da inclusão, tanto escolar quanto social.

O estranho, estrangeiro de nós, aquele que nos constitui, porque se apresenta como aquilo que não somos, em relação ao qual construímos o que somos – alteridade – se desloca, do físico para o moral, do estético para o ético, a partir da construção de uma moral e uma ética que apaga o físico e o estético como alteridade. Um deslizamento para o interior. São as atitudes monstruosas de outrem que nos mobilizam, nos aterrorizam por trazer á superfície das práticas sociais questões recalcadas pelo “corpo social”.

Na literatura, é a partir do movimento romântico que podemos falar em seres feios e disformes enquanto humanos com sentimentos. Segundo Eco (2007), no mundo clássico, platônico, o feio era o não-ser, já que no mundo das idéias – o verdadeiro mundo – não existiria feiúra, esta pertenceria ao mundo das aparências, ao mundo impuro, contaminado, exterior, inferior. No mundo cristão (Santo Agostinho), tudo é considerado belo porque é obra de Deus, o Feio e o Mal continuam a não existir porque são destituições de valor, diminuição do Bem e do Belo, até a não-existência. Na Idade Média, o conceito de feiúra estava relacionado à falência moral, o feio estético também era o feio moral. Uma ciência que se desenvolvia nesse tempo era a fisiognomia – associação dos traços do rosto e do corpo com características morais – a virtude embeleza, o vício enfeia. Desta época remontam as representações das belas princesas virtuosas dos contos de fadas e das terríveis feiticeiras. É a partir do movimento literário romântico, portanto, que os monstros começam a ter boa alma – O patinho Feio, Quasímodo, O homem que ri, Frankenstein, Rigoletto, Quebra-nozes, mais recentemente as obras cinematográficas E.T e Dumbo (Disney). Ou o contrário, a beleza externa esconder um interior i/amoral, como em O retrato de Dorian Grey. Para tal, é preciso uma concepção de sujeito (indivíduo) com um interior e um exterior diferenciados – a separação entre alma e corpo.

A oração adversativa apresentada no início do enunciado produz esse deslizamento de sentido da feiúra no interior do próprio conto. Na fala da mãe se coloca o olhar sobre o patinho como ser específico, não como um ser feio que não merece consideração, apenas sofrimentos. Já que ele é feio, mas tem boa índole, pode se esperar que le melhore quando crescer: ele vai se embelezar com o tempo (V1), vai crescer e se tornar mais bem feito de

corpo (V2), quando ficar mais velho vai ficar muito bonito (V3), depois de crescer vai ficar muito bonito ou mais proporcional (V4). O conto convida a criança ao crescimento, ao desenvolvimento, produzindo para ela o sentido de que as inadequações, as proibições, o tratamento diferente vai acabar quando ela se comportar bem, crescer, se moldar ao que a família espera, ao que a sociedade espera.

Mas além do comportamento e do desenvolvimento, a mãe tenta adequar o patinho, mesmo sendo feio, por ele ser macho. Retomando a parte final da sequência, em cada versão:

V1 (1943-44): - *Afinal de contas ele é macho. Não faz mal que seja feio. Vê-se que é muito forte. Há de vencer na vida.*

V2 (1958 M. Lobato): *Mas isso não importa muito, pois é pato; se fosse patinha, sim, seria bem triste. Tenho esperanças de que ele cresça sempre forte para lutar pela vida quando grande.*

V3 (1995): -

V4 (2005): - *Além disso, ele é macho – acrescentou - , então a aparência não importa muito. Acho que ele vai ficar forte e conseguirá abrir seu caminho na vida.*

O sentido construído aqui é de que o macho não precisa ter boa aparência, pode ser feio, o que um macho precisa é ser forte para vencer na vida (V1), ser forte para lutar pela vida (V2), ficar forte para abrir seu caminho na vida (V4). Chamando o discurso machista, o pato macho é apresentado como alguém que precisa abrir caminho, através da força, da atividade. Não precisa ser bonito, precisa vencer na vida. Já a fêmea, por oposição de gêneros, é quem precisaria da beleza, da aparência. Não tendo interior, somente casca, ela não busca, não abre caminhos. É passiva, um objeto para um olhar. No processo de construção da literatura infantil, em especial no gênero que se convencionou chamar de contos de fadas, a figura feminina continha em si a associação da questão da beleza à questão da virtude. As princesas dos contos são reconhecidas e descritas pela sua beleza, enquanto os heróis/príncipes o são pela sua atividade (matar o dragão, vencer desafios) e coragem.

Enfim, o conto infantil, como parte do processo de socialização da criança, coloca as definições preconstruídas do que seria esperado de um homem, de uma mulher, dos jovens e dos mais velhos, dos domésticos e dos selvagens, dos importantes e dos desimportantes. Coloca as relações que a ideologia constrói como naturais e imutáveis entre os seres e deles com o mundo. Ao produzir para a criança e na criança os valores, opiniões, atitudes e imagens da sociedade – produzindo o sujeito necessário dessa formação social -, reproduz essa mesma sociedade como a única possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – A QUESTÃO DA SUBJETIVIDADE

O labor e o trabalho, bem como a ação, têm também raízes na natalidade, na medida em que sua tarefa é produzir e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados que vêm a este mundo na qualidade de estranhos (ARENDRT, 2000, p.17)

Quando nos propusemos a estudar o conto “O Patinho Feio”, tínhamos como objetivo compreender como a literatura infantil participava do processo de constituição do sujeito; de que forma e a partir de quais recortes da memória discursiva os sentidos e os sujeitos da literatura infantil se constituíam. Pensávamos que a narrativa de Andersen seria um palco fértil para tais representações, por tratar de lugares sociais pré-concebidos, da exclusão de um sujeito que estaria fora de seu lugar, de veicular significações da ideologia dominante, da manutenção e da reprodução das relações de classe.

Fomos percebendo, durante nossa pesquisa, que a manutenção não existe isolada da transformação, bem como percebemos que muitas vezes os discursos sustentam uma aparência de transformação, mas funcionam mais para a reprodução, em um movimento constante e sempre tenso. Há mais de uma voz, mais de uma posição, falando em cada discurso... e os sentidos não estão colocados de forma definitiva. A primeira leitura do conto “O Patinho Feio” leva a compreender que a mensagem que ele procura passar à criança é de que as aparências não importam, o que importa é a beleza interior, a coragem, a nobreza de caráter, a aceitação e a persistência. Se, em determinado momento histórico, quando de sua criação, esse texto podia ser considerado revolucionário, por expor a fragilidade que sustenta as desigualdades sociais; o que se mostra ao analista, através da construção de sentidos, é um discurso conservador da sociedade dividida em classes, sustentando efeitos de evidência a respeito do que é uma família, do que é o mundo, de como as “coisas do mundo” funcionam, de que existem seres mais iguais do que outros, de que o diferente é hostilizado, logo, é melhor ser um igual.

Através dessas formações de sentidos, o conto infantil vai criando para a criança as noções que sustentam a sociedade dividida em classes, que sobrevive da exploração do homem pelo homem, e que tem no processo de socialização a sua forma de manter a dominância da ideologia dominante. Como dizia Pêcheux (1997), não apenas a transformação, mas também a reprodução das relações de produção é um processo que precisa ser desvendado, e não tratado como um estado apenas a ser constatado.

Fomos surpreendidos, portanto, durante a realização dessa dissertação, em reavaliar nossas hipóteses e verem ser lançadas sobre nós diversas outras, partindo não da nossa

intencionalidade de pesquisador, mas do que o discurso, adquirindo vida e voz, nos mostrava como em negrito. A questão que resulta da análise do conto “O Patinho Feio” é a questão da subjetividade da sociedade capitalista, articulada ao movimento de identificação, contraidentificação e desidentificação do sujeito com as formações discursivas que o determinam.

A formação discursiva dominante na formulação de sujeito e sentidos do discurso da literatura infantil é a Formação Discursiva da Socialização da Criança, sendo esta materialização da Formação Ideológica do Capital. A literatura infantil se constituiu no movimento de consolidação da sociedade capitalista. Dentro dessa sociabilidade, em seu funcionamento, o discurso dirigido à criança produz sentidos para a formação da sociabilidade. A criança é “convidada” a reproduzir a sociedade através do processo contínuo da inculcação.

Por processo de socialização se entende o processo de inculcação que se soma à interpelação do sujeito, e que se refere às práticas sociais que funcionam para manter a sociedade. O processo de socialização da criança – do qual a literatura infantil faz parte – se refere à (re)construção, para a criança e na criança, do imaginário da sociedade, suas regras, convicções, normas de convivência, imagens diversas (o que é ser criança, mulher, mãe, os ricos e os pobres, os iguais, os diferentes, etc.), crenças, opiniões, conhecimentos, etc.

A forma como o conto analisado produz esses sentidos é através do funcionamento do preconstruído, ou seja, ao apresentar o funcionamento do mundo e as imagens que a sociedade produz como únicas possíveis, inquestionáveis, naturais e universais, evita a produção de outros sentidos. O discurso traz o imaginário social produzido anteriormente e exteriormente. Segundo Engels e Marx (1998), em cada formação social, a ideologia dominante apresenta seus interesses como sendo o interesse comum, válido para todos.

O que a presente pesquisa demonstra é que essa reprodução da sociedade como a única possível ocorre através da produção da subjetividade necessária, colocando (através das práticas sociais, entre elas a discursiva) marcas dessa sociabilidade para o sujeito em formação – a criança. Pela inculcação, a criança é chamada a reproduzir a ideologia dominante da sociedade capitalista contemporânea, já que seu funcionamento aparece no discurso da literatura infantil através do preconstruído, ou seja, através do impensado do pensamento que é anterior e exterior ao discurso.

O conto traz a história de um patinho que, com a persistência em buscar a felicidade, mesmo sob condições desfavoráveis, e a ausência de revolta contra tais condições, apenas a

aceitação da própria inferioridade que o fazia seguir adiante, metaforiza o sujeito necessário da sociedade contemporânea. Esse sujeito, que o processo de socialização constantemente apresenta à criança, é aquele que, diferentemente das formações sociais anteriores ao capitalismo, acredita que a mobilidade social é possível, que pelo esforço, paciência, resignação e trabalho incessante é possível ao sujeito conquistar uma condição de vida melhor. É o sujeito empreendedor que se quer produzir, aquele que vive do trabalho.

O que fica apagado é que a trajetória do patinho feio que se torna cisne é uma exceção, que não há espaço para todos serem empreendedores, pois as desigualdades aumentam, pela necessidade mesma do capital, de lucros cada vez maiores, conquistados através da exploração. O que esse sujeito empreendedor joga para a subjetividade contemporânea do trabalhador, é a culpa pelo seu “fracasso”. Pois a pobreza, a miséria, ou o simples fato de não se ter acesso aos bens culturais (produtos dispensáveis que o mercado vende como indispensáveis) não é vista como uma característica essencial da sociabilidade em que se vive, mas cada sujeito vê a si mesmo como culpado pela sua condição. Pois, se existem aqueles que persistem, que enfrentam as dificuldades, os começos de vida mais desgastantes e atemorizantes, e conseguem encontrar o seu espaço no mundo; aqueles que não seguem essa mesma trajetória sentem que não se esforçaram o suficiente, que não aceitaram com humildade, que não foram persistentes, etc. A ideologia funciona colocando para o sujeito esse imaginário social como natural, universal e como se não pudesse ser de outra forma, ocultando a materialidade das desigualdades sociais.

A conclusão a que se chega é que a literatura infantil tem grande força ideológica no interior do processo de socialização da criança, e que o que se busca realizar na criança, nesse processo, é a inculcação das “coisas do mundo”, para manter a sociedade capitalista funcionando a partir da produção constante de sujeitos que tenham suas categorias de interpretação como as únicas possíveis e imutáveis. No entanto, nesse processo que busca a estabilização, respondendo aos sentidos da Formação Discursiva da Socialização da Criança, o discurso da literatura infantil também responde ao universo de produção da Formação Discursiva Artística, que traz em si tanto a representação da realidade, quanto a produção de mudanças, de instabilidades, de sentidos outros.

REFERENCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: Gostosuras e bobices. Editora Scipione Ltda, 1989.
- ABREU, M. Letras, belas-letas, boas letras. Em: BOLOGNINI, C.Z. (org.). História da literatura: o discurso fundador. São Paulo, Fapesp, 2003.
- ALMEIDA, F.L. A fada que tinha idéias. 28.ed. São Paulo: Àtica, 2007.
- ALTHUSSER, L. Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- AMARAL, M.V.B. O avesso do discurso: Análise de práticas discursivas no campo do trabalho. Maceió: EDUFAL, 2007.
- ANDERSEN, H.C. O patinho feio e outras histórias bonitas. São Paulo, Editora do Brasil S/A, s.d. [1943 ou 1944].
- ANDERSEN, H.C. (compilação de ASH, R.; HIGTON, B.). Histórias maravilhosas de Andersen. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.
- ANDERSEN, H.C. Hans Christian Andersen – edição comemorativa 200 anos. São Paulo, Melhoramentos, 2005.
- ANDRADE, C.D de. Literatura infantil. Em: Confissões de Minas. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.
- _____. Reunião. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.
- ARENDT, H. A condição humana. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- ARIÉS, P. História social da criança e da família. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- As aventuras do Barão de Münchhausen. São Paulo: Hemus editora, s.d.
- ATAÍDE, V. Literatura infantil & ideologia. Curitiba: HD Livros, 1995.
- BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. 15.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BONOTTO, M.E.K.K. As várias reescrituras de Chapeuzinho Vermelho: velhos e novos sentidos. Dissertação de mestrado em letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 1999.
- CÂNDIDO, A. Literatura e sociedade. 7ºed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- CHEMAMÁ, R. Dicionário de psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

- COELHO, M. O retorno do patinho feio. In: Folha de São Paulo, 19 de março, caderno Folhinha, p.8, 2005.
- COELHO, N.N. O conto de fadas: Símbolos, mitos, arquétipos. São Paulo: DCL, 2003
- CORSO, D.L.; CORSO, M. Fadas no divã: Psicanálise das histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- COURTINE, J-J. O corpo anormal – história e antropologia culturais da deformidade. Em: COURTINE, J-J; VIGARELLO, G; CORBIN, A. História do corpo, volume 3 – as mutações do olhar, o século XX. Petrópolis, RJ, Vozes, 2008.
- CUNHA, M.A.A. Literatura infantil: Teoria e prática. 9.ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- CYRULNIK, B. Os patinhos feios. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DARNTON, R. Histórias que os camponeses contam. O grande massacre dos gatos: e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- DEVILLE, G. Estudos sobre o socialismo científico. Em: MARX, K. O capital – edição condensada. 3.ed. São Paulo: EDIPRO, 2008
- D’ONOFRIO, S. Forma e sentido do texto literário. São Paulo, Ática, 2007.
- DUBOIS, J [et alli.]. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ECO, U. História da feiúra. Rio de Janeiro, Record, 2007.
- ENGELS, F.; MARX, K. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FLORÊNCIO, A.M.G.; MAGALHÃES, B.; SILVA SOBRINHO, H.F.; CAVALCANTE, M.S.A. Análise do discurso: fundamentos & prática. Maceió: EDUFAL, 2009.
- FOUCAULT, M. Os anormais: curso no Collége de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREYRE, Kika (org.). *A fantástica história dos contadores de histórias no reino do tudo é possível – histórias para acordar os homens*. Recife: Edupe, 2001
- FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade. Em: Obras completas Vol VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. O recalçamento. Em: Obras Completas Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. O “estranho”. Em: Obras Completas Vol XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. Psicologia de grupo e análise do ego. Em: Obras Completas Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos. Em: Obras Completas Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. A interpretação dos sonhos – edição comemorativa dos 100 anos. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

GARRALÓN, A. Historia portátil de la literatura infantil. 2.ed. Madrid: Anaya, 2005

GONZALEZ, B. Los complejos de inferioridad em la escritura. Madrid: Paraninfo, 1976.

GRANTHAN, M.R. A moral e a ordem do repetível. INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. (orgs.). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre, Editora Sagra Luzzatto, 1999.

HENRY, P. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). HAK, T.; GADET, F. Por uma Análise Automática do Discurso – Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas: Unicamp. 1990.

_____. A ferramenta imperfeita: Língua, sujeito e discurso. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

INDURSKY, F. Identificação e contra-identificação: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre o MST. In: MARIANI, B.(org.). A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006.

LACAN, J. O seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LEBRUN, J-P. Um mundo sem limites: Ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LIMA, L.C. Teoria da literatura em suas fontes. 2.ed. Rio de Janeiro: P. Alves, 1983.

LOBATO, M. (trad. e adapt.). Contos de Andersen. São Paulo: Editora Brasiliense, 1958.

_____. Memórias da Emília. 11.ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.

MACHADO, R. Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MARX, K. O capital – edição condensada. 3.ed. São Paulo: EDIPRO, 2008

MEIRELES, Cecília. Problemas da literatura infantil. 2.ed. São Paulo: Summus, 1979.

MENIN, A.M.C.S. O patinho feio de Hans Christian Andersen: O abasileiramento de um conto para crianças. Tese de doutorado em letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, São Paulo, 1999.

- MOTTA, M.A.P. Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MURRAY, R. Receitas de olhar. São Paulo: FTD, 1997.
- NETO, J.B. Adjetivos: predicados extensionais e predicados intencionais. Campinas, SP: UNICAMP, 1991.
- NORGAARD, M. O patinho feio vai trabalhar. São Paulo: DVS, 2007.
- ORLANDI, E.P. (org.). Gestos de leitura: da história no discurso. 2.ed. Campinas, UNICAMP, 1997.
- _____. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 7.ed. Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-69). Em: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso – Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas: Unicamp, 1990.
- _____. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e perspectivas (1975). GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso – Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas: Unicamp, 1990.
- _____. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 3ªed. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1997.
- _____. O discurso: estrutura ou acontecimento. 4.ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- QUINTANA, M. Lili inventa o mundo. São Paulo: Global, 2005.
- RADINO, G. Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- ROCHA, R. Procurando firme. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ROWLING, J. K. Harry Potter e a Câmara Secreta. Rio de Janeiro: Rocco, 2000
- SARTRE, J.P. O que é literatura? São Paulo: Ática, 1993.
- SCIENZKA, J.; SMITH, L. O patinho realmente feio e outras histórias malucas. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.
- SEIXAS, H. Histórias de bicho feio. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2006.
- SELLARO, L. A galinha galinhola que escapou da caçarola. Recife: Bagaço, 2008.
- SHAKESPEARE, W. Hamlet. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- TATAR, M. Contos de fadas: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

ZILBERMAN, R. A literatura infantil na escola. Porto Alegre: Global, 1981

ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L.C. Literatura infantil: autoritarismo e emancipação.
3.ed. São Paulo, Ática, 1987.

Os campos já estavam desertos no verão. O trigo estava dourado e a aveia ainda verde. O feno já estava empilhado no vale rico e produtivo por onde as cegonhas caminhavam com suas compridas pernas vermelhas, conversando na língua egípcia que tinham aprendido de suas mães.

À volta dos campos e dos vales crescia a floresta, no meio da qual havia lagos profundos. Sim! Aquela terra era uma beleza. No ponto mais batido pelo sol, erguia-se uma velha mansão, rodeada por fossos profundos. Grandes e folhudas trepadeiras desciam pelas muralhas até a beira da água. A folhagem era tão espessa que uma criança ali poderia esconder-se facilmente. Uma pata fizera seu ninho bem escondidinho na espessura da folhagem. Estava quase no tempo de saírem os patinhos. A pobre pata já andava cansada de estar sentada no ninho, durante tanto tempo. Além disso, recebia raríssimas visitas, enquanto que podia ver os outros patos nadando, felizes, nas águas do fôss. Era natural que preferissem nadar a virem dar um dedinho de prosa com a comadre pata, prêsa ao ninho.

Finalmente os patinhos foram saindo do ôvo , um após outro, dizendo, numa voz ainda muito fraca:

- Chip!... Chip!... Chip!...

Saíram todos, vivos e muito bem dispostos. A pata zangou-se com os filhotes:

- Não digam chip!... Digam quá..quá...quá...

Todos êles obedeceram, pondo-se a grasnar o melhor que podiam. Espiavam, curiosos, pelos vãos da folhagem. A mãe não os impediu, pois olhar para o verde faz bem à vista.

Um dos filhotes comentou, espantado:

- Como o mundo é grande! Nunca pensei!

Era natural que achassem o ninho espaçoso, depois de passarem tanto tempo fechados dentro da casca de um ôvo. A pata achou muita graça:

- Estão pensando que isto é o mundo inteiro? Qual o quê! O mundo vai longe, para além do jardim e dos campos do pastor da igreja! Sei disso, apesar de nunca ter ido até lá! Já saíram todos?

Levantou-se para examinar a ninhada. Suspirou:

- Ah! Falta um! Exatamente o ôvo maior de todos! Quanto tempo levará ainda?

Sentou-se de novo sôbre o ninho, muito contrariada. Uma velha pata surgiu para

fazer-lhe uma visita. Perguntou, amavelmente:

- Como vão as coisas?

A mãe suspirou:

-Ah! Um ôvo não quer partir-se! Mas... veja os outros filhotes. Que beleza! Nunca vi patinhos tão bonitos! São tal qual o pai, aquele malandro! Nunca vem visitar-me!

A pata velha pediu, com ares solenes:

- Deixe-me ver o ôvo que não quer partir-se.

Examinou-o com ares entendidos, declarando:

- Aposto que é ôvo de peru! Já me aconteceu isto uma vez! Fui enganada. Você não imagina o trabalho que me deram os peruzinhos! São uns sujeitos que morrem de medo da água. Nunca consegui que nadassem. Cansei-me de castigá-los, mas não houve meios! Garanto-lhe que este é um ôvo de peru. Largue-o, comadre. Venha com seus filhotes até o fôssio, para uma lição de natação.

- Não! Vou esperar mais um bocadinho. Já estive sentada aqui tanto tempo, que posso continuar, até que chegue o dia da Grande Feira!

A velha pata foi-e embora resmungando:

- Pois faça como quiser.

Finalmente partiu-se o grande ôvo. O filhote balbuciou:

- Chip!... Chip!... Chip!...

E saiu de dentro da casca, meio tonto. Como era horroroso! A pata fitou-o, tremendo: Disse:

- Êste filhote é monstruoso. Nenhum dos irmãos se parece com ele. Será que é mesmo um peruzinho? Ah! Logo terei uma prova. Hei de enfiá-lo nágua, nem que seja à custa de bicadas.

No dia seguinte, o tempo estava magnífico. O sol dourava alegremente tôdas as folhas verdes. A mãe levou a ninhada para o fôssio. Foi ela quem pulou primeiro:

- Splash!... Quá!... Quá!... Quá!...

Àquele chamado, todos os patinhos saltaram também, um após outro. A água cobriu-lhes a cabeça, mas logo voltaram à tona, muito satisfeitos. Nadavam que era uma beleza, sem ninguém ensinar. No meio dêles estava o patinho feio, grandalhão, cinzento, desajeitado, mas felicíssimo dentro dágua.

A mãe disse:

- Não é peru! Olhem como mexe as patas lindamente! E que elegância! Sabe nadar de

cabeça erguida. É meu filho! Afinal de contas, quando se repara bem nêle, até que não é tão feio assim... Quá!... Quá!... Venham comigo, meninos! Quero apresentá-los aos habitantes da capoeira. Mas não saiam de junto de mim! Podem pisá-los! Cuidado com o gato!

Foram todos para a capoeira. Por lá havia um barulho incrível. Duas galinhas chocas brigavam por causa duma cabeça de enguia. No fim de contas quem comeu a enguia foi o gato. Mamãe-pata lambeu o bico, suspirando de vontade de comer enguia. Declarou:

- É assim o mundo! Vamos, meninos! Caminhem com elegância. Quero que causem boa impressão. Estão vendo aquela pata velha, a maior de tôdas? Tem sangue espanhol nas veias. Foi por isso que cresceu tanto. Reparem na fita vermelha que tem amarrada na perna. É uma coisa maravilhosa, um sinal de grande distinção. Indica que não pode ser vendida e que tem um valor enorme, tanto para os animais como para os homens! Vamos, meninos! Cuidado com os pés! Um patinho bem educado anda sempre de pernas abertas, como o papa e a mamãe. Assim! Agora curvem a cabeça e digam quá, quá!

Os filhotes fizeram direitinho como a mãe lhes mandava. Num instante ficaram rodeados pelos patos da capoeira. Choviam comentários em voz alta, num vozerio medonho:

- Olhem só! Temos que aturar mais esta ninhada, como se já não fôssemos patos demais. Olhem! Vejam que patinho feio! Aquêle não poderemos aturar.

Um dos patos voou para cima do patinho feio, dando-lhe uma valente bicada no pescoço. A mãe defendeu seu filhote, zangada:

- Deixe-o em paz. Êle nada fêz.

O valentão respondeu:

- Eu sei que êle não fêz nada, mas é feio que dói. Precisa apanhar.

A pata velha, a de laço na perna, interveio:

- A ninhada até que é muito bonita. Só aquêle saiu muito feio e tem má raça. É uma pena que não possa ser reformado.

Mãe-pata respondeu, muito humilde:

- Oh! Nobre senhora, isto seria impossível. Êle não é bonito, realmente, mas é boa criatura e nadou tão bem como qualquer dos irmãos. Creio que posso esperar que êle se vá embelezando com o tempo, ou talvez fique menorzinho. Tem as pernas compridas demais. È só isto.

A mãe inclinou-se carinhosamente sôbre o filhote, dando-lhe uma bicada amigável. Acrescentou:

- Afinal de contas êle é macho. Não faz mal que seja feio. Vê-se que é muito forte. Há

de vencer na vida.

A velha pata cortou-lhe a palavra:

- Os outros patinhos são muito bonitos. Fiquem à vontade. Se acharem alguma cabeça de enguia podem trazê-la para mim.

Depois dêste pequeno acontecimento, a ninhada sentiu-se mais à vontade. Mas o pobre patinho feio, que fôra o último a sair da casca, padeceu muito, levando bicadas, empurrões, pisadelas, e sofrendo mil e uma caçoadas de mau gosto, tanto por parte dos patos como das galinhas. Todos afirmavam:

- Ele é grande demais.

O peru, então, que tinha nascido com esporas e por êste motivo se imaginava um imperador, bufou e estufou como uma vela ao vento, ficando muito vermelho. O pobre patinho feio estava meio morto de medo e não sabia para onde fugir. Sentia-se desesperado por ser tão feio e escárnio a tôda a capoeira.

Assim se passou o primeiro dia e os que se seguiram foram ainda piores. O pobre patinho era repellido por todos. Até seus irmãos e irmãs escarneciam dêle, dizendo:

- Como você é horroroso! Seria bem melhor que o gato o comesse!

A própria mãe perdera a paciência e resmungava:

- Eu preferia que êle estivesse bem longe de mim.

O pobre patinho feio apanhava de todos. Até a menina que lhes trazia comida lhe dava pontapés.

Êle fugiu da capoeira e voou por cima da cerca. Os passarinhos que lá estavam a gorjear fugiram espavoridos diante de criatura tão feia. O patinho bem que percebeu. Suspirou, muito triste:

- Fogem, porque me acham feio.

Fechou os olhos e saiu correndo sem rumo. Chegou ao brejo, onde viviam os patos selvagens. Estava tão cansado e desesperado que passou ali a noite. De manhã, os patos selvagens vieram examinar seu novo companheiro. O patinho feio, muito intimidado, cumprimentava-os como podia. Depois do exame, os patos selvagens perguntaram:

- Que espécie de bicho é você? Como é horroroso! Mas, sua feiúra não tem importância para nós, desde que não escolha noiva em nossa família.

O coitado do patinho nem pensava em casamento. O que ele queria era um lugarzinho à beira do brejo.

Ficou lá durante dois dias. Dois gansos selvagens vieram falar-lhe. Eram ainda

novinhos e, portanto, muito vivos e despachados. Disseram:

- Camarada, você é tão feio que sua feiúra nos atraiu! Gostamos de você. Quer vir para nossa companhia e tornar-se uma ave nômade? Há aqui perto outro brejo com encantadores gansos selvagens. Há cada senhorinha tão linda, que você nem pode maginar. São muito bondosas e terão compaixão de sua feiúra.

Bem neste momento ouviram dois tiros: Pum!... Pum!... Os dois gansos selvagens tombaram mortos no chão, entre os caniços, e a água ficou tôda tingida de sangue vermelho. Pum!... Pum!... As espingardas continuaram funcionando, espantando os gansos escondidos nas moitas. A carnificina foi tremenda.

Era uma grande caçada. Os caçadores estavam escondidos junto ao brejo. Alguns estavam encarapitados nas árvores, que pendiam sôbre as águas serenas. A fumacinha azul saía dos ramos e deslizava por cima do brejo.

Os cães de caça farejavam cá e lá, focinhando na água... Splash! Splash!... Moitas e juncais foram varejados com todo o cuidado. O pobre patinho feio estava paralisado de medo. Escondeu a cabecinha embaixo das asas, entregando-se ao destino. Sentiu que um cão se aproximava. Espiou timidamente e viu que era um canzarrão, de língua de fora e uns olhos ferozes e maus. Abriu a bocarra como se fosse abocanhar o patinho feio, arreganhando a dentuça temerosa e... Splash! Splash!... Foi saindo, sem tocar no patinho feio. Êste suspirou aliviado:

- Oh! Graças aos céus! Sou tão feio que nem o cão me quis comer.

Continuou ali, muito quieto até que passou o tiroteio. Durante muito tempo não se atreveu a mexer-se. Quando viu que não havia mais ninguém à vista desatou a correr com a maior velocidade que pôde. Andou muito pelos campos, atormentado por uma ventania que lhe dificultava os passos apressados.

Lá pela noitinha, chegou à porta de um casebre miserável, que estava em ruínas. O vento assobiava ferozmente. O patinho teve que sentar-se para se agüentar. Não sentia vontade de entrar na casa, mas o vento soprava cada vez mais forte. Êle resolveu espiar por uma brecha na porta, mas em vez de espiar apenas, acabou entrando.

Quem morava lá era uma velha com um gato e uma galinha. O gato tinha o nome de Filhinho e sabia corcovear, bufar e despedir faíscas elétricas do pêlo.

A galinha era de pernas pequenas e por isto tinha a alcunha de Perna-curta. Punha ótimos ovos e a velha a estimava como se fôsse sua filha.

Sòmente pela manhã deram pela presença do patinho feio. O gato começou a bufar e

a galinha, a cacarejar. A velha não enxergava bem e ficou muito assustada com o barulho.

Perguntou:

- Que houve? Que houve?

Quando percebeu o patinho, imaginou que fôsse uma pata. Ficou muito contente, dizendo:

- Que achado! Poderemos comer ovos de pata – salvo se fôr pato! Vamos esperar para ver se o bicho põe ou não ovos.

O patinho feio lá ficou durante três semanas, como experiência. mas não apareceu ovo algum. O gato era o dono da casa e a galinha, a dona. Tinham o costume de dizer:

- Nós e o mundo...

Achavam que representavam a metade do mundo e, certamente, a melhor delas. O patinho tentou dar uma opinião, mas a galinha não consentiu. Perguntou:

- Você põe ovos?

- Não.

- Pois então trate de calar a bôca.

O gato disse:

- Você sabe corcovear, bufar e despedir faíscas?

- Não.

- Pois então trate de guardar suas opiniões para si mesmo principalmente quando duas pessoas de júzo estão com a palavra.

O patinho meteu-se num canto, muito aborrecido da vida, começou a pensar no ar puro e na luz do sol e veio-lhe uma vontade louca de mergulhar e nadar. Acabou confessando seu desejo à galinha. Esta ficou muito escandalizada:

- Está doido? Você não tem o que fazer! É por isto que traz a cabeça cheia de caraminholas. Trate de pôr ovos ou de bufar, e assim se esquecerá de suas maluquices.

O patinho feio suspirou:

- Ah! Mas é tão bom flutuar na água! É delicioso enfiar a cabeça bem no fundo, num mergulho...

A galinha interrompeu-o:

- Que bonito divertimento! Você deve estar doido. Consulte o gato. Êle é a criatura mais sábia do mundo. Pergunte-lhe se gosta de boiar ou de mergulhar. Cá por mim, não digo nada. Consulte também nossa patroa. Ela tem idade e é muito inteligente. Duvido que ela tenha vontade de nadar ou de mergulhar.

O patinho tentou insistir:

- A senhora não me compreende.

A galinha tornou a cortar-lhe a palavra:

- Se eu não posso compreendê-lo, quem o compreenderá? Será que você tem a pretensão de ser mais inteligente do que o gato ou nossa velha dona? Já nem quero falar de mim. Não seja tolo e trate de agradecer aos céus a sorte que teve de encontrar gente boa como nós aqui. Tem uma casa confortável e devia aproveitar melhor a convivência com pessoas bem educadas, como nós. Mas você não passa de um idiota! Não se tem gosto nenhum em estar em sua companhia. Creia no que lhe digo. Estou-lhe falando por bem e só lhe estou dizendo a verdade. Estou lhe falando como amiga. Trate de aprender a pôr ovos ou a bufar e emitir faíscas.

O patinho explodiu:

- Prefiro ir correr mundo.

A galinha declarou, zangada:

- É o melhor que você tem a fazer.

Lá se foi o patinho feio, mundo afora. Nadou e mergulhou à vontade, mas era sempre desprezado por tôdas as criaturas que encontrava, devido à sua grande feiúra. Chegou o outono. A folhagem dos bosques amareleceu e murchou. O vento arrancava as fôlhas das árvores desapidadamente, divertindo-se em fazê-las rodopiar bastante, antes de atirá-las ao chão. O céu enfarruscou-se e esfriou. As nuvens carregaram-se de neve e granizo. Um corvo crocitava tristemente, pousado numa cêrca, a tremer de frio. Quem o visse, tremeria de medo. A situação do patinho feio era muito séria.

Uma tarde, quando o sol se punha com tôda a grandeza dum crepúsculo de inverno, um bando de aves lindíssimas levantou vôo de um brejal próximo. O patinho jamais vira coisa alguma de tão rara beleza. As aves eram de nívea brancura e tinham um pescoço longo, elegantíssimo. Eram cisnes. Com seus gritos inconfundíveis, os cisnes voaram bem alto, bem alto, fugindo das terras frias para os países quentes. O patinho feio sentiu uma coisa esquisita que não saberia explicar. Começou a rodopiar em cima da água, como se fôsse uma roda e foi subindo... subindo... atrás dos cisnes. Deu também um grito tão agudo e estranho, que êle mesmo se espantou. Estava fascinado pelos cisnes. Sentia-se inexplicavelmente atraído por aquelas aves que, a seu ver, eram as mais lindas do mundo. Não sentia inveja. Como seria possível que êle, uma humilde criatura desprezada por todos, fôsse ter inveja daquela maravilhosa beleza? Bastar-lhe-ia que os lindos cisnes o tolerassem em sua

companhia – a êle, o patinho feio. Tornou a descer para o lago e deu um mergulho bem fundo para acalmar a excitação. Quando voltou à tona, os cisnes já tinham desaparecido no céu.

O inverno foi tão rigoroso, que o pobre patinho era obrigado a nadar sem descanso, para não ficar gelado. O lago ia gelando... gelando... Cada noite que se passava, o espaço de água ia diminuindo... diminuindo... O patinho já quase não tinha onde nadar. Uma tarde, ficou tão cansado que sentiu as pernas paralisadas. Ficou prêso no lago gelado.

Na manhã seguinte, um camponês passou por ali e viu-o. Caminhou sôbre o gêlo e com o tamanco fêz lá um buraco, conseguindo retirar o patinho. Levou-o para sua mulher.

O patinho feio não tardou a recuperar os sentidos. As crianças entusiasmadas quiseram brincar com êle. O coitado pensou que queriam maltratá-lo e saiu a correr, espavorido. Caiu desastradamente dentro duma panela de leite, entornando-lhe o conteúdo. A mulher começou a gritar e a agitar os braços, muito zangada. A criançada divertia-se a valer, perseguindo o patinho arisco. Êste escapava-lhe o melhor que podia, causando novos desastres. Chapinhou no pote de manteiga, entornou um caldeirão com comida e conseguiu, finalmente, escapulir. A mulher continuava a berrar enfurecida, tentando alcançá-lo com as tenazes de pegar carvão. A criançada tropeçava, ria-se, numa barulheira infernal. Felizmente a porta estava aberta. O infeliz patinho fugiu para o quintal e meteu-se por entre as moitas cobertas de neve fresca. Resfolegava exausto, assustadíssimo, gelado, quase morto.

O coitado sofreu amargamente durante aquêle inverno, mas sempre conseguiu sobreviver. O sol voltou e o patinho feio acomodou-se à beira dum brejal, mais uma vez. As cotovias cantavam hinos de alegria, saudando a primavera.

O patinho feio sentiu vontade de voar. Admirou-se muito ao verificar que suas asas eram agora bem mais fortes e permitiam-lhe subir a grande altura.

Entusiasmado, entregou-se, dedicado, a um vôo sem rumo. Quando quis descer, verificou que voava sôbre um jardim belíssimo, ornado de macieiras em flor. O ar cheirava a lírios. Um lago magnífico espelhava ao sol, rodeado de arbustos e de flôres. A primavera ali oferecia um quadro encantador!

O pobre patinho abandonado desceu para o lago, fascinado com tanta beleza. Viu, então, bem em frente dêle, três lindos cisnes brancos. Nadavam com beleza e elegância. O patinho feio reconheceu-os imediatamente e sentiu um apêrto no coração. Pensou:

- Não fugirei dêles! Estas régias aves hão de bicar-me até me retalharen, devido ao meu atrevimento. Sou tão feio! Não me importa! Prefiro ser morto por êles a viver maltratado por patos e galinhas.

Movido por esta idéia, continuou nadando em direção aos majestosos cisnes. Êstes o viram e aproximaram-se, arrepiando as penas macas e alvíssimas. O infeliz baixou resignadamente a cabeça, murmurando:

- Matem-me!

Quando abaixou a cabeça, viu sua própria imagem refletida na água serena e cristalina. Não era mais uma ave cinzenta e pesadona, feia e desajeitada! Êle era um cisne! Que importa ter nascido numa humilde capoeira, desde que se nasça dum ôvo de cisne?

O antigo patinho feio abençoou tôdas as amarguras e misérias por que passara, pois agora seria mais capaz de apreciar a incrível felicidade que lhe cabia. Os grandes cisnes chegaram-se bem pertinho dêle e deram-lhe bicadas amistosas, à guisa de saudação.

Um grupo de crianças chegou ao jardim, trazendo milho e migalhas de pão que foram atirando à água. A menor de tôdas gritou:

- Olhem! Há mais um cisne!

As outras bateram palmas de alegria, com a descoberta. Foram logo avisar o papai e a mamãe. Todos foram unânimes em afirmar:

- Êste novo cisne é o mais bonito de todos!

Os cisnes velhos não ficara enciumados. Ao contrário! Curvaram as altivas cabeças diante do recém-chegado, homenageando-o.

O patinho feio sentia-se bastante envergonhado e escondeu modestamente a cabeça por baixo das asas. Nem sabia o que pensar. Sentia-se felicíssimo, mas não vaidoso. Só as pessoas de mau caráter são vaidosas e convencidas. Êle lembrava-se muito bem das agonias por que tinha passado e, agora, só o elogiavam e lhe rendiam calorosas homenagens declarando-o belo entre os mas belos. Os lírios curvavam-se diante dêle. O sol estava quente e acolhedor. Que vida maravilhosa! Êle declarou radiante de felicidade:

- Nunca sonhei conseguir tanta ventura no tempo em que eu era o Patinho Feio!

Como tudo era belo naqueles campos onde os milharais e trigais vicejavam sob a tépida carícia do verão e as cegonhas andavam, muito emproadas, conversando numa língua que aprenderam no Egito! Circundava as plantações majestosa floresta, que escondia em seu seio plácidos lagos azuis. Como era agradável passear pelas campinas!

Numa clareira da floresta vemos uma velha casa, cercada por um riacho. Num dos lados da casa o capim crescia viçoso, pois nunca fôra tosado. No meio de uma touceira mais alta uma pata chocava seus ovos. Mas já andava começando a achar aquilo maçante – ficar ali imóvel tanto tempo não era nada agradável e até lhe parecia que os ovos estavam demorando para picar. Além disso era pouco visitada, pois as outras patas preferiam nadar no riacho a subir o barranco para virem falar com ela sôbre a vida alheia.

Afinal o primeiro ôvo picou e logo após outro e assim tôda a ninhada saiu.

- Quá, quá, quá, fazia a pata e os patinhos tentavam imita-la, com as cabecinhas de fora, sob as asas da mãe, olhando para todos os lados a fim de verem de que jeito era o mundo. E a senhora dona pata, muito contente, deixava que êles olhassem à vontade, pois o verde faria bem para os seus olhinhos irrequietos.

- Como é grande o mundo! Diziam êles, olhando para o capinzal.

- Pensam que o mundo é isto só? Perguntou a pata. Não! O mundo é grande. Vai muito além, para o outro lado do jardim até o quintal do senhor padre, se bem que eu jamais tenha ido até lá. Mas, afinal, já saíram todos? Continuou ela levantando-se para examinar a ninhada. Oh! Ainda não! O ôvo maior ainda não picou. Só queria saber quanto tempo ainda levará. Já estou cansada. E deitou-se novamente.

- Então como vai indo? Perguntou-lhe uma velha pata que era sua comadre.

- Estou aqui com um ôvo muito difícil de picar. Mas olhe o resto. Veja que lindeza de criaturinhas. São todos a cara do pai, que, por sinal, não se deu ainda ao trabalho de vir verme.

- Deixe-me ver o ôvo que não quer picar, disse a velha pata. E depois de examiná-lo: Pois fique sabendo que isto é ôvo de galinha d'Angola. Já uma vez também fui enganada e tive um trabalhão com os pintinhos que saíram. Tinham um mêdo d'água que só vendo. Por mais que eu insistisse não aprenderam a nadar. O melhor é deixar êsse ôvo no ninho e sair com o bando.

- Vou esperar mais um pouco, respondeu a pata. Já estou aqui há tanto tempo que um

dia mais, um dia menos, pouco importa.

- Bem, faça então como entender, disse a comadre retirando-se.

Afinal o ôvo picou e de dentro saiu um patinho esquisito, feio e desajeitado, além de maior que os outros. A pata olhou para êle desconfiada.

- Será mesmo um pintinho d'Angola? pensou ela consigo. Havemos de ver isto logo que entrarmos nágua. Êle também há de entrar nem que seja à fôrça.

A manhã do dia seguinte raiou belíssima, com um sol resplandecente, e a senhora pata levou a ninhada para o regato, entrando logo nágua. Um por um todos os patinhos a acompanharam. Atiraram-se sem receio e, por um momento, desapareceram sob a água para reaparecerem novamente, nadando que era uma gracinha. Todos, até o patinho feio e desajeitado.

- Ele não tem nada de galinha d'Angola, disse a pata. Olhe só como nada com firmeza e graça. Não há dúvida que é meu filho. E agora estou vendo que não é feio. Acho-o até bonitinho. Tudo depende de reparar bem. Quá, quá, quá, fêz ela, como quem diz: Agora me acompanhem, que vou levá-los ao galinheiro; mas fiquem bem juntinhos de mim, para que não se percam e, tomem nota, muito cuidado com o gato.

Chegaram ao galinheiro, que naquele momento estava em polvorosa, pois duas famílias de galinhas brigavam por causa de uma cabeça de peixe, que afinal foi carregada pelo gato.

- Vejam como é o mundo! disse a pata aos seus patinhos, limpando o bico e engolindo em sêco ao ver o bichano passar com a cabeça de peixe na bôca. O mas forte sempre vence. Bom, sigamos para diante, continuou ela, e quando passarem perto daquele pato grandalhão façam uma reverência. Êle é o mais nobre de todos nós, de descendência espanhola; por isso mostra-se tão emproado. E estão vendo o pedaço de pano vermelho que tem amarrado à perna? Pois aquilo é a maior honra que um pato pode receber. Significa que é tido em grande conceito pela dona da casa, que por isso o marcou. Agora vamos para a frente e não encolham os dedos, pois um patinho educado anda com pé espalmado, como a mamãe e o papai. Agora dobrem o pescoço e digam: Quá, quá, quá.

Os patinhos obedeciam à mãe em tudo, mas os outros patos do terreiro é que não gostavam de ver mais uma ninhada a disputar-lhes a comida.

- Mais um lote, como se o galinheiro já não estivesse cheio! disse um dêles. E olhem só que bichinho esquisito aquê! Não pertence à nossa raça, concluiu, dando-lhe uma bicada no pescoço.

- Não judie dêle, disse a pata, pois não fêz mal a ninguém.

- Sim, mas é feio e muito grande; precisa de batismo.

- A senhora já tem uma família considerável, falou o patão de tira vermelha na perna.

São todos muito engraçadinhos, com exceção de um, que é um tanto desgracioso. Mas talvez a senhora o passa consertar:

- Não creio que seja possível, excelência, disse a pata. De fato êle não é bonito, mas, em compensação nada muito bem, ou talvez melhor que os outros. Há de crescer bastante e tornar-se mais bem feito de corpo. Acho que saiu assim por ter ficado muito tempo no ôvo, disse ela alisando-lhe as penas eriçadas do pescoço. E continuou: Mas isto não importa muito, pois é pato; se fôsse patinha, sim, seria bem triste. Tenho esperança de que êle cresça sempre forte para lutar pela vida quando grande.

- Os outros patinhos são muito graciosos, falou o patão. Muito bem. Pois passeie à vontade e se encontrar uma cabeça de peixe por aí, pode trazê-la para mim

E foi assim que a ninhada começou a conhecer o mundo.

Mas o pobre desajeitado, que fôra o último a deixar a casca, vivia corrido não só dos patos como também das galinhas, que o não poupavam. Todos o achavam muito grande; um galo d'Angola, que se tinha na conta de imperador por ter vindo ao mundo já de esporas, deu tamanha sova de bicadas no pobre patinho que o coitado já não sabia onde se esconder. De qualquer lado que se virasse eram esporadas, bicadas e esbarrões.

Cada hora que se passava ia aumentando o sofrimento do infeliz. Até seus irmãos o atormentavam, dizendo:

- Não sabemos porque é que o gato não carrega com você de uma vez. Com certeza até êle se espanta com a sua feiúra!

- Antes não tivesse nascido! murmurava a pata cheia de dó.

Em vista disso o patinho feio resolveu fugir. Pulou do galinheiro e sumiu-se num campo, onde passarinhos se assustaram ao vê-lo e voaram para as árvores.

- Até êles se assustam da minha feiúra! pensou desconsolado o pobrezinho. E fechando os olhos continuou a caminhar; até bater num brejo onde havia muitos gansos selvagens. Passou a noite ali, pois estava tão cansado que não se sentia com fôrças para nem mais um passo.

Na manhã seguinte, ao darem com o novo companheiro, os gansos perguntaram-lhe quem era. O patinho esforçou-se por ser amável, cumprimentando a todos muito civilmente.

- Como é feio! observou um dos gansos. Mas isso não importa, contanto que não

pretenda casar-se na nossa família.

Coitado! Nunca semelhante pensamento lhe passara pela cabeça. Não queria mais do que um cantinho onde pudesse ficar sossegado e livre dos tormentos do galinheiro.

Dos dias ali ficou, ao fim dos quais se encontrou com dois gansos ainda novos e por isso mesmo muito petulantes.

- Olá, amigo, você é tão feio que até dá dó! disse um deles. Mas no brejo vizinho moram umas gansinhas muito dengosas que talvez queiram casar-se com você. Por que não tenta isso?

Nesse momento dois tiros cortaram os ares e os dois gansos caíram mortos na água, que imediatamente se tornara vermelha. Pum! pum! Mais dois estrondos fizeram levantar todo o bando de gansos. Novos tiros continuaram a ser disparados. Eram caçadores que haviam cercado o brejo. Uma nuvem de fumaça azulada misturava-se com as folhas verdes, caminhando lentamente impelida pelo vento. Nisto vários cães entraram no brejo, fazendo o patinho quase morrer de medo. Enfiou a cabeça entre as asas quando um enorme cachorrão com a língua de fora, olhos brilhantes e arreganhado, apareceu-lhe me frente. O triste patinho viu chegando seu último momento, mas o cachorrão passou sem fazer-lhe mal algum.

- Arre, que para alguma coisa serviu minha feiúra! Sou tão horrendo que nem mesmo um cachorro é capaz de me morder, suspirou com alívio o patinho.

E ali ficou escondido, ouvindo o estrondo dos tiros até os caçadores se retirarem. Mesmo depois que todos se foram não teve coragem de levantar-se; só algumas horas mais tarde é que se animou a isso. Olhou em volta e vendo tudo em silêncio pôs-se a correr, atravessando campos e colinas até que uma formidável tempestade o impediu de continuar o caminho.

Era já noite. Perto viu uma casinha em tão más condições que se não havia caído era por não se ter decidido de que lado deveria cair. A tempestade continuava fortíssimo e o patinho, vendo aberta a porta, entrou para abrigar-se da chuva.

Os únicos moradores da tapera eram uma velha, um gato e uma galinha. O gato rosnava, coçando-se nas pernas da mesa e gostava muito de colo. A galinha era cotó de pernas e chamava-se mesmo Perna Curta. Todos os dias punha um ovo para a velha que queria muito bem.

Na manhã seguinte quando o gato começou a rosnar e a galinha a cacarejar, o patinho foi descoberto.

- Que é isto? perguntou a velha que não enxergava bem e o tomou por uma pata choca

que viera parar ali. *Que boa coisa! Logo terei dois ovos por dia, a não ser que seja pato. Esperemos.*

Ali ficou o patinho durante três semanas, mas não pôs um só ovo. O gato e a galinha eram senhores da casa e sempre que falavam diziam: - Nós e o mundo – pois julgavam-se metade do universo. O patinho procurava de vez em quando dar uns apartes, que a galinha logo interrompia.

- Você sabe botar ovo?

- Não.

- Pois nesse caso cale a bôca.

- Você sabe rosnar? perguntava o gato.

- Não.

- Pois nesse caso não meta a colher torta na conversa de gente como nós.

O patinho encorujava-se a um canto, muito desconsolado da vida, com uma vontade louca de nadar e mergulhar nalgum lago. Um dia contou à galinha o que lhe passava pela cabeça. A galinha respondeu:

- Tôdas essas fantasias vêm à sua cabeça porque você não tem serviço. Se estivesse fazendo alguma coisa, pondo ovo, ou rosnando, não teria tempo de imaginar bobagens.

- Mas é tão gostoso nadar, sentir a água fechar-se sôbre nossa cabeça quando mergulhamos... explicou o patinho.

- Sim, muito gostoso! repetiu com ironia a galinha. Creio que você não está bom da bola. Pergunte ao gato, que é a pessoa mais sábia que eu conheço, se êle gosta de nadar ou mergulhar. Pergunte à nossa velha dona, mulher que conhece o mundo como a palma da sua mão, se ela quereria nadar e sentir a água fechar-se sôbre a sua cabeça.

- Vocês não me entendem, declarou o patinho.

- Não o entendemos? Muito queria eu saber quem é que o entende! Acho que você não se supõe melhor conhecedor da vida do que o gato e a nossa dona – para não falar em minha pessoa. Não acaricie êsses pensamentos loucos, meu filho; antes agradeça a Deus pelo acolhimento que teve aqui. Pena é que ninguém possa conversar com você. Sua conversa é tôla; não dá prazer nenhum. Acredite que digo isto para o seu bem. Pense melhor e veja se consegue pôr ovo ou rosnar.

- Em vez disso acho que vou correr mundo, ver novas terras, disse o patinho.

- Pois então vá, concluiu a galinha.

O patinho saiu pelo mundo a fora, nadando e mergulhando quando encontrava um

lago. Mas era evitado e desprezado pelos outros animais devido à sua feiúra.

Chegou o outono. As fôlhas das árvores tornaram-se amarelas, depois castanhas. Por fim o vento as fêz dançar no chão. Em certos pontos o frio já se fazia sentir bem forte, com a neve a cair em pequeninos flocos. O pobre patinho tremia de pavor, ao ver o corvo encorujarse num galho e gritar de frio.

Uma tarde, quando o sol acabava de esconder-se, viu um bando de pássaros enormes que erguiam o vôo de um lago. Jamais encontrara criaturas tão lindas e graciosas. Eram cisnes alvíssimos que passavam em busca de terras mais quentes. Elevavam-se tão alto e voavam com tanto garbo que o patinho feio sentiu uma vontade imensa de acompanhá-los. Começou a dar voltas na água e esticando o pescoço soltou um grito tão alto e esquisito que a êle próprio espantou. Nunca mais havia de esquecer aquelas aves belas e felizes. Não sabia que nome tinham, mas sentia qualquer coisa atraí-lo para elas. Que vontade de ser assim, alvo como tais aves e seguras no vôo como se mostravam! Se pudesse viver com elas... Mas como, se era tão desajeitado e feio?

O inverno anunciou-se terrível. O patinho foi obrigado a nadar continuamente, fugindo da água que se ia congelando. Mesmo assim a água logo lhe faltou. Viu-se entanguido de frio, com gêlo de todos os lados.

Na manhã seguinte um camponês que passava por ali, vendo o patinho gelado, levou-o para casa e aqueceu-o, restituindo-o à vida novamente.

As crianças quiseram brincar com êle, mas o patinho, temendo que lhe fizessem mal, pulou para cima de uma vasilha de leite, derramando-o pela sala. A camponesa deu um grito, furiosa, o que mais o amedrontou.

Pôs-se a correr pela sala, derrubando tudo, perseguido pelas crianças que lhe atiravam colheres e garfos. Felizmente, como a porta estivesse aberta, conseguiu fugir, indo parar sôbre um monte de neve, onde ficou com o biquinho aberto de fadiga.

Seria doloroso contar tudo quanto aconteceu ao pobrezinho durante aquêle terrível inverno. Mas quando a primavera voltou, mais uma vez trazendo vida à terra, foi encontrá-lo num brejo, bem vivinho e enrijado pela esfrega.

Podia bater as asas com muito mais fôrça do que antes e já voava com mais rapidez. Voou, voou. De repente viu-se num jardim florido onde lindo lago refletia o céu azul. Como era tudo belo ali, ao despontar da primavera! O patinho estava admirando aquelas novidades quando três cisnes brancos, batendo as asas e nadando cheios de garbo, apareceram à sua frente. Imediatamente reconheceu as aves que vira passar em bando e sentiu por elas a

mesma atração. E decidiu-se.

- Ficarei junto dessas aves reais mesmo que me matem por causa da minha feiúra. Antes morto por elas do que levar bicadas, trancos, pontapés e passar tôda a sorte de privações durante o inverno, pensou lá consigo mesmo ao voar para perto dos cisnes.

- Matem-me, não faz mal! disse o patinho, curvando a cabeça com resignação.

Mas qual não foi a sua surpresa ao ver espelhar-se na água cristalina a sua própria imagem; não a do patinho feio e cinzento que fôra, mas sim a do formoso cisne que era.

Embora nascido num galinheiro saíra dum ôvo de cisne!

Sentiu-se felicíssimo depois de tanto sofrimento ao ver-se assim rodeado de companheiros que o acariciavam com o bico.

Nisto alguns meninos aproximaram-se para lançar pedacinhos de pão às aves. O mais jovem exclamou, admirado, ao dar com o novo cisne:

- Olhem ali mais um!

- É verdade, e mas bonito que os outros! exclamaram os demais, batendo palmas.

E foram todos correndo chamar as outras pessoas da casa para verem a maravilha.

- É realmente o mais bonito! concordaram todos. Tão novo e tão formoso! E como os outros cisnes se curvassem diante dêle, o antigo patinho feio escondeu a cabeça debaixo da asa, muito envergonhado.

Ficou sem saber o que fazer. Sentia-se imensamente feliz, mas livre de qualquer orgulho, pois um bom coração nunca é orgulhoso. Lembrou-se de como fôra judiado, êle que agora era tido como o mais belo entre as mais belas das aves. Até os tristes chorões pareciam curvar-se para a água, como que prestando reverência. O sol também lhe parecia mais tépido e radiante. Êle então bateu as asas, esticou o pescoço e exclamou de todo o coração:

- Jamais sonhei tanta felicidade, no tempo em que era uma patinho feio!

ANEXO C: V3 – compilação de Ash e Higton 1995

Era verão e o campo estava uma beleza, coberto pelo amarelo do trigo maduro e pela aveia verdinha. Sobre a relva, entre os feixes de feno recém-cortado, uma cegonha de pernas compridas e vermelhas passeava falando sozinha. Em torno dos campos e prados se estendiam grandes florestas e no meio das florestas havia lagos profundos. O campo estava mesmo uma beleza. No lugar mais ensolarado erguia-se uma velha mansão, cercada por um fosso fundo. Dos paredões da mansão até a beira da água do fosso crescia uma folhagem alta, tão alta que dava para uma criança pequena ficar em pé sem que ninguém a visse. No meio da vegetação uma pata chocava seus ovos. Faltava pouco para os ovos se partirem, mas ela já estava ficando enjoada de tanto esperar; nem visita aparecia!

Um belo dia os ovos começaram a se abrir. “Piu! Piu!” Até parecia que os ovos tinham ficado vivos: um a um, os minúsculos patinhos espichavam as cabecinhas para fora da casca e começavam a piar.

- Quá, quá! Saiam! Saiam! - dizia mamãe pata. - Saiam daí, saiam daí! - E os patinhos saíam da casca o mais depressa que podiam, olhando para todos os lados debaixo daquela folhagem toda, e a mãe, sabendo que o verde alegra a vista, deixava que eles olhassem à vontade.

- Uau! Como o mundo é grande! - diziam todos os patinhos. Afinal, até aquele momento eles só tinham conhecido o aperto lá de dentro do ovo.

- Vocês acham que o mundo é só isso? - perguntava mamãe pata. - O mundo vai longe, vai até depois do final do jardim, vai até os campos do padre. Digo isso porque sei, mas nunca fui até lá. Deixe ver: Já está todo mundo aqui? - A pata levantou do ninho. - Não, falta um. O ovo maior ainda não abriu. Será que vai demorar muito? - E deitou outra vez sobre o ovo.

- E então? Como vão as coisas? - perguntou uma velha pata que veio fazer uma visita.

- Um dos ovos está demorando muito – disse a pata choca. - Não quer quebrar de jeito nenhum. Mas veja só meus outros patinhos! Não são a coisa mais linda do mundo? A cara do pai, impressionante!

- Deixe-me ver o ovo que não quer se partir – disse a velha pata. - Aposto que é de peruca. Uma vez também me fizeram de boba, você não imagina o que passei com aqueles filhotes. Eles têm medo de água, você acredita? Não entraram no fosso de jeito nenhum. Grasnei e gritei tudo o que sabia, e nada. Esqueça esse ovo, vá ensinar seus outros filhos a

nadar!

- Vou chocar mais um pouco – disse a pata. - Afinal, já faz tanto tempo que estou chocando que um pouquinho mais não vai fazer diferença.

- Tudo bem! Você é quem sabe! - disse a velha pata, e lá se foi.

Até que finalmente o ovão estalou. Tropeçando, saiu lá de dentro um filhote horrivelmente grande e feio.

- Piu! Piu! - dizia ele.

- Que patinho enorme esse aí! - disse a pata quando viu. - Diferente de todos os outros! Com certeza é filho de peru. Bom, logo logo a gente vê. Porque ele vai entrar na água, isso eu garanto, nem que eu seja obrigada a empurrá-lo pessoalmente para dentro do fosso.

No dia seguinte o tempo estava ótimo. O sol brilhava em todas as folhinhas verdes. Mamãe pata foi com a família nadar no fosso. Splash! Mamãe pata pulou na água.

- Venham logo! - disse ela aos filhos, e os patinhos foram pulando um a um. Suas cabecinhas afundavam, mas logo em seguida eles voltavam para a superfície e saíam nadando satisfeitos, mexendo ligeiro as perninhas. Todos foram para dentro da água, até o feioso que nadava no meio dos outros.

- Peru não é... - disse mamãe pata. - Olhem como ele sabe usar as pernas direitinho, como fica com o corpo bem reto... É mesmo meu filho, tenho certeza. E para falar a verdade, quando a gente olha bem... até que ele é bonito. Quá, quá. Agora venham, meus filhos, quero mostrar o mundo a vocês e apresentá-los aos outros patos. Mas não saiam de perto de mim para que ninguém pise em vocês. E cuidado com os gatos!

E assim foram todos para o ponto de concentração dos patos. O lugar estava na maior confusão, com duas famílias brigando por uma cabeça de peixe. No fim quem venceu foi o gato, que saiu correndo com a cabeça.

- Coisas da vida! - disse mamãe pata lambendo o bico. Bem que ela gostaria de ter comido aquela cabeça de peixe! - Agora, meus filhos, força nessas pernas! Vocês estão vendo aquela pata mais velha lá adiante? Vão cumprimentá-la. É a mais importante de todos nós: tem sangue espanhol nas veias e é muito valente. Observem a fitinha vermelha amarrada na perna dela. A fitinha é uma coisa estupenda, é a maior marca de importância que um pato pode ter, pois significa que ninguém vai querer acabar com ele, que bichos e homens vão tratá-lo com muito respeito. Não andem com os pés para dentro. Um patinho bem educado anda com os pés bem separados, igualzinho a mamãe e papai. Isso! Inclinem a cabeça para

ela e digam “quá”.

Foi exatamente o que eles fizeram. Mas os outros patos olharam para eles e fizeram comentários em voz alta.

- Olhem só! Vamos ter que agüentar outra família para fazer barulho. Até parece que já não tem pato que chegue por aqui! E aquele patinho? O que é aquilo? Assim não vai dar, assim já é demais!

E um dos patos correu e bicou o pescoço do filhote grande e cinzento.

- Deixem meu filhote em paz! - disse a mãe. - Ele não está fazendo mal a ninguém.

- É, mas ele é muito grande e esquisito – disse o pato da bicada.

- Seus filhos são muito bonitos, madame! - disse a pata idosa da fitinha na perna. - Todos, fora um, que é um fracasso. Eu gostaria muito que a senhora pudesse fabricar de novo esse tal.

- Não vai dar, Excelência – disse mamãe pata. - Ele não é bonito, mas é muito bem-comportado e nada tão bem quanto os outros. Para falar a verdade, acho até que nada um pouco melhor que os outros. Tenho certeza de que quando ele ficar mais velho vai ficar muito bonito. É que ele se atrasou no ovo e acabou ficando diferente!

Assim falando, mamãe pata deu umas bicadinhas carinhosas no pescoço do filho e ajeitou as penas que estava fora do lugar.

- Os outros patinhos são umas gracinhas – disse a velha pata. - Fiquem à vontade, queridos, mas se encontrarem alguma coisa muito gostosa, por exemplo, uma cabeça de peixe, não esqueçam de sua velha amiga aqui.

Assim, os patinhos entraram para a turma do fosso. Mas o coitado do patinho que tinha saído da casca por último e que era tão feio passava o tempo sendo bicado, empurrado e atormentado por patos e galinhas.

- Ele é grande demais – diziam todos, e o peru, que se achava um verdadeiro imperador, estufava tanto o peito que ficava parecendo um navio de velas enfunadas, e depois avançava para aquele estranho filhote graúdo e grugulejava até ficar todo vermelho. O pobre do patinho não sabia para que lado se virar, estava arrasado por ser feio daquele jeito e por ter virado palhaço daquele bando de patos, galinhas e perus.

Assim se passou o primeiro dia e daí para frente as coisas só fizeram piorar. O coitado do patinho era odiado por todo mundo. Seus próprios irmãos e irmãs eram malvados com ele.

- Se pelo menos o gato desse um jeito em você, sua coisa horrenda!

Até a mãe reclamava.

- Eu queria ver você bem longe daqui!

E tome bicada de pato e de galinha e pontapé da mocinha que alimentava as aves do galinheiro.

A situação chegou a um ponto tal que o patinho feio resolveu fugir e voou por cima da cerca. Os passarinhos escondidos nos galhos dos arbustos voaram apavorados. “Tudo porque sou feio desse jeito...”, pensou o patinho fechando os olhos mas sem parar de correr. No fim ele acabou chegando a um grande pântano onde viviam os patos selvagens. Foi lá que ele passou a noite, morto de cansaço e tristeza.

Pela manhã, antes de levantar vôo, os patos selvagens deram uma olhada no novo companheiro.

- Que tipo de ave é você? - perguntaram, e o patinho se virou e cumprimentou os outros com muita educação.

- Você é tremendamente feio! - disseram os patos selvagens. - Mas para nós tanto faz, desde que você não invente de se casar com alguém da nossa família.

Pobrezinho, imagine se ele ia pensar em se casar com alguém! A única coisa que ele queria era que o deixassem em paz no meio dos juncos e não brigassem com ele por beber a água do charco.

O patinho passou dois dias inteirinhos no meio dos juncos. No terceiro apareceram dois gansos selvagens. Eles tinham saído da casca poucas horas antes, por isso estavam tremendamente orgulhosos de si.

- Ei, amigo! - disseram. - Você é tão feio que estamos simpatizando com você. Você não quer ser nosso companheiro e virar ave migratória? Há um outro pântano não muito longe daqui onde vivem muitas gansas selvagens, essas criaturas doces e encantadoras, todas elas solteiras e todas craques na arte de dizer “quá”. Feio desse jeito, imagine o sucesso que você ia fazer!

- Bang! Crac!

O barulho se repetiu e bandos de gansos selvagens levantaram vôo do meio dos juncos. Era uma grande caçada, o pântano estava totalmente cercado por caçadores. Alguns deles haviam subido nas árvores e vigiavam os juncos. Nuvens de fumaça azul se erguiam entre as árvores escuras e ficavam flutuando na distância, suspensas sobre a água. Ágeis, elásticos, os cães de caça avançaram pela lama; splish, splash, os juncos se inclinaram em todas as direções. Foi uma experiência aterradora para o pobre patinho, que torceu a cabeça

para escondê-la debaixo da asa. Exatamente nesse momento um cachorrão de dar medo chegou perto dele com a língua de fora e um brilho horrendo nos olhos. O cachorro se aproximou do patinho com a boca escancarada, mostrando os dentes pontudos, mas depois se afastou sem machucá-lo.

- Ah, meu Deus, obrugado! - suspirou o patinho. - Sou tão feio que nem o cachorro quer saber de mim.

E se escondeu todo, ficou bem quietinho enquanto os tiros zuniam sobre os juncos e revólveres eram disparados por todo lado.

O dia já ia longe quando tudo se acalmou, mas o pobre pato não conseguia criar coragem de levantar a cabeça. Várias horas de passaram até ele abrir os olhos para avaliar a situação e em seguida sair correndo a toda para longe daquele pântano. Atravessou campos e pradarias; o vento soprava com tanta força que ele mal conseguia andar.

De noitinha chegou à cabana de um pobre camponês. A cabana estava tão desmantelada que só não desmoronava por não saber para que lado cair. O vento assobiava com tanta violência ao redor do patinho que ele foi obrigado a sentar-se sobre o penacho do rabo para não ser carregado. Foi então que ele percebeu que uma das dobradiças da porta da cabana estava desencaixada e a porta atravessada no caixilho, deixando espaço suficiente para se entrar na cozinha pela fresta. E foi exatamente o que ele fez.

Na cabana viviam uma velha, a galinha da velha e o gato da velha, e o gato, que ela chamava de Meu Sol, sabia arquear o dorso e ronronar. Outra coisa que ele sabia fazer era estalar e soltar faíscas: era só alisar o pêlo dele ao contrário. A galinha, que era uma senhora de pernas curtas, tinha recebido o nome de Cotó. Era ótima poedeira e a velha gostava dela como se fosse sua filha.

Pela manhã a velha, o gato e a galinha perceberam imediatamente que havia um patinho estranho na casa, e o gato começou a ronronar e a galinha a cacarejar.

- O que está havendo? - disse a velha, olhando para todos os lados. Mas como sua vista não era boa, achou que o patinho era um pato gorducho que tinha perdido o rumo.

- Ótimo – comentou. - Agora vou comer ovo de pata à vontade. Tomara que não seja macho. Veremos.

O patinho recebeu permissão para ficar morando com eles por três semanas, mas evidentemente não pôs ovo nenhum. O senhor da casa era o gato, e a galinha a senhora, e os dois passavam o tempo dizendo: “Nós e o mundo!”, como se acreditassem ser metade do mundo, a melhor metade, diga-se de passagem. Na opinião do patinho nem todo mundo

pensava a mesma coisa, mas a galinha não estava interessada na opinião dele.

- Você sabe pôr ovo? - ela perguntou.

- Não.

- Então cale a boca.

Depois era a vez do gato.

- Você sabe arquear o dorso, ronronar e fazer seu pêlo estalar?

- Não.

- Então não tem direito de dar palpite quando pessoas sensatas dizem alguma coisa.

O patinho ficou muito triste e foi para um canto da cozinha. De repente, começou a pensar em sol, em ar fresco, e ficou tão empolgado com o estranho desejo de boiar na água que no fim não aguentou e contou à galinha.

- O que deu em você? - perguntou ela. - É tédio, você está com essas manias bobas porque está entediado. Ponha ovos ou ronrone que passa.

- Mas é tão gostoso boiar na água! - disse o patinho. - É tão divertido enfiar a cabeça na água e mergulhar até o fundo!

- Ah, com toda a certeza – disse a galinha. - Na minha opinião você ficou maluco. Pergunte ao gato. Ele é o sujeito mais informado que eu conheço. Você acha que ele gosta de boiar na água e mergulhar até o fundo? Se duvidar, pergunte à nossa dona; ela é a pessoa mais sábia do mundo. Você pensa que ela está com vontade de boiar e enfiar a cabeça na água?

- Vocês não estão entendendo nada – disse o patinho.

- Se nós não entendemos, quem vai entender? Imagino que você não tenha a pretensão de saber mais do que o gato e a velha, isso sem falar em mim. Pare de fazer bico, meu filho, e agradeça a hospitalidade e o carinho que lhe dão. Por acaso não foi recebido numa cozinha quentinha, não achou amigos que lhe ensinam as coisas da vida? Mas você é muito bobalhão, muito sem graça. Vou lhe explicar algumas verdades, porque é para isso que servem os amigos. Primeiro dê um jeito de começar a pôr ovos e de aprender a ronronar.

- Acho que estou com vontade de sair por aí, pelo vasto mundo – disse o patinho.

- Vá em frente – disse a galinha.

O patinho saiu da cabana. Boiou na água e mergulhou até o fundo do lago, mas como era muito feio foi ignorado por todos os animais que encontrou.

Não demorou muito, o outono chegou. As folhas da floresta ficaram amarelas e marrons e o vento se apropriou delas e fez com que enchessem o espaço com sua dança. O ar

tinha um travo frio, as nuvens do céu estavam pesadas de granizo e neve e sobre a cerca um corvo grasnava “Cau! Cau!”, porque sentia um frio pavoroso. Só de pensar dá um arrepio na espinha. As coisas estavam pretas para o coitado do patinho.

Uma tarde de pôr-do-sol deslumbrante um bando inteiro de lindas aves bem grandes levantou vôo do matagal. O patinho nunca tinha visto coisa mais linda. As aves eram muito brancas, seus pescoços eram compridos e elegantes. Os cisnes, pois aquelas aves eram cisnes, soltaram um grito impressionante, abriram as asas magníficas e voaram das regiões frias para outras mais quentes em busca de lagos menos gelados. Quando eles subiram até o alto do céu, o pequeno patinho feio sentiu uma coisa esquisita. Fez uma curva na água parecendo uma roda, espichou o pescoço para o alto na direção das aves que tinham levantado vôo e soltou um grito tão forte e surpreendente que até ele mesmo se assustou. Não conseguia esquecer aquelas aves. Quando elas desapareceram por completo ele ficou tão agitado que mergulhou na água até o fundo, depois voltou para a superfície. Não sabia como aquelas aves se chamavam, nem para onde elas estavam indo, mas o amor que sentia por elas nunca havia sentido por ninguém. Não era inveja, pois não lhe passava pela cabeça desejar tanta beleza para si próprio. Para ele o máximo da felicidade seria aquelas aves aceitarem sua companhia. Coitado do pato feioso!

O inverno chegou, um inverno muito, muito frio. O patinho foi obrigado a ficar nadando para lá e para cá para impedir que a água ficasse completamente congelada. Mas a cada noite que passava o buraco em que ele nadava ia ficando menor; de tão duro, o gelo começou a estalar; o patinho tinha que mexer as patas o tempo inteiro para que a água não se congelasse com ele. No fim, acabou ficando cansado e parou de se mexer; em pouco tempo estava firmemente preso no gelo.

Cedinho de manhã apareceu um camponês. Ao ver o patinho quebrou o gelo com a botina, depois levou o pobrezinho para casa e entregou-o à mulher, que cuidou dele e o reanimou. As crianças quiseram brincar com ele, mas o patinho achou que estavam querendo machucá-lo; aterrorizado, voou para dentro do tarro de leite, esparramando o leite pela cozinha inteira. A mulher do camponês começou a gritar e levantou as mãos. Vendo isso o patinho voou para a tina de manteiga, depois para a lata de farinha, depois saiu novamente. Estava uma imundície. A mulher do camponês gritava e foi para cima dele com um espeto; rindo e berrando, as crianças se chocavam umas contra as outras tentando agarrar o patinho. Por sorte a porta estava aberta e ele pôde fugir daquela casa correndo pela neve recém-caída, foi se abrigar nos arbustos e ficou escondido. Sua sensação era de estar fora da

realidade.

Seria muito triste se fôssemos contar todos os sofrimentos, toda a infelicidade que ele foi obrigado a enfrentar naquele inverno tão frio. Mas um dia o patinho estava deitado no pântano no meio dos juncos quando os raios do sol começaram a brilhar e as cotovias a cantar. Havia chegado a primavera.

De repente o patinho abriu as asas e percebeu que ela tinham mais força do que antes e que o impulsionavam para a frente com mais energia. E antes de entender muito bem onde estava, foi parar no meio de um grande jardim onde as macieiras estavam em flor e o ar tinha o perfume adocicado dos lilases que pendiam dos longos ramos verdes e roçavam a água dos canais sinuosos. E bem na frente dele, no meio das moitas, surgiram três cisnes brancos deslumbrantes. Os cisnes ruflaram as penas e flutuaram com muita leveza sobre a água. O patinho reconheceu as criaturas magníficas e foi tomado por um estranho sentimento de tristeza.

- Vou voar até aquelas aves, até aquelas criaturas majestosas, nem que elas me biquem até a morte por eu ser tão feio e ousar chegar perto delas. Mas não faz mal. Melhor ser morto por elas do que bicado pelos patos, beliscado pelas galinhas, chutado pela criada e sofrer as agruras do inverno.

E pensando assim, voou até a água e depois nadou na direção dos majestosos cisnes. Os cisnes olharam para ele, ruflaram as penas e vieram em sua direção. O pobrezinho abaixou a cabeça, olhando para a água, e esperou. Mas que foi que ele viu na água límpida? Por baixo de si, viu sua própria imagem; só que sua imagem não era mais a de um desajeitado pássaro cinza-escuro, feio e repelente. Ele era um cisne! Pois mesmo tendo nascido no cercado dos patos tinha saído de um ovo de cisne, era um cisne!

O patinho ficou muito feliz pensando nos sofrimentos e dificuldades que atravessara. Só agora tinha condições de entender as maravilhas que o destino lhe reservava. Enquanto isso os grandes cisnes nadavam em torno dele e acariciavam seu pescoço com os bicos.

Algumas crianças saíram para o jardim e jogavam pão e trigo na água. A menor gritou:

- Olhem! Um novo!

Encantadas, as outras crianças também gritaram.

- É, chegou um novo!

E começaram a bater palmas e dançar na margem do lago. Depois foram correndo chamar a mãe e o pai e todos jogaram pão e bolo na água dizendo:

- O mais novo é o mais bonito. Tão jovem! Que beleza!

E os cisnes velhos se inclinaram diante do novo.

Envergonhado, ele escondeu a cabeça atrás da asa. Não sabia o que pensar. Estava muito feliz e todo atrapalhado com tanta felicidade, mas não sentia orgulho. Pensou em todos os ataques e humilhações que havia sofrido e em como agora todo mundo vinha lhe dizer que ele era o pássaro mais belo do mundo. Diante de si via os lilases que se inclinavam até a água e o sol quentinho com seus raios brilhantes; rufou as penas e ergueu o pescoço esguio e se alegrou de todo coração por ter encontrado uma felicidade que jamais havia podido imaginar.

Era um lindo dia de verão no campo. O trigo estava dourado, a aveia verde e fardos de feno empilhavam-se na pradaria. A cegonha passeava com suas longas pernas vermelhas, falando egípcio, a língua que aprendera com sua mãe. Bosques extensos circundavam os campos e pradarias, e no meio dos bosques avia lagos profundos. Ah, sim, o campo estava realmente lindo!

O velho solar, rodeado por um fosso, banhava-se no Sol. Do encontro de suas paredes com a água surgiam azedas, plantas tão altas que uma criancinha poderia se esconder em pé, sob as maiores. Tudo crescia de forma maravilhosa naquele lugar, e era ali que uma mamãe pata estava sentada em seu ninho.

Ela desejava que seus patinhos se apressassem e saíssem logo de seus ovos. A pata não agüentava mais esperar, pois o choco estava demorando muito. Era aborrecido para ela, que raramente recebia visitas. Os outros patos e patas preferiam nadar no fosso em vez de sentar sob uma folha de azeda para papear com ela.

Finalmente, um após o outro, os ovos começaram a rachar.

- Pip, pip! – eles fizeram. Todas as gemas tinham nascido e esticavam a cabeça para fora das cascas.

- Quá, quá! – disse a mãe, e então todos começaram a grasnar enquanto bamboleavam sob as folhas verdes. A mamãe pata deixou-os observar os arredores o quanto quisessem, pois verde faz bem aos olhos.

- Ora, como o mundo é grande! – exclamaram os recém-nascidos, o que era de esperar, pois eles contavam com muito mais espaço do que tinham dentro do ovo.

- Ah, vocês acham que isto é todo o mundo? – perguntou a mamãe pata. – Ele vai muito além do outro lado do jardim, nos campos do pastor. Mas eu nunca fui tão longe! Agora todos venham aqui. – Ela se ergueu. – Não, está faltando um! Vejam só! O maior ovo ainda não se abriu. Vou ter que esperar muito, ainda? Logo vou perder a paciência! – E então ela se sentou novamente.

- Como vai? – perguntou uma pata mais velha, que fora visitá-la.

- Um dos ovos está demorando demais! – resmungou a mamãe pata. – Não abre! Mas olhe os outros: são os patinhos mais lindos que já vi! Todos se parecem com o pai, aquele velho malandro, que nunca vem me visitar!

- Deixe-me ver esse ovo, o que não abre – insistiu a pata velha. – Ora, esse é um ovo

de perua, pode acreditar! Eu me deixei enganar assim uma vez, e sofri muito com os pobrezinhos, porque eles têm medo da água. Eu não conseguia fazê-los sair. Eu grasnava e batia, mas nada resolvia. Deixe-me ver esse ovo! Isso mesmo, é um ovo de perua. Deixe-o para lá e vá ensinar as crianças a nadar!

- Ah, bem, posso ficar sentada nele mais um pouco – disse a mamãe pata -, já que estou assim há tanto tempo.

- Como preferir! – grasnou a pata velha enquanto se afastava.

Finalmente, aquele ovo grande se abriu.

Pip, pip! – fez o recém-nascido ao sair. Ele era grande e feio.

A mamãe pata olhou para ele.

- Esse patinho grande é realmente horrível – ela admitiu. – Nenhum dos outros é assim! Mas não pode ser filhote de peru. Ah, bem, logo vamos descobrir. Ele vai para a água nem que eu tenha que chuta-lo.

O dia seguinte amanheceu magnífico. O Sol brilhava em todas as plantas azedas, enquanto a mamãe pata ia para o fosso com toda a sua família. Chuá! Ela pulou na água.

- Quá, quá! – ordenou.

Um patinho após o outro pulou atrás dela. Eles afundavam na água, mas logo reapareciam, e flutuavam muito bem. Suas pernas moviam-se automaticamente e todos estavam nadando. Até o feioso cinzento.

- Não, senhor, esse aí não é peru! – riu-se a mãe. – Olhem como ele sabe usar as pernas, e sua postura, perfeita! É meu filho, sim, e é fofinho, se você olhar bem.

- Quá, quá! Venham, venham. Sigam-me que vou lhes mostrar o mundo e apresentá-los no curral. Fiquem perto de mim, para que ninguém pise em vocês. E cuidado com o gato!

E, assim, a família chegou ao curral. Estava um barulho terrível, pois duas famílias de patos disputavam uma cabeça de enguia. Enfim, o gato a pegou.

- Viram, crianças? Assim são as coisas no mundo! – observou a mamãe pata enquanto lambia o bico, pois bem que gostaria de ter pego aquela cabeça de enguia.

- Usem as pernas! – ela insistiu. – Grasnem educadamente e cumprimentem aquela pata velha ali! Ela tem sangue espanhol, por isso é rechonchuda. Estão vendo aquela faixa vermelha na perna dela? É algo especial, a maior honra que um pato pode receber. Significa que ninguém pode lhe fazer mal, e é reconhecida por animais e humanos! Comecem a grasnar, e não tropecem em suas próprias pernas! Patinhos bem-educados viram os dedos para fora, como a mamãe e o papai. Assim, vejam! Curvem a cabeça e digam “quá!”.

Os patinhos fizeram como a mamãe falou, mas os outros patos olharam para eles e reclamaram em voz alta:

- Vejam isso, agora temos que suportar essa ralé! Como se já não fôssemos muitos! Eca! Como é feio esse patinho. Não vamos tolerar essa coisa!

Um deles voou para junto dele e o bicou no pescoço.

- Deixe-o em paz! – reclamou a mãe. – Ele não está fazendo mal a ninguém.

- É, mas ele é muito grande e esquisito – disse o pato que o atacara. – Então ele precisa sofrer um pouco.

- São crianças muito bonitas! – observou a pata velha com a faixa vermelha na perna. – Todos são belos a não ser esse que deu errado. Gostaria que ele pudesse ser feito novamente.

- Isso não é necessário, Sua Alteza! – respondeu a mamãe pata. – Ele pode não ter boa aparência, mas tem ótima índole. E sabe nadar tão bem quanto os outros. E ousou dizer que até melhor! Tenho certeza de que, depois de crescer, ele vai ficar muito bonito, ou mais proporcional. Ele simplesmente ficou muito tempo no ovo, por isso não tem a forma correta! – Então ela o aconchegou e alisou seu pescoço com o bico. – Além disso, ele é macho – acrescentou - , então a aparência não importa muito. Acho que ele vai ficar forte e conseguirá abrir seu caminho na vida.

- Bem, os outros patinhos são lindos! – disse a pata velha. – Sintam-se em casa, e, se encontrarem uma cabeça de enguia, podem trazer para mim!

Bem, eles se sentiram em casa. Mas o patinho feio, que saíra por último do ovo, era bicado e golpeado, e tinha virado o assunto de muitas piadas feitas pelos outros patos e galinhas.

- Ele é grande demais! – todos ralhavam.

O peru, que nascera com esporas e por isso achava que era o imperador, encheu o peito como um navio a plena vela, foi até ele e gorgolejou com tanta violência que ficou com o rosto todo vermelho.

O pobre patinho não sabia para quem ou onde se virar. Ele se sentia muito mal porque era feio e ridicularizado por todos no curral. A cada dia a situação ficava pior. O pobrezinho era perseguido por todos. Até seus irmãos e irmãs eram cruéis com ele. Eles ficavam repetindo:

- Se pelo menos o gato o pegasse, seu coisa feia!

Sua mãe dizia:

- *Eu gostaria que você estivesse longe daqui.*

Os patos o atacavam, as galinhas o bicavam e até a garotinha que alimentava os animais lhe deu um chute.

Um dia o patinho voou por cima da cerca. Os passarinhos pousados nos arbustos se assustaram e levantaram vôo.

“Eles se assustaram porque sou muito feio”, pensou enquanto fugia.

Assim, ele chegou a um grande lago, onde os patos selvagens viviam. E lá ficou a noite toda, sentindo-se cansado e desanimado.

Pela manhã, os patos selvagens chegaram para nadar e observaram seu novo companheiro.

- O que você é? – perguntaram, enquanto o patinho se virava, cumprimentando-os da melhor maneira que sabia. – Você é assustadoramente feio! – disseram os patos selvagens. – Mas isso não nos incomoda, desde que não se case com alguém da nossa família.

Pobrezinho! Ele não estava preocupado com casamento. Ele só queria poder descansar no bambuzal e beber um pouco de água do brejo.

Dois dias depois os gansos selvagens chegaram. Eles eram machos, muito jovens e, portanto, muito petulantes.

- Ei, amigo! – eles grasnaram. – É tão feio que gostamos de você. Por que não migra conosco? Conhecemos umas garotas legais, gansinhas bem atraentes, num lago não muito longe daqui. Elas vão fazer você dizer “quá!”. Talvez encontre a felicidade, embora seja tão feio!

Bangue! Bangue! Os tiros soaram acima deles, e dois gansos selvagens caíram mortos no bambuzal. A água ficou vermelha de sangue. Bangue! Bangue! O som ecoou através do lago e uma revoada de gansos selvagens ergueu-se do bambuzal. Mais tiros foram disparados. Era uma grande caçada. O grupo de caçadores estava ao redor do lago. Alguns sentavam-se nas árvores, escondendo-se entre os galhos que se estendiam por sobre o bambuzal. A fumaça azul espalhava-se como nuvens entre as árvores escuras e por cima da água. Bambus e juncos agitavam-se violentamente para frente e para trás.

O patinho ficou aterrorizado. Ele virou sua cabeça para escondê-la sob a asa, mas nesse momento viu um cachorrão enorme perto dele. A língua estava pendurada para fora da boca e seus olhos brilhavam assustadoramente. Ele abriu a bocarra, mostrando os dentes afiados. Mas foi embora sem pegar o patinho.

- Graças a Deus! – suspirou o patinho. – Sou tão feio que nem o cachorro quis me

comer.

Então ele se abaixou e procurou ficar imóvel.

Houve uma chuva de balas no bambuzal conforme os tiros se sucediam. Só muito mais tarde, naquele dia, a situação se acalmou. Mas mesmo então o pobre patinho não ousou se levantar. Ele ainda esperou muitas horas antes de levantar a cabeça para olhar ao redor. Finalmente, ele fugiu do lago o mais rápido que pôde, passando sobre campos e pradarias. Mas estava muito difícil, pois um vento forte soprava contra ele.

Ao anoitecer, ele encontrou uma casa de fazenda bem pobrezinha. Ela estava em tão más condições que não conseguia se decidir para que lado cair, e assim permanecia em pé. O vento uivava ao redor do patinho, e este teve que sentar sobre a cauda para não ser levado. A ventania foi ficando mais forte, e o patinho reparou que a porta da casa tinha caído de uma das dobradiças, ficando pendurada de forma tão torta que ele conseguiria se espremer através da abertura e entrar na sala. E foi o que fez.

Uma velha senhora morava naquela casa com seu gato velho e uma galinha. O gato, que se chamava Filhote, gostava de arquear as costas e ronronar. Ele soltava chispas de felicidade quando alisavam seu pêlo ao contrário. A galinha tinha pernas curtas e grossas e de chamava Cacareca Pernas Curtas. Ela era uma poedeira, e a velha senhora tratava dela como se fosse sua própria filha.

Pela manhã, eles repararam no estranho patinho. O gato começou a ronronar e a galinha a cacarejar.

- O que é isso? – a velha senhora perguntou, mas, como não enxergava muito bem, pensou que o patinho fosse uma pata gorda que se perdera. – É um achado e tanto! – ela disse. – Agora posso ter ovos de pata, a não ser que seja um pato. Não custa tentar.

E, assim, o patinho foi aceito para um período de testes de três semanas. Mas ele não pôs nenhum ovo. O gato era o senhor da casa e a galinha era a senhora. E eles sempre se referiam a eles mesmos como “Nós e o mundo”, pois acreditavam que eram metade do mundo – e a melhor metade, na verdade!

O patinho pensou que era possível ter uma opinião diferente, mas a galinha nem queria ouvi-lo.

- Você sabe pôr ovos? – ela perguntou-lhe.

- Não – respondeu o patinho.

- Então deveria ficar quieto!

Em seguida, o gato perguntou:

- *Você consegue arquear suas costas, ronronar e soltar chispas de felicidade?*

- *Não – respondeu o patinho.*

- *Então não deve dar sua opinião quando pessoas especiais estiverem falando!*

O patinho se sentou no canto, começando a ficar deprimido e a pensar em ar puro e Sol. Ele tinha saudades de nadar. Enfim, ele não se conteve e foi falar com a galinha a respeito.

- *O que há com você? – ela perguntou. – Você não sabe fazer nada, isso é o que há de errado com você! Comece a pôr ovos ou a ronronar e sua depressão acaba.*

- *Mas é muito legal flutuar na água – explicou o patinho - , é gostoso mergulhar a cabeça até lá embaixo!*

- *Claro. Posso imaginar! – provocou a galinha. – Você deve estar louco! Pergunte ao gato, animal mais esperto que conheço, se ele gosta de flutuar na água ou mergulhar nela. Nem falo por mim mesma. Pergunte à nossa velha senhora. Ninguém no mundo é mais sábio que ela! Você acha que ela gosta de nadar e mergulhar na água?*

- *Você não entende... – o patinho tentava explicar.*

- *Nós não entendemos? Quem poderia entender, então? Você nunca será mais sábio que o gato ou a velha senhora, para não falar de mim! Controle-se criança! Você deveria estar grato ao seu Criador por todas as coisas boas que já encontrou. Não foi bem recebido numa casa quente por pessoas que podem lhe ensinar alguma coisa? Ainda assim, você é um incômodo e não é nem um pouco agradável tê-lo por perto. Acredite em mim. Falo para o seu próprio bem. Estou lhe dizendo a verdade, e, embora possa ser desagradável ouvi-la, é assim que se reconhece o verdadeiro amigo. Dê um jeito de pôr ovos ou de aprender a ronronar.*

- *Acho que eu vou sair para o mundo! – respondeu o patinho.*

- *Tudo bem, faça isso – desdenhou a galinha.*

Assim, o patinho feio se foi. Ele nadou e mergulhou num lago ali perto, mas foi ignorado pelos outros patos porque era muito feio.

O outono chegou. As folhas da floresta ficaram amarelas e depois marrons, e o vento as levou e as fez dançar.

O céu esfriou e as nuvens carregavam flocos de neve e granizo.

- *Crás! Crás! – guinchou um corvo sobre a cerca, reclamando do frio.*

Na verdade, só de pensar no tempo dava arrepios. O pobre patinho estava sofrendo um bocado.

Certo dia, ao anoitecer, uma linda revoada de pássaros grandes saiu de trás dos

arbustos. O patinho nunca vira nada tão extraordinário. Suas penas eram absolutamente brancas e reluziam no ar gelado. Tinham pescoços longos e graciosos. Eram cisnes. Soltaram gritos altos e lindos, esticaram as magníficas asas longas e voaram para terras mais quentes e mares abertos.

E quanto mais e mais eles subiam, um sentimento estranho mexia com o patinho. Ele remava de um lado para o outro na água, igual a uma roda, então esticou seu pescoço no ar, igual aos cisnes, e soltou um grito tão alto e estranho que ele próprio se assustou.

Ele jamais poderia se esquecer daqueles pássaros magníficos e afortunados. Assim que os perdeu de vista, o patinho mergulhou até o fundo do lago. Quando voltou à superfície, estava fora de si. Ele não sabia como se chamavam aquelas aves ou para onde tinham voado, mas as amava como nunca tinha amado qualquer coisa antes.

O patinho não as invejava, pois não imaginava que pudesse desejar tal futuro para si mesmo. Ele ficaria feliz se os outros patos o tolerassem. O pobrezinho feioso!

O inverno chegou frio, muito frio. O patinho tinha que ficar nadando continuamente, para que a água não congelasse. Mas a cada noite o buraco em que ele nadava ficava menor e menor. O gelo ao redor do patinho rangia enquanto ele agitava as pernas. Finalmente, ele se cansou muito e não conseguia mais se mexer. O patinho ficou parado e endureceu no gelo.

Na manhã seguinte, por acaso, um fazendeiro passou por ali. Ele viu o patinho, foi até lá, quebrou o gelo com seus tamancos e levou o pobrezinho para sua mulher, em casa. Lá, o casal conseguiu reaviva-lo.

Os filhos do fazendeiro queriam brincas com ele, mas o patinho achou que quisessem machucá-lo. Assustado, correu para o balde de leite, virando-o e derrubando leite pela sala.

A mulher gritou e jogou as mãos para cima. Então o patinho voou para a tigela de manteiga, depois pulou para o barril de farinha e subiu de novo. Dá para imaginar como ele ficou! A mulher foi atrás dele com o atiçador da lareira.

As crianças riam e gritavam e pulavam tentando pega-lo. Felizmente a porta estava aberta. O patinho correu para fora, onde tinha caído mais neve, e se jogou sob os arbustos, onde ficou, exausto.

Seria muito triste contar todos os sofrimentos e privações que o patinho sofreu durante aquele inverno rigoroso. Ele se abrigou num brejo em meio ao bambuzal. E então o Sol começou a brilhar e a aquecer a terra novamente, e, quando as cotovias cantaram, ele soube que a primavera tinha chegado!

Então o patinho ergueu suas asas que se elevaram no ar mais fortes que antes e

rapidamente carregaram-no adiante. E, antes que percebesse, estava num amplo jardim onde macieiras floresciam e lilases perfumados pendiam de galhos verdes sobre um riacho sinuoso. Era tão maravilhoso o resplendor da primavera!

Então saíram do bambuzal, bem à sua frente, três belíssimos cisnes brancos, que agitaram suas asas e flutuaram agilmente sobre a água. O patinho reconheceu aqueles animais magníficos e novamente foi preenchido por um estranho sentimento.

- Se eu voar até essas aves reais, elas vão me bicar até a morte, pois sou horrendo e não deveria ousar-me aproximar delas. Mas que importa? É melhor ser morto por elas do que levar bicadas de patos, de galinhas e chutes da garota que toma conta do curral, e depois sofrer durante todo o inverno.

O patinho pousou na água e nadou até os magníficos cisnes. Quando o viram, estenderam suas asas eriçadas na direção dele.

- Vamos, podem me matar! – disse a pobre criatura enquanto curvava a cabeça em direção à água esperando a morte.

Mas o que ele viu no riacho claro? Em seu próprio reflexo percebeu que não era mais uma ave desajeitada, cinzenta, feia e de aspecto esquisito. Ele próprio era um cisne! Não importava que tivesse nascido no celeiro, pois tinha saído de um ovo de cisne.

O jovem cisne sentiu-se definitivamente feliz por todas as tristezas e durezas que enfrentara, pois já podia dar valor àquela bênção que se derramava sobre ele. Os cisnes grandes nadaram ao seu redor e o afagaram com seus bicos.

Diversas crianças correram para o jardim. Elas jogaram pão e grãos na água, e a menorzinha gritou:

- Olhem, tem um novo!

- É, apareceu um cisne novo! – responderam alegremente as outras crianças, batendo palmas e dançando. E então correram para chamar seus pais e mães. Mais pães e grãos foram jogados na água e todos concordaram:

- Esse é o mais lindo de todos! Tão novo e fofo!

Os mais velhos fizeram-lhe uma reverência, mas o jovem cisne se sentiu envergonhado e escondeu a cabeça sob a asa, sem saber muito bem por quê. Ele estava muito feliz, mas não orgulhoso, porque o bom coração não sabe o que é orgulho. Ele pensou no quanto tinham lhe batido e ridicularizado. E agora ouvia dizerem que ele era o mais lindo dentre as aves lindas. Os lilases curvaram seus galhos para dentro da água. O Sol acariciou-o com seu brilho quente. Ele eriçou as penas, ergueu o pescoço esbelto e, de todo o coração, cantou de

alegria.

- Eu nunca pensei que pudesse ser tão feliz quando era um patinho feio!